

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

POR ONDE ANDAM AS FESTAS?

**Um estudo sobre a (re) organização social dos moradores de Cruz das
Armas, João Pessoa – PB.**

ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA

Recife - PE

2006

ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA

POR ONDE ANDAM AS FESTAS?

**Um estudo sobre a (re) organização social dos moradores de Cruz das
Armas, João Pessoa – PB.**

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Sociologia do
Centro de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal
de Pernambuco, sob a orientação da
Professora Doutora Cynthia
Hamlin.

Recife - PE

2006

Souza, Alessa Cristina Pereira de
Por onde andam as festas? Um estudo sobre a
(re)organização social dos moradores de Cruz das
Armas, João Pessoa _ PB. / Alessa Cristina Pereira de
Souza. – Recife : O Autor, 2006.
135 folhas : il., fig., fotos, mapas, tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de
Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2006.

Inclui bibliografia e anexos.

1. Violência – Aspectos sociais - Cruz das Armas,
João Pessoa-PB. – 2. Sociabilidade. 3. Sociologia
urbana. 4. Cultura popular. 5. Organização social. I.
Título.

303.62
316.48

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

UFPE
BC2006-214

ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA

POR ONDE ANDAM AS FESTAS?

**Um estudo sobre a (re) organização social dos moradores de Cruz das
Armas, João Pessoa – PB.**

Aprovada em _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. CYNTHIA HAMLIN
Orientadora

MEMBRO INTERNO

MEMBRO EXTERNO

Dedico este trabalho a Anne Gabriele (Anne, Gabi, Binha ou simplesmente, minha alma loira), pelo acompanhamento de cada respiração aflita e cada suspiro aliviado, cada lágrima e cada sorriso; pela simples existência do sorriso gritante, do beijo doce e do abraço morada.

AGRADECIMENTOS

Manifesto aqui, publicamente, meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que me acompanharam e que, de uma forma ou de outra, me ajudaram nesses 2 (dois) longos anos de trajetória.

A Cynthia Hamlin, orientadora deste trabalho, pelo acolhimento em um novo meio que se apresentava, pelo empenho em todo esse processo de aprendizagem conjunta, pela liberdade e confiança depositada durante o desenvolvimento desta pesquisa e pela paciência nas leituras e releituras.

A Mauro Koury, pela formação e incentivo que me possibilitou entrar no PPGS/UFPE; pelo entusiasmo com que ele nos ensina o que é “imaginação sociológica.”.

A Marluce e Cosme pelo silêncio consentido de ambas as partes; pelo carinho, admiração e compreensão com alguém que quase nunca sabe desempenhar o papel de filha.

Aos dois homenzinhos da minha vida: Alysson, um irmão que me completa por ser o meu oposto querido; e, João Vittor, meu pequeno sobrinho, que trouxe luz, entusiasmo, alegria e inocência a alguém tão racional.

Um agradecimento especial a mais que amiga, irmã, companheira, conselheira, amada Anne Gabriele. Pelos anos de convivência antes, durante e depois do mestrado. Pela paciência, pelo incentivo, pela sensibilidade de saber falar e calar nas horas certas... pelos bons e maus momentos, simplesmente, pela presença e pela ausência consentida.

A Gugão e Sandrinha, que chegaram e ocuparam um lugar bastante especial em minha vida, dividindo angústias, alegrias e vitórias.

A Aninha, por ouvir, horas a fio, conversas sobre o que ela não entendia, sem queixas; por essa longa amizade que se retrata para além das coisas úteis e fúteis.

A Cadu, que embora tenha surgido no final dessa trajetória, (*talvez tenha pego a pior fase*) soube compreender cada momento de ansiedade com uma calma invejável e um incentivo entusiasmante.

A todos os colegas com quem convivi no PPGS/UFPE nos anos de 2004/2005, tantos os que compõem o mestrado quanto os que formam as turmas de doutorado, pelo acolhimento aconchegante em terras estranhas, pelas orientações, pelas dicas, ou simplesmente, pela convivência harmoniosa que deixará saudades.

Aos professores que formam o quadro do PPGS/UFPE, em especial aqueles com quem convivi mais diretamente: Eliane Veras, Remo, José Sérgio, Jorge Ventura e Salete Cavalcanti.

Ao CNPq, pela bolsa que me possibilitou o desempenho deste trabalho em dedicação integral.

Aos funcionários do CFCH, em especial aos do PPGS/UFPE pela prontidão em ajudar quando necessário.

Aos funcionários do Arquivo de jornais do Espaço Cultural, pela ajuda na coleta de dados jornalísticos.

Aos eternos moradores de Cruz das Armas, com quem convivi diretamente por quase 4 (quatro) anos, pelo acolhimento e confiança. Pela permissão para penetrar e tentar compreender seu cotidiano e suas histórias e estórias; em especial aos meus informantes e a Paróquia São José Operários, pelas informações e documentações cedidas.

Enfim, a todos aqueles que não citei aqui, mas que sabem que fazem parte não apenas deste trabalho, mas da minha própria existência materializada, meus mais profundos agradecimentos.

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO 1: SITUANDO O LEITOR NA CIDADE DE JOÃO PESSOA.....	18
1.1. Uma cidade às margens do Rio Sanhauá.....	18
1.2. Os prolongamentos de João Pessoa.....	19
1.3. Eis que surge o bairro de Cruz das Armas.....	26
CAPÍTULO 2: DISCORRENDO SOBRE TEORIAS E METODOLOGIAS.....	37
2.1. As formas de sociabilidade na cidade.....	37
2.2 Discorrendo sobre a metodologia de pesquisa.....	44
2.2.1. A pesquisa anterior, ou a primeira fase da pesquisa de campo.....	47
2.2.2 Vinhos antigos em garrafas novas.....	53
2.2.3. A análise de dados documentais: o jornal União.....	54
2.2.4. Das entrevistas e dos entrevistados.....	58
CAPÍTULO 3: MEMÓRIA, LAZER E VIOLÊNCIA EM CRUZ DAS ARMAS.....	64
3.1. O bairro e seus sub – bairros.....	64
3.2. Crescimento, desenvolvimento e violência.....	73
CAPÍTULO 4: A CULTURA E O LAZER NO BAIRRO DE CRUZ DAS ARMAS.....	84
4.1. As festas de carnaval.....	88
4.2. O São João e suas animadas quadrilhas.....	96
4.3. A gloriosa festa das hortênsias.....	102
CAPÍTULO 5: ENTRE PERCEPÇÕES E REAÇÕES.....	111
5.1. O estigma que ronda o bairro de Cruz das Armas.....	112
5.2. O movimento Paz e Cidadania.....	114
5.3. Olhares e olhares.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	129
ANEXOS.....	135
Anexo 1: Cópia da notícia do Jornal Correio da Paraíba	
Anexo 2: Roteiro de entrevista 1	
Anexo 3: Ficha utilizada para coletar os dados no jornal União	
Anexo 4: Roteiro de entrevista 2	

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a (re) organização social dos moradores do bairro de Cruz das Armas, João Pessoa – PB, um bairro periférico e violento, vem sendo influenciada pelas mudanças nas esferas da cultura e do lazer local. Tendo como fonte principal a memória das pessoas que presenciaram e vivenciaram essas transformações, percebemos como um bairro de trabalhadores, periférico, com a presença de formas de cultura e lazer que facilitavam a coesão social, se transforma em um local perigoso, violento e estigmatizado concomitantemente à diminuição daquelas. O bairro de Cruz das Armas, nestes termos, vem tentando reconstruir sua imagem tanto para com a cidade de João Pessoa, como para os seus próprios moradores, tentando não abandonar totalmente as formas de relações tradicionais que fundam as formas de sociabilidade locais. Para tanto, vem criando uma ação organizada, o Movimento Paz e Cidadania, que mescla elementos tradicionais das festas com mecanismos de ação política.

Palavras-chaves: Violência, cultura, lazer e sociabilidade.

ABSTRACT

The aim of the work is to understand how the social (re)organization of the inhabitants of Cruz das Armas, a peripheral and violent neighborhood, has been influenced by changes in local culture and leisure. Having as its main source the memory of the people who took part and experienced these changes, we analyze how a peripheral working class neighborhood, characterized by certain cultural practices and leisure forms which facilitated social cohesion, has become a dangerous, violent and stigmatized place with their decrease. Cruz das Armas has been trying to rebuild its image, both for the city of João Pessoa and for the neighborhood itself, and not to give up those traditional relationships which shape local sociability. It is in this sense that it has created a form of organized social action, the movement Paz e Cidadania, which mixes traditional party elements with mechanisms of political action.

Key words: Violence, culture, leisure and sociability.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo compreender como as mudanças ocorridas na (re) organização social dos moradores do bairro de Cruz das Armas, um bairro periférico e violento, vêm sendo influenciadas pelas mudanças nas esferas da cultura e do lazer local.

Para situar esse problema é necessário notar que a cultura foi por muito tempo renegada pela sociologia, que acreditava haver coisas mais importantes na sociedade a serem analisadas, como as relacionadas ao trabalho. Isto porque este aspecto estava mais diretamente ligado ao funcionamento do sistema capitalista. Só a partir de meados das décadas de 1980/1990 essa disciplina começou a voltar-se a essa temática, levando em consideração a influência da utilização do tempo livre, entenda-se aqui tempo voltado para o lazer, no estabelecimento das relações sociais, definindo os tipos de interação e legitimando estilos de vida, identidades (MAGNANI, 1998).

Além disso, o final do século XX e início do século XXI nos remetem a um cenário de mudanças que faz ressurgir o interesse acirrado pela investigação do comportamento social urbano, tendo em vista novas configurações que se estabelecem em função do processo de intensificação do capitalismo e da globalização. Tais mecanismos acabam por gerar uma transformação nas relações sociais dos grupos que as vivenciam (THERBORN, 2002).

Com a atual crise que o capitalismo vem enfrentando, devido ao período em que se apostou em sua expansão através da homogeneização de gostos e valores, ou seja, com a padronização dos modos de vida, fez-se necessário um investimento na “diversidade” dos produtos culturais. Com isso, surge também uma revalorização do local (HALL, 2002).

Essa revalorização do local parece ocorrer não através de um resgate da cultura em toda a sua diversidade, mas de uma estetização e estilização desta de forma que a globalização e a mundialização da cultura possam ser inseridas dentro do processo de acumulação capitalista, ou seja, o local se torne global e vice-versa.

Tais processos que permeiam a sociedade contemporânea mostram-se presentes de maneira muito nítida no bairro de Cruz das Armas. Por um lado, devido ao seu caráter tradicional, o bairro cultivava ainda um mecanismo de funcionamento e de regulação das relações sociais pautado no estreitamento e na consolidação dos códigos de semelhança e pertencimento, em mecanismos de solidariedade como o compadrio, no compartilhamento de segredos e na reciprocidade. Por outro lado, esses mecanismos vêm sendo afetados por um processo duplo: um maior isolamento e fragmentação decorrentes de uma cultura do medo e da violência; uma desestruturação das festas tradicionais que funcionavam como elementos de coesão social.

Durante sua fase de estruturação e início de seu crescimento, o bairro de Cruz das Armas sempre ofereceu um amplo aparato de cultura e lazer aos seus moradores, garantindo os processos de sociabilidade tradicionais mencionados acima. No entanto, no decorrer de seu desenvolvimento urbano, foi marcado por intensas experiências de constrangimentos e discriminações de variadas ordens, decorrentes da pobreza, da falta de infra-estrutura e da violência¹. Embora muitos desses problemas estruturais tenham se amenizado nas últimas décadas, os relatos dos moradores descortinam outras formas de discriminação e estereotipização, em vigor desde o final do século XX. Estas ocorrem, sobretudo, devido aos altos índices de violência relacionados, na maioria das vezes, ao intenso tráfico de drogas que surgiu no local, fato que, embora não tão explicitamente, vem modificando paulatinamente as práticas

¹ Só para citar alguns exemplos entre a infinidade de problemas que afligem o cotidiano de um bairro periférico composto, em sua maioria, por trabalhadores assalariados, de baixa renda.

cotidianas sociais e culturais dos moradores do bairro, pautando seus modos de vida em uma cultura de medo e angústia constantes.

Tais acontecimentos levam os moradores desse bairro a se queixarem sempre desse escasseamento de lazer e lembrar o bairro, ou os fenômenos culturais que ali existiam, de forma saudosista. Cruz das Armas, que já fora um local de cultura popular e lazer muito intenso, vê-se hoje com a cultura e o lazer presentes apenas na memória nostálgica de seus moradores, que se queixam sempre por não poderem mais viver “os bons e velhos tempos.”

Nesse sentido, acreditamos que a violência que surge associada ao processo de urbanização e modernização “excludente” do bairro de Cruz das Armas vem reestruturando os fenômenos da cultura e do lazer no mesmo, e em última instância, a própria organização social dos moradores locais, tendo em vista que os fenômenos culturais no bairro de Cruz das Armas, por um longo período, serviram não apenas de lazer para as pessoas que ali se alocavam, mas como forma de integração, de mediador das sociabilidades que ali existiam.

Sendo assim, podemos mesmo dizer que é através da cultura e do lazer que os moradores de Cruz das Armas vêm buscando restituir sua identidade como uma maneira possível de alcançar a cidadania. No entanto, as formas de lazer que estes vêm criando para alcançar tais objetivos estão inseridas em uma outra perspectiva. Esses novos fenômenos de lazer que surgem no bairro estruturam-se nos moldes das festas contemporâneas, pautadas na impessoalidade, na privatização dos espaços e na homogeneização de tradições distintas que não favorecem o estabelecimento ou fortalecimento das relações e interações sociais.

É justamente aqui, nesse contexto, que se encontra a questão primordial que tentaremos responder nessa dissertação: como essa reconstrução no bairro de Cruz

das Armas vem influenciando as formas de organização e interação social desses moradores? E, como eles vêm construindo suas formas de sociabilidade diante dessas reconfigurações?

Tentando captar todo o contexto sintetizado nas linhas anteriores, esta dissertação está subdividida em cinco partes, excluindo-se a parte introdutória, onde buscamos expor nossos objetivos e nossas hipóteses de trabalho, bem como, sucintamente, localizar o leitor dentro do cenário em que esta pesquisa se desenrolou. Por fim, encontrar-se-á, numa última parte, não uma conclusão, mas considerações finais; afinal uma comunidade tão heterogênea, tão antiga e tão rica sócio-culturalmente.

No primeiro capítulo “Situando o leitor na cidade de João Pessoa”, começamos a descrever de forma geral o campo de pesquisa. Trata-se pois, de tentar construir, sinteticamente, um pouco da história da cidade de João Pessoa e da formação histórica do bairro de Cruz das Armas. Destacaremos as ondas de expansão da cidade, onde emergia uma determinada área em detrimento de outra que, fatalmente, submergia, passando a ser considerada como periférica e sofrendo grandes transtornos com essa dinâmica urbana moderna. Destaca-se aqui, a divisão da capital paraibana em duas grandes áreas, priorizando a discussão acerca da área periférica, lócus maior onde se insere o bairro analisado nessa pesquisa.

O capítulo também se encontra ilustrado com fotografias que refletem inúmeros processos identificados em seu interior e que levam a uma maior reflexão sobre o que está sendo discutido. Outra fonte de ilustração presente são mapas sobrepostos como forma de situar o leitor nas fronteiras geográficas descritas tanto em relação à cidade quanto ao bairro.

O segundo capítulo, intitulado “Discorrendo sobre teorias e metodologias”, busca traçar e aprofundar alguns aspectos teóricos que serviram de guia para a realização da pesquisa de campo. Essa parte configura-se como um balanço das teorias e categorias que orientaram nosso olhar sobre o objeto, focando-se em temas como cultura, sociabilidade, modernidade, pós-modernidade e o urbano na contemporaneidade.

Ainda nesse segundo capítulo, fazemos uma incursão pelos métodos e técnicas da pesquisa empírica. Aqui, o leitor se depara com o “passo-a-passo” do processo de pesquisa, desde a escolha do campo e delimitação do objeto, até a coleta de dados em arquivos de jornal, as delimitações traçadas, a criação do roteiro de entrevista, a escolha dos entrevistados, passando, pois, pela elaboração do projeto. Empecilhos práticos, delimitações pragmáticas, dentre outras coisas também se mostram descritas nesse espaço.

Assim, tentaremos mostrar como se delineou uma reentrada em um campo que não se mostra novo, tendo em vista a realização de uma pesquisa anterior no local, mas que se apresenta como “exótico” levando-se em consideração um novo olhar sobre o objeto e uma nova abordagem. Buscaremos também justificar a opção pela abordagem qualitativa, bem como descrever passo a passo a escolha dos dados a serem coletados, a forma de coleta, a escolha da utilização da história oral como resgate da memória e de compreensão da realidade experienciada por aqueles que vivenciaram e/ou vivenciam aquele contexto específico e a opção pela realização de entrevistas semi-estruturadas.

No terceiro capítulo, “Memória, lazer e violência em Cruz das Armas”, traz-se a discussão acerca da reconstrução social do próprio bairro tendo como fonte

principal a memória, de seus "eternos moradores"², buscando sempre contrapor o que o bairro foi e o que o bairro é, seus problemas, sua modernização, as mudanças ocorridas, o crescimento da violência, os períodos de expansão e retração dos fenômenos da cultura e do lazer, nem sempre explícitos, mas sempre presentes, de uma maneira ou de outra, nas entrelinhas.

No quarto capítulo discutem-se as mudanças especificamente mais ligadas à cultura e ao lazer, a partir de um recorte temporal e relativo aos últimos 45 anos. Nesse sentido, também delimitaremos três festas anuais que parecem ter grande relevância para o bairro, quais sejam: o carnaval, o São João e a festa das Hortênsias, realizada até a década de 1990 durante o mês de novembro³.

Sendo assim, buscaremos perceber como os próprios moradores desse bairro analisam as mudanças pelas quais vêm passando o seu cotidiano, sua forma de organização e interação social, tendo como pano de fundo as mudanças mais amplas que perpassam o bairro e a cidade nos últimos anos, focando nosso olhar nos fenômenos de cultura e lazer que moviam o bairro e estruturavam suas formas de sociabilidade.

No quinto e derradeiro capítulo, "Entre percepções e reações", focaremos o olhar nas representações estigmatizadas que rondam o bairro, ou seja, analisaremos como os moradores vêem o bairro, como se sentem diante da imagem criada pela cidade acerca do mesmo e como vem reagindo a tal representação. Nosso olhar volta-se de maneira acentuada para um movimento denominado "Paz e Cidadania" que visa resgatar o bairro, que um dia foi, por meio da cultura. Nesse espaço, contextualizaremos esse movimento de resgate, caracterizando-o e descrevendo como ele vem ocorrendo

² Sempre que essa expressão aparecer no decorrer do texto estará se referindo a moradores e ex-moradores do bairro de Cruz das Armas, que de alguma maneira ainda mantém relações com o bairro.

³ Vale salientar que a escolha dessas três épocas específicas não se deu de forma aleatória, mas foi, antes de tudo, proveniente dos dados coletados nos arquivos jornalísticos e mostram-se, claramente justificadas no capítulo 2.

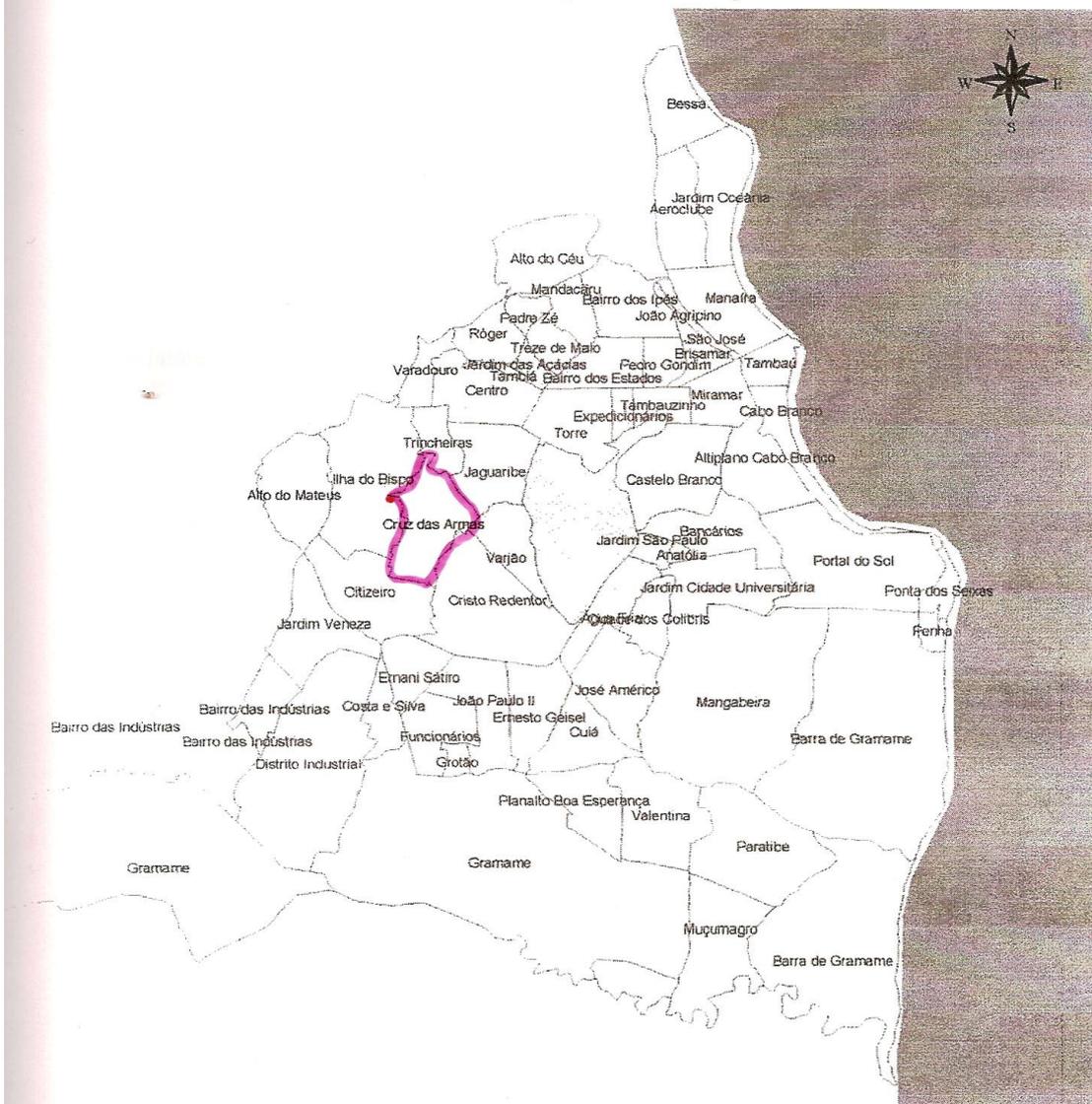
desde o ano 2000, quando de seu nascimento motivado por uma manchete de jornal que dizia que Cruz das Armas era o bairro onde mais se morria por assassinato na cidade de João Pessoa⁴.

Por fim, trazemos algumas considerações finais que, como já mencionamos no início, não concluem o trabalho, porém estabelecem considerações sobre o que foi discutido anteriormente, bem como levanta questões que não puderam ser respondidas e que nos parecem de grande relevância para o tema.

⁴ Ver anexo 1: cópia da notícia de jornal que levou à criação do movimento mencionado.

MAPA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Fonte: Secretaria de Planejamento do Município.



ESCALA 1:120000

MAPA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA DESTACANDO
O BAIRRO DE CRUZ DAS ARMAS

Capítulo 1

Situando o leitor na cidade de João Pessoa

Neste capítulo, buscaremos falar sobre a formação histórica da cidade de João Pessoa com o intuito de deixar claro para o leitor a diversidade entre os bairros que compõe a capital paraibana e onde o bairro, sobre o qual aprofundaremos nossa análise, se enquadra, quais suas características gerais, sua composição social, entre outros fatores.

Tentaremos reconstituir o processo de crescimento e desenvolvimento da capital paraibana até chegar à sua atual configuração, destacando as características gerais de cada sub-região delimitada nesse trabalho como esforço de compreensão e análise, com ênfase na sub-região que analisaremos com profundidade.

Sendo assim, convém deixar claro que não é nosso intuito efetuar uma análise histórica exaustiva da cidade de João Pessoa, e sim tentar esclarecer as construções sociais que se incorporaram na geografia da cidade e/ou vice-versa. Em outras palavras, buscaremos compreender como os limites criados socialmente se configuram no espaço físico e como este configura as relações sociais, sempre destacando a área periférica da cidade sobre a qual focaremos nossa atenção no decorrer desta dissertação.

1.1. Uma cidade às margens do Rio Sanhauá

Tendo sido fundada em 5 de agosto de 1585 às margens do Rio Sanhauá, João Pessoa é a terceira cidade mais antiga do Brasil, possuindo uma história de

quatrocentos e vinte anos. A cidade é preservada em seus monumentos e no verde, uma de suas qualidades mais fortes, sendo hoje a segunda cidade mais verde do mundo, estando atrás apenas de Paris, e também recebendo o título de cidade mais verde do Brasil (HONORATO, 1999).

No início do século XVI, os franceses ocuparam parte do Nordeste brasileiro e conquistaram a confiança dos índios Potiguaras. Essa aproximação dificultou a colonização portuguesa. Em 1585, o português João Tavares construiu, na foz do rio Paraíba, o Forte de São Felipe para defender a área dos ataques dos franceses. Nasce, ali, a cidade de Filipéia, primeiro nome dado à capital paraibana. A paz com os indígenas, porém, só se consolida em 1599, após a destruição de aldeias inteiras e de uma epidemia de varíola que exterminou dois terços da população nativa (AGUIAR, 1989).

Assim, mesmo depois de fundada, a cidade ainda passou um tempo sob a dominação de Recife e Olinda até conseguir sua emancipação.

O nascimento e a consolidação da cidade de João Pessoa nos remontam à existência de sítios isolados que aos poucos foram se estruturando enquanto pequenas vilas e, posteriormente, como uma verdadeira cidade, onde já existia a infra-estrutura básica que pudesse garantir seu desenvolvimento. No final do século XIX e até meados do século XX, esse processo de desenvolvimento e consolidação se intensificou consideravelmente (AGUIAR, 2002).

1.2. Os prolongamentos de João Pessoa

No período focado, o centro da cidade começou a se desenvolver, e a capital paraibana foi empurrando as pessoas de poder aquisitivo mais baixo que moravam naquela região, ou seja, os trabalhadores, para bairros mais afastados. Estes

bairros começaram a ter suas origens da mesma maneira que a cidade, através de sítios isolados que passavam a se comunicar e a constituir bairros propriamente ditos (CHAGAS, 1996).

Esses fatos nos reportam à fundação de vários bairros existentes hoje na cidade de João Pessoa, dentre os quais podemos citar o bairro de Cruz das Armas, que segue, basicamente, esse padrão em sua fundação e estruturação. No entanto, os bairros que iam surgindo como alternativa à desocupação da área central da cidade, onde se instalava com intensidade um forte comércio, eram cercados de vários problemas infra-estruturais, muitos dos quais persistem ainda hoje, pois o poder público-estatal não se voltava, como ainda hoje não se volta, para desenvolvê-los de forma adequada, apenas empurrava as camadas menos favorecidas da população para lá e as esquecia. Para Mauro Koury (1986:140).

“O discurso da ordem, da disciplina pelo trabalho, para o progresso, omite através de uma aparente valorização do trabalhador, que trabalha, ou está com trabalho, a exclusão do homem comum pobre à cidadania, realizando-a na prática quotidiana, quando dimensiona o lugar real dos trabalhadores com trabalho ou potencial, no interior da sociedade: o embelezamento da cidade, sua modernização e progresso, necessita o afastamento gradativo da pobreza dos olhos dos cidadãos. O lugar dos homens comuns pobres é nas fábricas, nas oficinas, no interior dos lares como serviços, isto é, nos locais de trabalho. Ao largarem o trabalho diário devem sumir da cidade, voltarem aos subúrbios para suas choças, e só saírem no dia seguinte, mais uma vez para o trabalho”.

Foi assim que surgiram muitos bairros periféricos da capital paraibana, bairros estes, destacados no mapa atual da cidade na página seguinte.

MAPA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Fonte: Secretaria de Planejamento do Município.



ESCALA 1:120000

ÁREA PERIFÉRICA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

A partir de meados do século XX, a cidade de João Pessoa começa a passar por uma outra reestruturação. Desta vez não eram as camadas mais desfavorecidas que estavam sendo afastadas das áreas centrais da cidade: ao contrário, eram justamente as camadas que possuíam um alto poder aquisitivo e que haviam permanecido nas áreas centrais da cidade quando da primeira reestruturação, momento em que esta parte da cidade se consolidara enquanto área nobre. Nessa época o centro se configurava enquanto espaço tipicamente comercial, o que acabava por afastar as pessoas que ali ainda habitavam (CHAGAS, 1996).

Tal fenômeno não acontecia de forma específica na cidade de João Pessoa, ele se configurava como um reflexo de uma reconfiguração mais ampla, como nos mostra os estudos exaustivos sobre o urbano nessa época, feitos pela escola de Chicago. Os trabalhos de Simmel (1987), Wirth (1987), Coulon (1995) entre outros, nos mostram muito bem isso.

Por volta da década de 1950, o centro da cidade já se constituía em um grande aglomerado de estabelecimentos comerciais e as residências que ali existiam iam deixando de existir enquanto tais. Então, as pessoas que ali habitavam começaram a ser empurradas para espaços que se erguiam enquanto novas áreas nobres da cidade de João Pessoa. Estas áreas englobavam os arredores da Avenida Epitácio Pessoa e se alongavam para a Orla Marítima da capital. Podemos citar como bairros que surgiram nessa época o Bairro dos Estados, Cabo Branco e a estruturação de Tambaú, entre outros (HONORATO, 1999).

Assim se processaram os prolongamentos de uma pequena cidade que teve suas bases nas margens do Rio Sanhauá, onde hoje se encontra o Centro Histórico da cidade.

Atualmente, a cidade de João Pessoa possui cerca de 597.934 habitantes, todos residindo em área urbana, sendo 279.426 homens e 318.458 mulheres, divididos em cerca de 65 bairros, sendo estes em sua grande maioria de origem popular, considerados como bairros periféricos (IBGE 2000).

A realidade que encontramos hoje no contexto sócio-geográfico da cidade de João Pessoa coincide com a realidade que foi se constituindo através do tempo e das remodelações que esta capital veio sofrendo. Os bairros que se encontram localizados na região que vai do centro da cidade para a região da Orla Marítima são, em sua grande maioria, considerados como bairros nobres. A área que cerca a Avenida Epitácio Pessoa, avenida principal que liga o centro da cidade à orla, é permeada por bairros nos quais os moradores possuem um alto poder aquisitivo, com algumas exceções, tendo em vista que a cidade de João Pessoa como um todo é cercada por "favelas" ou bairros populares, como a grande maioria das cidades brasileiras contemporâneas. Segundo Durham: "A população pobre está em toda a parte nas grandes cidades. Habita cortiços e casas de cômodos, apropria-se das zonas deterioradas e subsiste como enclaves nos interstícios dos bairros mais ricos" (DURHAM, 1986: 2).

Nesse sentido, a área que estamos descrevendo agora, considerada como área nobre da cidade, é composta por casas grandes e confortáveis, cercadas por grandes muralhas que as isolam da rua, do outro, do de fora, fator este que nos demonstra um certo caráter de fuga e isolamento da violência que se expande na cidade como um todo, e não apenas da violência mas, de tudo o que não é semelhante.

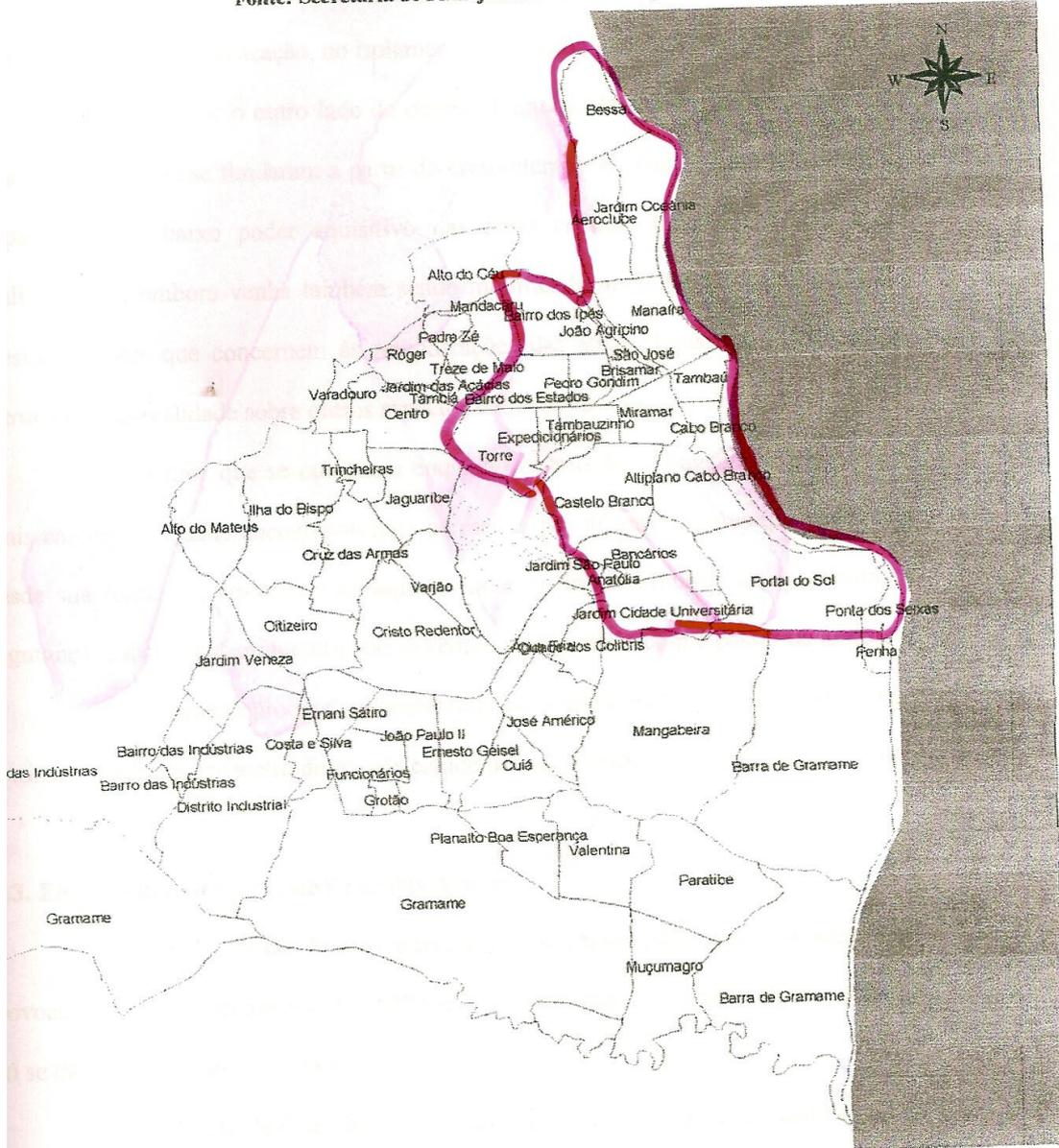
O anonimato e o esfacelamento de relações e interações sociais fortes é uma das principais características desse espaço social delimitado, pois os moradores dessa área buscam conviver em um mundo construído especificamente para o suprimento de suas necessidades, um mundo "aparentemente" seguro e igualitário.

Nesse contexto, o que também é facilmente perceptível é a forma da construção de semelhanças entre os que habitam esses espaços, tendo em vista que o perigo que os ronda nunca é proveniente de seus iguais, ou seja, dos moradores que dividem o mesmo espaço social que eles, daqueles que compartilham das mesmas condições materiais, gostos e estilos e sim de bairros que se constituíram na vizinhança como bairros periféricos, que “invadem e amedrontam” as áreas nobres.

Observe o mapa da página seguinte, onde se tenta construir uma visualização da área descrita acima.

MAPA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Fonte: Secretaria de Planejamento do Município.



ESCALA 1:120000

ÁREA ELITIZADA DA CIDADE DE JOÃO PESSOA

Sobre os aspectos descritos acima, podemos dizer que, de forma geral, nessas áreas mais elitizadas o crescimento do individualismo e a disseminação da violência fazem com que a construção das relações sociais passe a ser pautada com base no interesse, na mercantilização, no isolamento e no individualismo exacerbado.

Ao focar o outro lado do desenvolvimento da cidade de João Pessoa, ou seja, os bairros que se fundaram a partir do crescimento da cidade e do afastamento da população com baixo poder aquisitivo das áreas centrais percebemos uma outra realidade, que embora venha também sendo modificada nos últimos anos devido aos mesmos fatores que concernem às remodelações das atuais áreas nobres da cidade, estruturam sua realidade sobre outros aspectos de reação a esses elementos.

A área que se constituiu enquanto espaço de abrangência da população mais carente da cidade encontra-se hoje permeada por diversos fatores que a assolam desde sua fundação, como por exemplo, a falta de infra-estrutura básica, a falta de segurança, entre outros problemas que se vêm reconfigurando com o passar do tempo.

E é nesse processo de expansão que o bairro de Cruz das Armas passa a ser incorporado ao perímetro urbano da cidade de João Pessoa.

1.3. Eis que surge o bairro de Cruz das Armas

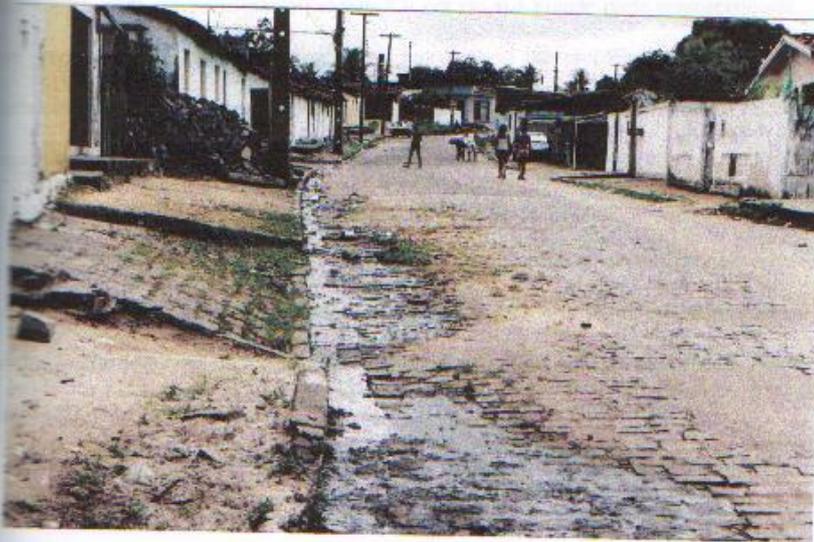
Sendo um dos bairros mais antigos da capital paraibana, sua ocupação e povoação nos remetem aos séculos XVIII e XIX, no entanto sua afirmação enquanto tal só se dá em inícios do século XX.

O bairro de Cruz das Armas não se distancia da cidade de João Pessoa no que tange a sua fundação, pois este teve sua origem a partir de um sítio de propriedade de padres jesuítas, denominado Sítios das Garças. Tal sítio localizava-se às margens da estrada que ligava a capital paraibana às cidades de Goiânia e Recife. Nesse sentido, foi

às margens dessa estrada que surgiram outros sítios e, a partir deles, habitações isoladas propriamente ditas, que deram origem ao que hoje constitui o bairro de Cruz das Armas (CHAGAS, 1996).

Consta que nessa época, o bairro denominava-se Cruz das Almas, devido a um cruzeiro erguido pelos jesuítas que ali viviam e as orações que os habitantes daquela região costumavam fazer para as almas dos escravos que ali rondavam. No entanto, não se sabe ao certo o que levou à modificação do nome para Cruz das Armas, apenas que este vem sendo chamado assim há mais de cinquenta anos (REVISTA IHGP, 1937; AGUIAR, 2002).

Como já mencionado anteriormente, sabe-se que a povoação desse bairro antecedeu ao século XX, mas foi só por volta de 1914 que esta se intensifica, consolidando o bairro suburbano afastado do centro da cidade. Este se consolida de forma precária e rudimentar, casas e sítios isolados, ruas sem calçamento, falta de infraestrutura. Não havia água tratada e a saúde pública era muito precária, problemas que, em sua grande maioria, continuam assolando o bairro até os dias atuais, como podemos visualizar nas fotografias abaixo (CHAGAS, 1996).



Essas fotografias nos mostram a falta de infra estrutura no bairro, esgotos a céu aberto, ruas mal calçadas, esburacadas, lixo acumulado nos terrenos baldios, em frente às casas, além, da própria condição das moradias, composta por casas simples.

Nessa época, Cruz das Armas era formado por casas simples e de palha, possuindo um aspecto mais rural do que urbano. Seus habitantes tinham poucos recursos e havia uma forte sociabilidade entre eles, que sempre se encontravam nas mercearias para fazerem suas compras, trocar informações e mesmo manter conversas corriqueiras. Outro espaço que nessa época servia para estreitar as relações sociais desses sujeitos eram as calçadas das casas: nesses espaços de forte interação social havia várias conversas no fim do dia e à noite, partidas de sueca, regadas a café e até mesmo algumas farras e bebedeiras (CHAGAS, 1996).

Apesar dessa efervescente vida cotidiana, o bairro que se erguia, como forma de afastamento dos trabalhadores com baixo poder aquisitivo das áreas centrais da cidade, sofria com as péssimas condições infra-estruturais.

Até 1934, não havia luz elétrica, e a água, que sempre foi um problema na Paraíba, onde até princípios do século XX era em sua grande parte comercializada por proprietários de cacimbas particulares, representava um problema que atingia de forma muito intensa os moradores daquela localidade que, por terem um baixo poder aquisitivo, como já mencionado, viam-se obrigados a tirar água de um chafariz público e dos vales do rio Jaguaribe e da Graça, que corriam pelas redondezas do bairro.

Mesmo tendo iniciado seu processo de ocupação e povoamento por volta do século XVIII e XIX, Cruz das Armas chega ao século XX relativamente desabitado, se comparado com hoje em dia: na segunda metade do século, contava com apenas 1265 casas e 6325 habitantes.

Sendo atualmente um dos maiores bairros da cidade de João Pessoa, Cruz das Armas possui 6551 domicílios particulares permanentes e 25994 habitantes, ficando atrás apenas do Cristo Redentor que possui 9156 domicílios e 37170 habitantes, de Oitizeiro com 7638 domicílios e 31028 habitantes e de Mangabeira que possui 17259

domicílios particulares permanentes e 67398 habitantes, conformando-se assim no bairro mais populoso da cidade (IBGE 2000).

Tais dimensões podem ser percebidas no mapa que segue:

A área que aqui buscamos descrever é composta por casas em sua grande maioria simples, onde moram pessoas com um poder aquisitivo baixo e que projetam suas vidas, basicamente, nos arredores de suas residências, ou seja, muitas vezes, trabalham, estudam e se divertem no próprio bairro ou nas proximidades. Tal situação se deve ao fato de o bairro de Cruz das Armas, em específico, possuir um forte comércio local que comporta laboralmente os seus moradores, como também pela heterogeneidade econômica do bairro, que faz com que muitos moradores de baixo poder aquisitivo trabalhem para os outros com melhores condições de vida, como domésticas, jardineiros, entre outras coisas.

Ao analisarmos essa área da cidade, considerada como a periferia de João Pessoa, percebemos que o crescimento da violência também se constitui como um dos fatores presentes no cotidiano de seus moradores, talvez até de maneira mais intensa do que na área considerada nobre, posto que esses bairros são marginalizados e tidos como perigosos, fato que nem sempre condiz com a realidade se nos pautarmos sob o ponto de vista de que pobre nem sempre é criminoso e marginal como se costuma afirmar (ZALUAR, 1985).

Nesse contexto específico de análise, as formas de relações e interações sociais se modelam de maneira muito estreita, ou seja, há um forte processo de reconhecimento e mesmo de identificação para com o local e entre os seus moradores. Da mesma maneira que a área analisada anteriormente cria mecanismos para se enfrentar os elementos que os assustam e reconduzem seus relacionamentos e o cotidiano de seus moradores, a população em foco também cria determinados mecanismos de reação a essas mudanças e, de maneira mais ampla, da violência que se expande. No entanto, vale salientar que a maneira dessa população reagir é muito distinta daquela das áreas nobres, se bem que em alguns aspectos ambas se assemelhem.

Apesar de a rotina dos moradores das áreas mais carentes da cidade de João Pessoa já estar sendo atingida por essa onda de individualismo e crescimento da violência que permeia as sociedades modernas, estas ainda possuem características bastante peculiares a comunidades⁵ ou seja, pautadas na solidariedade e na reciprocidade, onde os vizinhos todos se conhecem e se ajudam quando necessário. Isso é comum em bairros periféricos de qualquer lugar. Como afirma Eunice Durham (1986:3) “Na periferia (...) a vizinhança e o bairro constituem locais privilegiados para a formação de redes de sociabilidade”.

Nesses espaços, alguns fenômenos sociais criam mecanismos de coesão social. Dentre esses elementos, a festa tem um papel de grande destaque, pois permite estabelecer uma série de vínculos que se prolongam para além da festividade em si. A festa serve como criadora e mantenedora de relações de confiabilidade e interações sociais entre os atores.

No entanto, nesse contexto, as pessoas convivem mais diretamente expostas ao que se considera perigoso, posto que aqui se misturam pessoas trabalhadoras e marginais, não existindo a separação geográfica que há nas áreas mais elitizadas. Sendo assim, faz-se mister, segundo os moradores dessas localidades, a existência de uma relação harmoniosa entre eles, muito embora nessas relações persista um certo estranhamento e uma busca incessante pela diferenciação, ou seja, constantemente há a necessidade de diferenciar os marginais dos trabalhadores e as áreas por estes ocupadas. Assim, a rua ou o pedaço da rua depois da que o “dito trabalhador” habita é sempre mais perigoso. Sarti nos mostra que tal busca pela diferenciação é motivada pelo próprio contexto de exclusão e desigualdade que estes sujeitos ocupam:

⁵ Ver distinção teorizada por Tonnies entre comunidade e sociedade mencionada por Weber (1974), Magnani (2002), entre outros.

"Esta lógica de oposições que preside as relações entre os iguais, embora seja própria do processo de construção de identidades sociais, não sendo específica dos pobres, transforma-se num mecanismo que procura responder à sua situação específica na sociedade desigual onde vivem." (SARTI,1994: 21)

Nesses espaços, a carência é traduzida em todos os sentidos, a falta de segurança pública, de emprego, de "cidadania". É um reflexo da ausência do estado, que não cumpre seu papel, deixando as periferias sob auto-regulação. Assim, os moradores dessas áreas vêm-se obrigados a criar mecanismos para enfrentar essa situação de esquecimento e abandono. Nesse sentido é que a confiança passa a ser um sentimento muito valioso para essa população, que centra seus mecanismos de vida cotidiana nele, ou seja, criam-se laços de confiança que passam a ser mais valiosos que os laços de sangue, pelo compartilhamento de uma vida de necessidades e opressões. Como afirma Cynthia Sarti,

"... há entre os pobres da periferia, uma tendência a estreitar os laços com a rede de vizinhança, em detrimento dos parentes de sangue, exceto se estes também se concentrarem na localidade, compartilhando a vida cotidiana. O que define que um vizinho possa ser mais importante que um parente é a confiança." (SARTI, 1994: 2)

Mas, essa confiança é mediada por questões mais amplas, que podemos mesmo caracterizar como uma relação de dependência, ou seja, é um sentimento gerado pela necessidade de se conviver com o outro, que se diferencia e se assemelha em vários aspectos.

Nesse sentido, é que a coesão social proveniente das festas perde sua lógica, pois há o receio por parte dos atores em participar de eventos onde a

diferenciação social não fique clara, ou seja, há todo um cuidado e uma necessidade em afirmar uma diferenciação entre ser trabalhador e ser bandido.

Assim, as relações, nesses espaços passam por um outro mecanismo de criação e manutenção, ou seja, não é a aproximação, a reciprocidade e a semelhança que une as pessoas. Essa união passa a ser regida por um mecanismo de ajuda mútua na luta pela sobrevivência do dia a dia.

Tendo em vista as carências às quais estão submetidos, os trabalhadores buscam, muitas vezes, a solução dos seus problemas cotidianos junto aos bandidos, que por sua vez, continuam ocupando tal lugar, de certa forma, pela relação mantida com estes (ZALUAR, 1985).

Podemos perceber que nesses espaços a ajuda mútua é muito comum e valiosa, e isso se dá até mesmo com os que são considerados diferentes, ou seja, se dá entre trabalhadores, mas também é comum entre trabalhadores e marginais, que naquele momento, naquela circunstância estão entre “iguais”: moradores de uma periferia, esquecidos pelo poder público.

Diante do exposto, percebemos que, atualmente, a cidade de João Pessoa encontra-se disposta entre, basicamente, duas áreas distintas que se afastam e se aproximam de diversas maneiras, não existindo áreas puras, onde há apenas pessoas com alto poder aquisitivo e vivam isoladas do mundo real, pautado na heterogeneidade e nas diferenças socioculturais. No entanto, percebemos até aqui, como essas áreas se delimitam e se vêem uma diante da outra, bem como percebemos como ambas reagem aos processos de desenvolvimento, modernização e urbanização e as conseqüências que estes trazem. Assim, podemos entender como a cidade de João Pessoa enfrenta essa nova realidade que vem se criando ou se recriando nos últimos tempos.

Buscaremos, ao longo do desenvolvimento desse trabalho, desvendar as reações dos moradores de Cruz das Armas a esses fenômenos que circundam a cidade como um todo. Mais especificamente, buscaremos desvendar as particularidades que circundam o seu cotidiano, transformando seus hábitos e costumes, reorganizando suas formas de sociabilidade, principalmente no que diz respeito aos fenômenos de cunho cultural e ao lazer.

No próximo capítulo, daremos ênfase às considerações teóricas sobre as questões mais amplas que permeiam nossa pesquisa com o intuito de apresentar ao leitor quais as incursões teóricas e metodológicas que serviram de base para o desenvolvimento dessa pesquisa, assim como, nos debruçaremos sobre o tratamento específico que daremos aos temas centrais como: cultura, sociabilidade, modernidade, pós-modernidade, e o lazer urbano na contemporaneidade.

Capítulo 2

Discorrendo sobre teorias e metodologias

Nossa intenção nesse capítulo é de visitar alguns espaços de interlocução teórico-metodológica que nos serviram de suporte, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de todas as etapas que compuseram essa pesquisa.

Alguns temas centrais serão aqui discutidos tanto em âmbito de produção global como de produção nacional, tendo em vista uma análise comparativa entre o global e o local, a busca de similaridades e especificidades dentro de um contexto mais ampliado.

Primeiramente traremos uma incursão teórica por temas como cultura, sociabilidade, memória, modernidade e pós-modernidade e o urbano na contemporaneidade, pois estes permeiam todo o aparato de interlocução do nosso objeto de pesquisa. A lógica aqui permanece em reter qual o olhar que recortamos e direcionamos sobre nosso objeto.

Em seguida tentaremos descrever, detalhadamente, os métodos e técnicas do qual nos utilizamos para obtermos os resultados expressos nesse trabalho. Nesse espaço, daremos ênfase à discussão entre o exótico e o familiar para podermos explicitar como se deu, não uma entrada, mas uma reentrada no campo de pesquisa e seus recortes.

2.1. As formas de sociabilidade na cidade

Como suporte para o desenvolvimento desta pesquisa, buscaremos nos ater a alguns autores que dedicam seus estudos às temáticas ligadas ao urbano, às

formas de relações sociais e construção de sociabilidades, bem como àqueles que se centram na cultura e no lazer como construção de um modo de vida específico, ou mesmo, como delimitador de especificidades constantes nessa construção.

Analisando as mudanças sócio-culturais que percorreram o campo de pesquisa a partir do processo de urbanização e modernização, buscaremos suporte em autores como Benjamin (1986), Elias, (2000), Sennet (1998), Simmel (1987, 1999,2001), Goffman (1988). Deter-nos-emos também no estudo de teorias acerca das sociedades contemporâneas, principalmente as que analisam as mudanças no nível cultural, foco da presente análise. Nesse sentido, os estudos de Hall (2002), Kumar (1997), Featherstone (1995, 1996), Huyssen (1992), García Canclini (1983), Chauí (1982), Ayala & Ayala (1987), entre outros, nos ajudarão a perceber como vêm se processando as mudanças na cultura e no lazer nos espaços sociais.

Tais mudanças serão ainda percebidas a partir de autores que tentam compreender esses fenômenos dentro das especificidades da realidade brasileira, um país “subdesenvolvido” e dependente, onde as desigualdades advindas dos processos de globalização, mundialização da cultura e expansão do capitalismo tornam-se maiores a cada dia. Autores como Koury (2001, 2002, 2004), Velho (1977, 1980, 1986, 2003), Magnani (1986, 1998, 2002), Menezes (2000), Eckert (2003, 1999) e DaMatta (1997), serão abordados no sentido de melhor explicar e adequar as teorias da modernidade à nossa realidade.

A partir das mudanças ocorridas no século XIX, com o advento da modernidade, as cidades vêm passando por intensas remodelações nos seus mais variados aspectos sociais, políticos, culturais, exercendo influência, também, nos processos de interação, criação e recriação de novas formas de sociabilidade, fazendo emergir um individualismo exacerbado, pautado na expansão de uma cultura da solidão,

da violência e do medo. Simmel (1987) tenta mostrar como o indivíduo na modernidade transforma-se no que ele conceitua como homem *blasé*, um indivíduo desvalorizado e desconhecido, um ser anônimo no meio da multidão.

Nesse novo cenário urbano que se erguia, as pessoas estavam, ao mesmo tempo, muito próximas e distantes. Isto porque a cidade passa a aglomerar um número cada vez maior de pessoas, que buscam, nesse novo contexto, uma melhoria de suas condições de vida. Giacomazzi reconstrói a imagem desse indivíduo urbano moderno à luz da teoria de Walter Benjamin:

“O sujeito que vive na cidade está, portanto, à mercê desta experiência, transitando num espaço fragmentado, diversificado e num tempo rápido, ainda que mesclados, (...). O sujeito assiste, dentro de uma lógica de consumo, ao nascimento e à morte dos objetos, ao mundo dos descartáveis, na confusão homem-mercadoria, apontada por Benjamin”. (GIACOMAZZI, 1997: 62).

Uma das principais características advindas desse processo é o anonimato gerado por esse inchaço populacional nas cidades e legitimado pelas diferenças culturais e sociais que rondavam os indivíduos nesse espaço geográfico, unificado fisicamente e fragmentado socialmente. Os sentimentos de pertença, de compartilhamento, de solidariedade, de reconhecimento, nesse cenário, passam a ser substituídos pelo anonimato, pela dessemelhança e pelo estranhamento.

Elias (1993) parte das mudanças ocorridas na sociedade moderna e do desenvolvimento do racionalismo para entender o lado emocional dos indivíduos. Afirma que a modernidade tem como aspecto central a vergonha, visto que nesse período há todo um processo de repressão dos sentimentos, fazendo expandir o sentimento de vergonha comum entre os indivíduos modernos. Essa vergonha

possibilita a introspecção dos sentimentos e do lado emocional dos indivíduos, lado que se mostra ausente nas relações sociais. A vergonha passa a ser, assim, uma forma de regulação social.

Nos bairros periféricos este sentimento também aparece de maneira acentuada, pois as pessoas que ali vivem estão, constantemente, expostas às experiências de estigmatização devido aos intensos processos de desigualdade, econômica e social, gerados por essa nova configuração que centram as relações sociais que daí emergem. A violência, nesta perspectiva, também merece destaque, pois está presente de maneira constante no mundo moderno e nas relações que este estabelece, se situando como uma característica fundamental das sociedades pautadas no individualismo e no egoísmo, na busca do interesse próprio. Os indivíduos encontram-se, assim, constantemente amedrontados e angustiados, na busca de seu próprio eu (SENNET, 1998), e na fuga dessa sociedade individualista e violenta que os cerca a todo o momento, modelando e remodelando suas ações e relações, de acordo com práticas e normas sociais pré-estabelecidas.

A sociedade atual encontra-se em um estágio atingido pelo capitalismo que se reflete em violência, desemprego, exclusão social, poluição ambiental, etc. Essa situação traz ao homem moderno uma inquietude, pois este vive imerso em uma vida estruturada numa falsa satisfação, num isolamento constante e desta forma, em busca de seu próprio eu.

Como menciona Canclini (1983), a cidade moderna deve ser vista não apenas enquanto espaço físico, mas enquanto espaço de interações, trocas e reconhecimento. O que ocorre é um processo de racionalização da vida social que coloca a cidade tradicional em crise, transformando partes da cidade em “não-lugares”, onde as pessoas não mais se reconhecem.

De acordo com Menezes (2000), lugar seria o espaço habitado, produzido e organizado pelas relações sociais sendo, desta forma, um espaço ativo, pois produz e é produzido pelo social. A autora toma de Casal a idéia de que

"... lugar também é aqui entendido como 'mundo habitado', um espaço habitat que é produzido e organizado pela sociedade, por um grupo social, sobre o qual cada sociedade, cada grupo, desenvolve e articula as suas relações." (CASAL apud MENEZES, 2000: 157).

Diante da tendência à homogeneização e banalização dos fenômenos da cultura e do lazer que estruturam os espaços de interações e de reconhecimento, percebe-se a necessidade de se valorizar as especificidades locais em momentos de transições paradigmáticas. Como afirma Glória Gohn (2002:292)

"Ainda que estejamos vivendo um período denominado a era das globalizações, que estejamos nos tornando uma grande aldeia global, é necessário que se demarquem as peculiaridades históricas locais, no plano econômico, político, social e fundamentalmente, no plano cultural."

Acredita-se que esta cultura não vem provocando apenas o estado de paralisação nos indivíduos, mas os tem levado a assumir determinadas formas de reações diante da realidade que lhes é apresentada, como forma de driblar e superar as dificuldades acentuadas. Assim, quando se encontram em situações limites, os indivíduos buscam alguma forma de superá-la, pelo afastamento ou aproximação, criação ou recriação do convívio social e das formas de sociabilidade, da cultura e do lazer que regem o seu universo sócio-cultural (KOURY, 2001).

Ao longo da análise acerca da cidade e das sociedades modernas, bem como das novas formas culturais e remodelações que se instauram em ambas,

percebemos que o novo, o moderno, não surge do nada. Ele se remonta a partir do tradicional, com determinadas modificações e reestruturações, buscando um alcance mais abrangente de remodelação do estrutural sócio-geográfico. O que se percebe também é que o processo de construção de identidade social que vem ocorrendo atualmente no nível local tenta abranger não apenas o tradicional ou o moderno isoladamente. Ocorre uma junção entre a memória e o projeto de futuro, ou seja, o presente social, nesses espaços, é conduzido pelo passado e pelas pretensões de futuro.

Há tempos sabemos que a cultura é dinâmica e que ela não pode perpetuar-se no tempo, tendo uma tendência a se reproduzir de forma modificada. No entanto, há uma particularidade nas mudanças atuais que perpassa este fenômeno, pois as idéias daqueles que a produzem e que a legitimam, é que a cultura vem sendo resgatada, e esse resgate parece instituir um amplo processo de reconstrução de todo o contexto no qual ela está inserida.

Convém salientar que, embora o termo cultura englobe uma diversidade de aspectos sobre o qual poderíamos nos ater, estamos centrando nosso olhar nesse termo como fenômeno de lazer de uma parcela materialmente desprivilegiada da população, e falamos de lazer no sentido de utilização de tempo livre dessa mesma parcela majoritária.

O lazer, como concebido aqui, é um fenômeno que ganha visibilidade através das festas. Porém, não pretendemos situá-lo como privilégio para uma parcela da população com condições materiais para gozar do seu tempo livre, mas o vemos como um direito do cidadão que merece e deve ser conquistado por todos, inclusive pelos que dispõem de pouco tempo para o entretenimento e diversão (MAGNANI, s/d).

O que se pretende deixar claro é que, dentro desse contexto de revalorização do lazer, das festas, das tradições, do localismo, das diferenças, que se

contrapõem ao cenário descrito acima, à luz das teorias contemporâneas, percebe-se uma contradição entre teoria e prática. Ou seja, prega-se uma reconstrução da cultura, mas aqueles que vivenciam tal projeto remetem essa reconstrução a um resgate não apenas da cultura, mas de todo aparato social que lhe dá sustentação, tendo em vista que “o povo realiza estes processos compartilhando as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema em que vive (...) e por sua vez criando as suas próprias estruturas” (GARCIA CANCLINI, 1983).

Para as teorias contemporâneas, o contexto histórico que fornece a base dessa revalorização é permeado pela atual crise que o sistema capitalista de produção vem enfrentando. Após passar por um período de crescimento intenso, pautado na doutrina da cultura de massa, depois da crise dos anos 30, o capitalismo começa a ter uma nova fase negra a partir dos anos 90. A homogeneização é questionada e, para se manter forte, o sistema tem que pensar em um novo rumo para implementar. Começa-se, então, a redirecionar o projeto de globalização, pautando-o não mais em uma homogeneização, mas na expansão da heterogeneidade. O mundo não mais tendia a ser igual, mas a ser diferente, no entanto, compartilhado. Neste sentido, podemos entender o que chamam de pós-modernismo através das palavras de Mizrach:

“Pós-modernismo, se algo, é em essência, uma combinação de modernidade e pré-moderno – um tipo de marca do abandono e do não tentado. Num mundo onde o velho (tradição, superstição, crenças populares etc.) é mais e mais abandonado, nada pode ser mais novo e vanguarda do que reintroduzi-lo mais uma vez; este é o estado irônico da pós-modernidade” (MIZRACH, s/d: 1)”.

Segundo Featherstone (1996), as noções, nessa época, passam a ser muito mais dinâmicas e as culturas passam a se misturar com facilidade, não havendo mais

distinção entre erudito e popular, pois não se encontram mais as origens desses movimentos mesclados. É neste cenário de restituição, de reconstrução ou de resgate que se insere a discussão acerca da cultura e do lazer entre os teóricos atuais. Eles voltam seus olhares para as mudanças que atingem esses fenômenos e para suas influências no processo mais amplo de organização ou reorganização da sociedade.

Com o avanço das comunicações, há um encontro direto entre os diversos sistemas culturais e estes acabam entrando em choque numa tentativa de construção simbólica hierárquica. O pós-modernismo tentaria solucionar esse problema pautando-se na proposta, já mencionada, de mescla de culturas e de estilos de vida, facilitando o desenvolvimento do processo de globalização que passa a ter como base de sustentação o mundo cultural. Esse processo de globalização, segundo Featherstone (1996) e Therborn (2002), é construído de forma desigual, tendo em vista as desigualdades de condições materiais mundiais perpetuadas historicamente e acentuadas nos países periféricos. Neste sentido, os possuidores de melhores condições materiais teriam acesso muito mais fácil e rápido do que os menos favorecidos aos meios de comunicação que propagam a cultura, gerando uma balança desigual.

Em síntese, o que ocorre é uma aceleração na complexidade derivada da mistura cultural. Essa mistura que, a priori, parece muito interessante sob vários aspectos, de valorização do estranho, de revalorização do local, do tradicional, parece não se desenvolver assim na prática, devido às desigualdades materiais e históricas que fazem com que se perpetue um quadro de subordinados e dominadores.

2.2 Discorrendo sobre a metodologia de pesquisa

Nesse momento, buscaremos discutir, especificamente, as etapas que tivemos que percorrer para o desenvolvimento desta pesquisa e a elaboração deste trabalho, ou seja, tentaremos discorrer sobre os métodos e técnicas de coleta utilizados.

Nesse espaço, daremos ênfase à discussão entre o exótico e o familiar para podermos explicitar como se deu, não uma entrada, mas uma reentrada no campo de pesquisa, assim como os recortes efetuados.

A palavra “campo”, nas Ciências Sociais, nos remete logo a pensamentos longínquos e exóticos. Por vezes, isso é verdade, mas em outras situações, o campo pode ser o que está ao nosso redor, o que nos é conhecido e familiar. Como diria DaMatta: “de fato, o exótico nunca pode passar a ser familiar; e o familiar nunca pode deixar de ser exótico.” (DAMATTA, 1978: 29)

O campo não é pois, necessariamente, algo distante e desconhecido, mas deve ser algo estranhado, algo que mesmo sendo familiar possa ser transformado em exótico. Mas, como fazer isso?

Diz-se, comumente, que transformar o exótico em familiar (trabalho realizado mais comumente) é algo menos complicado do que o oposto, pelo simples fato de termos mais facilidade em conhecer algo novo do que em quebrar as noções já pré-construídas sobre algo familiar.

Ao falarmos em exótico, estamos querendo dizer que o campo tem que ter algo que se queira descortinar, que se tenha curiosidade e ousadia para desvendar.

É importante ainda salientar que, como todo pesquisador, ao entrar em campo, possuíamos um planejamento prévio, tanto quanto a datas, quanto a número de entrevistas, questões relevantes, roteiros direcionados, dentre várias outras coisas que logo de início começaram a cair por terra. Isto porque a realidade que encontramos no

campo nunca é completamente igual às pré-noções que construímos, muito pouco parecido com o que lemos e aprendemos nos livros e manuais de pesquisa. Quando entramos no campo, a pesquisa passa a ter vida própria e cabe a nós, pesquisadores, termos sensibilidade para acompanhá-la, não deixando que ela ande sozinha, guiando-a sem manipulá-la.

Como o objetivo deste trabalho é analisar um processo construído social e historicamente, podemos afirmar que nos debruçaremos em uma análise qualitativa, inicialmente centrada sobre a história oral.

A história oral nos permite, através da memória e da narrativa dos informantes, reconstruir o olhar que uma determinada comunidade tem sobre si, seu passado, presente e futuro (CHIACCI, 1997).

Quando falamos em memória e narrativa, devemos ter em mente que esta é a reconstrução que um povo faz de seu passado, sendo apenas uma dentre tantas maneiras possíveis que estes encontraram de representá-lo, o que pode não condizer, exatamente, com a realidade dos fatos. Nesse sentido, a memória é uma construção imaginária que muitas vezes tende a supervalorizar alguns aspectos da realidade.

Pautada em emoções e vivências, através da memória as pessoas costumam reconstruir o passado, tendo em vista que os eventos são lembrados de acordo com as histórias de vida de cada um (FERREIRA, 1994).

Giddens discute muito bem sobre memória quando trata dos embates entre o tradicional e o moderno:

“A memória, como a tradição – em um sentido ou outro –, diz respeito à organização do passado em relação ao presente. (...) Desse modo, a memória é um processo ativo, social, que não pode ser apenas identificado com a

lembrança.” (BECK, GIDDENS, LASH, 1995: 81)

Quanto à centralidade na narrativa oral, podemos justificar tal escolha porque sendo a cidade de João Pessoa uma cidade “basicamente” desprovida de memória escrita, ou seja, história registrada, não teríamos subsídios documentais para respondermos às nossas inquietações através desse tipo de fonte.

Para que o leitor compreenda o que significa essa reentrada em campo, faremos uma breve retrospectiva acerca de uma pesquisa desenvolvida anteriormente no local⁶, tendo em vista que parte dos dados utilizados na elaboração final desse trabalho, inclusive algumas entrevistas, daí provieram.

2.2.1. A pesquisa anterior, ou a primeira fase da pesquisa de campo:

Entrar no bairro de Cruz das Armas não se constituiu numa tarefa muito fácil para mim que, como moradora da cidade de João Pessoa, cidade onde o bairro está situado, já ouvira muito falar dele, tendo desta maneira criado uma determinada imagem carregada de estereótipos e estigmas (GOFFMAN,1988), compartilhados por grande parte da cidade.

Quando da minha primeira entrada no bairro, no ano de 2002, pude perceber que várias das minhas pré-noções iam aos poucos se desfazendo. Na verdade, tive a impressão de estar em um mundo que eu não conhecia, o que me parecia de uma grande estranheza, tendo em vista estar na cidade onde sempre vivi, com uma

⁶ Esta pesquisa foi parte da pesquisa realizada pelo GREM – Grupo de estudos em sociologia e antropologia da emoção e culminou em meu trabalho de conclusão de curso intitulado: “Uma análise do bairro de Cruz das Armas sob a ótica do medo”, apresentada no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba no ano de 2003, tendo sido realizada entre os anos de 2002 e 2003. Vale ainda salientar que a escolha do bairro de Cruz das Armas não se deu de forma aleatória. Uma das primeiras etapas da pesquisa “Medos Corriqueiros” foi a realização, pelos então integrantes do GREM, de um levantamento das notícias dos principais jornais de João Pessoa que possuíam ligação com o medo no cotidiano da cidade e a seleção dos bairros que apareciam com maior frequência.

população que falava a mesma língua que a minha e, de certa forma, estava delineada sobre os mesmos mecanismos de organização social, ao menos teoricamente. Isso me fez pensar que talvez fosse melhor estar em um lugar distante, com pessoas desconhecidas mas, com a convicção de um estranhamento e não com uma pré-noção moldada num discurso construído talvez até midiaticamente.

Com o objetivo de investigar e compreender as atitudes em relação ao fenômeno do medo, especificamente no bairro de Cruz das Armas, busquei compreender os significados sociais do processo de individuação e de formação e formulação de segredos na construção de sociabilidades, tendo como perspectiva de análise, o medo enquanto construção social significativa e inerente a toda forma de sociabilidade e mesmo enquanto força organizadora do social (KOURY,2001 e 2002).

Nesse sentido, lembro daqueles primeiros momentos e de algumas fortes emoções que guiaram os meus primeiros contatos, emoções estas que quase me fizeram desistir de pesquisar aquele campo. O medo foi uma delas. Não um medo qualquer, mas algo específico: eu temia pelo desconhecido e temia por ser desconhecida, temia o estranhamento mútuo em vários sentidos; primeiro pela imagem pré-concebida que eu tinha dos moradores daquele espaço como marginalizados; segundo, por achar aquela uma comunidade muito complexa que eu não conseguiria desvendar. Por várias vezes temi não conseguir estabelecer uma relação com aqueles atores.

Então, após algumas visitas nas quais eu caminhei perdida pelo bairro, sendo por vezes surpreendida por crianças que ao me ver passar corriam ao meu encontro para saber quem eu era e o que queria ali, a mando de parentes mais velhos, como também por alguns adultos e até mesmo por uma viatura policial, que em um mesmo dia cruzou comigo por várias ruas até que me abordou e me indagou o que eu

fazia naquele local àquela hora, fim de tarde. Ao explicar quem eu era e o que estava fazendo ali, fui recomendada a voltar outro dia, em um horário mais cedo.

Estas e outras situações só faziam aumentar ainda mais o meu sentimento de medo e impotência. Eu lia e lia sobre pesquisas feitas em periferias e ficava boba, achava fantástico, admirável, a maneira como os sociólogos e antropólogos conseguiam estabelecer contato com tais populações, mas ao mesmo tempo me sentia incompetente para tal tarefa.

Nesse momento, mesmo um pouco desanimada, sem saber como estabelecer os primeiros contatos com a população que eu tanto queria estudar, deparei-me com um antigo conhecido que morava em Cruz das Armas; ao trocar algumas idéias com ele, logo se mostrou disposto a me apresentar a algumas pessoas que ele considerava de relevância dentro do bairro, moradores antigos que conheciam bem o bairro e sua história.

Foi assim que tive os meus primeiros contatos com os moradores daquele bairro e, a partir de então, à medida que em que eu era apresentada a outros moradores, começava a se criar uma rede ao meu redor. Tal rede me permitiu circular com mais facilidade pelo bairro, tendo em vista que as pessoas já comentavam sobre minha presença e meu trabalho. Assim como Zaluar: “Foi apenas neste período que senti necessidade de ser guiada. Logo adquiri confiança para andar sozinha...” (ZALUAR, 1985: 13).

Comecei meus contatos com conversas informais sobre o bairro. Em entrevistas de cunho exploratório, pouco estruturadas, acerca do modo de vida dos moradores, o cotidiano, as mudanças, sempre explicando o propósito da minha curiosidade e das minhas indagações. De início, só ouvia atenciosamente e, assim que saía de lá, tratava de anotar tudo para não esquecer nenhum detalhe que, quase sempre

escapavam; aos poucos, comecei a anotar enquanto eles falavam, no entanto, percebi uma reatividade e de pronto troquei tal técnica pela utilização do gravador, que me parecia mais eficaz, e de fato foi.

Foi aos poucos que fui adentrando a realidade daqueles moradores que estranhavam meu interesse, pois se sentiam esquecidos, excluídos e marginalizados.

Assim, para minha sorte, aqueles atores começaram a querer se mostrar, a se fazer ouvir. Eles viam em mim e na minha pesquisa uma maneira de dar voz às suas reclamações e inquietações, assim como às suas memórias; perceberam que a pesquisa, embora não trouxesse nada de concreto⁷ para eles, poderia trazer algum benefício emocional. Conseguimos assim, estabelecer um contato que ia além da obtenção de dados frios, de “... mera técnica de obtenção de dados, vivemos uma relação social em que ambas as partes aprenderam a se conhecer” (ZALUAR, 1985: 20). E foi assim que consegui ser aceita, criar uma relação mediada pela confiança e aos poucos pude compartilhar e desfrutar de momentos que são facultados apenas a familiares e amigos, momentos estes que me renderam bons dados de pesquisa, por compartilhar do próprio cotidiano dos meus informantes, embora não fosse nunca considerada como igual.

Nesses eventos, para os informantes, eu não estava a desempenhar meu papel de pesquisadora. Isso me possibilitou participar, tanto como interlocutora como enquanto simples ouvinte, de conversas que me trouxeram dados valiosos e que eu pude registrar graças a ter me tornado uma “personagem familiar”.

Segundo Gil (1991), a técnica da observação participante consiste na inclusão do observador na realidade de vida do ator ou grupo observado, ocupando o

⁷ Abro aqui um parênteses para esclarecer que, assim como na maiorias das pesquisas desenvolvidas em periferias, pela própria natureza de escassez que ronda esses lugares, por vezes, me vi pressionada entre questões do tipo: para que isso vai me servir? O que é que eu vou ganhar para falar sobre isso? Ou seja, muitas vezes, as pessoas pensam em uma troca, o que não deve acontecer jamais, e nesse caso em particular pôde ser superado através da construção de uma relação bem mais complexa e amistosa.

papel de membro grupal, para conhecer a vida do grupo em questão a partir do contexto do mesmo. Já Minayo (1994) nos diz que a observação participante

“... se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.”
(MINAYO, 1994, p.59)

Minha outra forma de entrada em campo, já no final da primeira fase de pesquisa, mais ou menos entre abril e maio de 2003, foi através da paróquia local, a Paróquia São José Operário. Na verdade, na fase anterior de pesquisa, mantive um contato estreito com moradores da área que eu chamo de área de transição⁸ no bairro, assim como com moradores da área periférica, sendo mais escassos os contatos com os moradores da pequena área elitizada. Durante esta fase, pude perceber que a paróquia local vinha desenvolvendo, nos últimos anos, algumas atividades sócio-culturais que envolviam e mobilizavam grande parte dos moradores de Cruz das Armas. Neste sentido, busquei estabelecer um contato com pessoas da igreja, como a secretária da paróquia, o pároco local e alguns organizadores do maior movimento realizado no bairro: o Movimento Paz e Cidadania⁹.

Com esses passos, eu finalizava uma etapa de pesquisa, a etapa exploratória, e passava a uma nova fase onde a técnica que ia prevalecer era a de entrevistas semi-estruturadas¹⁰ com uma amostra que se formava em bola de neve a partir desses primeiros contatos.

⁸ Para compreender esta divisão do bairro em áreas, ver capítulo 3.

⁹ Este movimento será detalhadamente analisado no último capítulo desta dissertação.

¹⁰ Entendemos por entrevista semi-estruturada aquela que se pauta em um roteiro básico, fomentado nos questionamentos, objetivos e hipóteses gerais da pesquisa, mas que permite uma incursão e um aprofundamento em pontos específicos definidos a partir da experiência de cada entrevistado (TRIVIÑOS, 1987).

Foram realizadas nesse período 12 entrevistas semi-estruturadas, gravadas, com base em um roteiro pré-estabelecido¹¹, como forma de aprofundar os conhecimentos e a compreensão que já vinha estabelecendo com aquele campo e aqueles informantes.

Nesses termos, na análise dos medos corriqueiros na cidade de João Pessoa, especificamente, no bairro de Cruz das Armas, percebemos que este fato tem tido grande influência no comportamento social dos indivíduos em meio ao social, criando e recriando, diversas formas de sociabilidade, relação e interação social.

Mesmo estando submersa em uma realidade de crescimento e banalização da violência, imposição de uma cultura pautada no medo, dentre outras coisas, o bairro de Cruz das Armas, vem reconstruindo sua imagem tanto para com a cidade de João Pessoa, como para os seus próprios moradores, tentando não abandonar totalmente as formas de relações tradicionais que funda a sociabilidade local. Buscam não deixar morrer o espírito de comunidade, pautada num modo comportamental específico mas, também, não deixando de perceber, visualizar e, de algumas maneiras, até mesmo, reagir ou adequar-se ao novo rumo que o global vem tomando, qual seja, a modernidade e os valores inseridos por esta.

Foi com base nesses dados que, após a finalização dessa pesquisa, em 2003, decidi continuar trabalhando naquele campo e com aqueles atores, no entanto, sob um novo foco de análise, ou me expressando melhor, desdobrando meu olhar, dando ênfase particular à dimensão cultural e ao lazer. Ou seja, decidi analisar as mudanças que o bairro de Cruz das Armas vinha sofrendo nos últimos anos e que, ao menos a primeira vista, incomodavam tanto seus moradores, sob a ótica da cultura e do lazer.

¹¹ Ver Anexo 2: roteiro de entrevista 1.

Tal decisão se deu tendo em vista que o bairro de Cruz das Armas, que já foi um local de cultura popular e lazer muito intenso, encontra-se hoje com a cultura e o lazer presentes apenas na memória nostálgica de seus moradores, que se queixam sempre por não poderem mais viver os bons e velhos tempos que despertam nostalgia.

E foi assim que parti para uma nova pesquisa, ou, se preferirmos, podemos mesmo afirmar, para uma nova perspectiva de uma pesquisa já iniciada.

2.2.2 Vinhos antigos em garrafas novas:

Tendo em mente o que eu estudaria nessa “nova pesquisa”, sentia necessidade de conhecer melhor meu objeto, traçar sobre ele informações gerais que me possibilitassem, a posteriori, compreendê-lo em profundidade.

Numa reentrada rápida ao campo, ainda no ano de 2004, realizei algumas entrevistas abertas com informantes com quem eu já havia estabelecido contato na pesquisa anterior com o intuito de mapear quais as festas de maior visibilidade, ao menos para os moradores do bairro. Por meio dessas entrevistas, pude perceber que essas festas às quais os moradores tanto se referiam, de maneira geral, tinham marcos específicos: o carnaval, o São João e a tradicional festa do bairro; a festa das hortênsias.

Após revisar uma bibliografia que me deu subsídios sobre o assunto e elaborar um projeto de pesquisa com um calendário pré-estabelecido, comecei, ou melhor, dei continuidade à pesquisa que já havia iniciado em 2002¹². No entanto, como meu foco de análise mostrava-se completamente distinto do anterior¹³, senti a necessidade de conhecer um pouco mais, na prática, as festas locais, pois necessitaria desse conhecimento mínimo para poder adentrar o campo.

¹² Ao falar em reinício tenho em mente que uma pesquisa jamais tem fim e, ao voltar ao mesmo campo não poderia me desvencilhar do que ali já havia vivido, bem como do que dali havia apreendido.

¹³ Vale salientar que na primeira fase de pesquisa em Cruz das Armas meu foco de análise eram as emoções, especialmente o medo, como regulador das relações sociais e das formas de sociabilidade.

Optei, então, por uma fonte oficial, tendo em vista que, já tinha em mente, em um segundo momento, aprofundar tais informações com os atores que compunham o cenário sobre o qual estava a me debruçar e levando em consideração que tais tipos de fonte permitem uma boa compreensão quando se trata de análises históricas.

2.2.3. A análise de dados documentais: o jornal União

Fazendo um recorte temporal que compõe o intervalo que vai da década de 1960 à atualidade, isto porque, como já vimos o bairro passa a ter maior visibilidade a partir dessa época, e as mudanças que o mesmo vem sofrendo pareciam ter tido início no final da década de 1980, optei por buscar em arquivos de jornal notícias que remetessem a esse bairro. Como já tinha sido informada sobre as épocas de atividade cultural do bairro, ative-me apenas aos meses no quais estas ocorriam, ou seja, fevereiro ou março, quando acontecem as festividades do carnaval; junho, com as festividades do São João, e novembro, quando acontecia a tradicional festa do bairro. Após a delimitação dos meses, busquei escolher o jornal para ser analisado e, entre três grandes jornais de circulação na cidade de João Pessoa, optei pelo União, devido ao fato de este ser o jornal mais antigo da cidade, de circular por todo o estado, e por fim, por ser ele estatal e não privado, o que, “teoricamente”, refletiria uma maior neutralidade.

Tendo o jornal e os meses escolhidos, tratei logo de elaborar uma ficha para ser preenchida quando estivesse a coletar esse material¹⁴. No entanto, ainda tinha uma dificuldade: como pesquisar mais de quarenta anos de jornal dia a dia, mesmo que selecionando três meses de cada ano, tendo um tempo tão curto de pesquisa? Decidi, então, coletar os dados com intervalos de três anos entre 1960 e 2003, tendo em vista

¹⁴ A ficha utilizada para coletar os dados no jornal União encontra-se no Anexo 3 desta dissertação.

que os dados relativos ao ano de 2004 não estavam disponíveis para consulta nos arquivos que visitei.

O estabelecimento do intervalo de três anos para coleta de dados se deveu ao fato de estar diante de uma amostra muito grande de jornais e do curto tempo disponível para tal tarefa. No entanto, levou-se em consideração que, segundo os informantes com quem eu já havia estabelecido primeiros contatos, as mudanças no bairro de Cruz das Armas não ocorriam em um curto espaço de tempo, eles tem inclusive como intervalo temporal para refletir as mudanças, as décadas. Sendo assim, tal recorte me pareceu adequado para o propósito.

Essa coleta de dados me rendeu cerca de 150 fichas preenchidas com toda e qualquer notícia encontrada sobre o bairro, não apenas as referentes à cultura e ao lazer, às festas, mas notícias gerais sobre Cruz das Armas.

Quando de sua análise, através de uma análise de conteúdo simples, dividindo os intervalos em décadas, corroborar algumas considerações que já me tinham sido colocadas pelos moradores locais.

O quadro abaixo mostra uma síntese das informações que foram coletadas. Em seguida há uma descrição dos mesmos.

Quadro I

CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS DO JORNAL UNIÃO

Década/ Assunto	1960	1970	1980	1990	2000 á 2003
Educação	02	-	-	-	-

Cultura (lazer, festas)	56	34	14	04	02
Infra-estrutura (crescimento e modernização)	04	06	06	-	02
Violência	-	02	02	04	04
Política	-	-	04	-	-
TOTAL 144 fichas	62	42	26	08	08

Como podemos visualizar no quadro acima, nas décadas de 1960, era comum encontrar amplas notícias, de grande visibilidade, ou seja, notícias de página inteira, com manchetes grandes e cheias de fotografias, sobre as festividades no bairro, os bailes de carnaval, tanto na rua quanto no Clube Internacional, as quadrilhas, e a festa das hortênsias, em especial. Nessa época, também se via com frequência notícias e propagandas tanto do Cine Glória, que se localizava no bairro, quanto do Teatro Juteca. Para se ter uma idéia, nessa época as notícias sobre cultura, lazer e festividades compunham cerca de 90% das noticiais sobre o bairro de Cruz das Armas.

A década de 1970 não se distancia muito da de 1960. Do total de fichas coletadas acerca desse período, mais de 80% remetem a notícias sobre as festas e manifestações de cultura de lazer que aconteciam no bairro analisado, sendo o restante

relacionado, em grande parte, à questão da falta de infra-estrutura no bairro, questão já retratada na década de 1960, no entanto, em uma quantidade não tão considerável como aqui.

A década de 1980 traz uma mudança significativa no foco das notícias divulgadas sobre o bairro de Cruz das Armas. Nessa época, as notícias passam a ser mais escassas, principalmente no que se refere ao lazer e às festas. As notícias que remetiam às festas, lazer ou qualquer manifestação cultural caem para menos de 60% . Notícias mais frequentes são sobre infra-estrutura, ampliação do comércio, calçamento das ruas, instalação de bancos, reforma de mercado público, dentre outras coisas, compondo cerca de 30% da amostra. E, nessa época, também começam a ser divulgadas algumas notícias, embora ainda raras, sobre a violência no local.

Na década de 1990, o olhar midiático sobre o bairro de Cruz das Armas dividiu-se entre as festas e a violência. Da amostra que temos, esse olhar divide-se, igualmente entre esses dois assuntos, 50% das notícias tratam de festividades e os outros 50% se referem a violência; ganham espaço as manchetes sobre a violência e a expansão do tráfico no local.

Por fim, nos primeiros anos do século XXI este processo continua, gerando uma inversão do padrão típico dos anos de 1960 e 1970. Cerca de 50% das notícias presentes no jornal União, sobre o bairro de Cruz das Armas, nessa época, tratam da violência no bairro, no entanto, as notícias sobre o lazer e as festas no bairro caem para apenas 25% e o restante se divide entre política, educação, infra-estrutura, dentre outros temas de menor relevância para nosso estudo.

Essa etapa de coleta e análise de dados nos jornais me possibilitou estabelecer um padrão geral relativo à frequência das festas e os índices de violência no bairro de Cruz das Armas. No entanto, o simples estabelecimento desse padrão não me

possibilitou compreender a relação entre essas mudanças e nem a forma como os moradores vinham se organizando ou reorganizando diante desta realidade, assim como as reações a essas transformações que constituem o cerne do meu problema de pesquisa.

Assim, após as primeiras idéias dos moradores e dos dados coletados nos jornais, elaborei um roteiro de entrevista semi-estruturada¹⁵ para novamente adentrar o campo de pesquisa.

2.2.4. Das entrevistas e dos entrevistados

Nesse momento, houve uma inversão na ordem dos entrevistados, ou dependendo do referencial, uma continuidade, pois o início se estabeleceu a partir do fim. Dei início a essa nova fase de pesquisa do ponto onde havia parado, ou seja, da paróquia local. No mês de outubro de 2005, quando estava prestes a realizar as entrevistas necessárias para compreender as questões que se revelaram na fase exploratória e na análise de conteúdo realizadas nesta etapa atual de pesquisa, estava ocorrendo a semana do Movimento Paz e Cidadania que acontece todos os anos nos salões da Paróquia São José. Foi lá que dei meus primeiros passos dessa nova fase. Com base em uma metodologia de observação participante pude colher informações sobre o evento, somando a estas, outras informações que obtive através da realização de entrevistas abertas com pessoas da organização, com moradores e também com outros pesquisadores que ali encontrei e que, mesmo não estando pesquisando o mesmo assunto, tratavam de temas similares. Alguns grupos de cultura popular e música regional que ali foram se apresentar também foram alvo de minhas inquietudes e indagações.

¹⁵ O roteiro de entrevista encontra-se no Anexo 4.

Essas entrevistas informais me possibilitaram apreender como o movimento é percebido pelos atores que o compunham. A elas juntou-se um ensaio fotográfico que veio somar o acervo de imagens locais que eu já vinha compondo desde 2002¹⁶.

Como já havia realizado, na primeira pesquisa, doze entrevistas com moradores e ex-moradores do bairro de Cruz das Armas, entrevistas estas que me passaram com clareza características gerais do bairro ao longo do tempo, mudanças estruturais e sócio-culturais, após a semana em que se realizou o evento citado, comecei a buscar contatar as pessoas que eu acreditava que pudessem colaborar com informações consistentes acerca das festas. As pessoas foram assim escolhidas em bola de neve, dentre aquelas que participaram de forma ativa das festas nas quais eu estava me debruçando.

Comecei então por pessoas ligadas ao próprio movimento, um dos organizadores do evento. Em seguida, identifiquei um informante que participou dos diversos períodos de festas no bairro e que me deu uma ampla visão das mudanças ocorridas. Este informante apresentou-me ao filho de um senhor que organizava uma troça carnavalesca em Cruz das Armas, assim como a um outro informante que organizava uma das maiores quadrilhas do bairro, compondo assim uma parte de minha amostra.

Mesmo não tendo grande visibilidade, por vezes ouvia falar sobre lapinhas¹⁷ que ali existiam, consegui então o contato de uma organizadora e ex-participante de lapinha e também tratei de entrevistá-la.

Embora, não tenha conseguido entrevistar nenhum dos membros que compunham a diretoria do Clube Internacional na época em que aconteciam os grandes

¹⁶ As fotos do que eu chamei de acervo estão dispostas ao longo deste trabalho sempre que viável a uma melhor visualização e interpretação por parte do leitor.

¹⁷ Tipo de manifestação de cultura popular muito comum nas periferias.

bailes carnavalescos, assim como nenhum dos antigos organizadores da tradicional festa do bairro, acredito que estas lacunas puderam ser supridas por meio de outra parte da minha amostra, ou seja, pelas entrevistas que fiz com moradores antigos do bairro e que descreveram de maneira bastante detalhada as festas do período em questão.

Ao todo, foram realizadas nessa nova e última fase de pesquisa de campo 10 entrevistas gravadas, que se somaram as outras 12 realizadas na pesquisa anterior e a mais inúmeras entrevistas abertas e informações adquiridas através da observação participante. Desde os primeiros contatos com os meus informantes, deixei claro que suas identidades seriam sempre preservadas, tendo em vista que, por vezes, eles tocam em assuntos delicados como o tráfico e violência no local. Assim, os nomes utilizados nas citações que ilustram uma situação ou outra são fictícios. Vejamos no quadro que segue uma pequena descrição acerca dos entrevistados. Tais informações estão dispostas em ordem cronológica de realização de entrevistas, assim, as doze primeiras foram realizadas na primeira pesquisa que realizamos no bairro, e as demais, na segunda.

Quadro II

CARACTERÍSTICAS DOS ENTREVISTADOS

NOME	IDADE	INFORMAÇÕES RELEVANTES
1. Marcelo	34	Morador do bairro desde a mais tenra infância. Atualmente trabalha no comércio local do bairro. Habita a área nobre ¹⁸ .
2. Clara	26	Moradora do bairro desde seu nascimento. Habita a área nobre

¹⁸ Para uma melhor compreensão acerca da divisão do bairro de Cruz das Armas em áreas nobre, de transição e periférica ver capítulo 3.

3. S. Lúcio	53	Morador de Cruz das Armas há 40 anos. Habita a área nobre.
4. Felipe	28	Mora na área transitória do bairro desde seu nascimento.
5. Marina	24	Moradora do bairro desde o seu nascimento.
6. Pedro	27	Morou no bairro de seu nascimento à sua morte, ocorrida pouco depois da realização da entrevista. Participava ativamente da organização do Movimento Paz e Cidadania.
7. D. Glória	69	Mora na área de transição do bairro há 42 anos.
8. D. Dolores	46	Moradora da área periférica do bairro há 33 anos. Trabalha como enfermeira em um hospital local.
9. D. Marlene	52	Mora na área periférica desde seu nascimento. Também exerce suas atividades profissionais no bairro, sendo diarista em casas da área nobre.
10. Pároco local	Não Informada	Trabalha e habita na igreja local desde a década de 1990.
11. D. Paula	43	Ex – moradora. Residiu por 37 anos na área de transição de Cruz das Armas. Hoje mora nos Bancários.
12. D. Lúcia	62	Ex – moradora do bairro; residiu no bairro por 43 anos e há 6 meses reside no Bessa. Habitava a área de transição.
13. João	28	Morador do bairro desde o seu nascimento.
14. Rodrigo	41	Mora no bairro há mais de 30 anos.
15. Márcio	37	Mora no bairro desde o seu nascimento.
16. Roberto	33	Mora no bairro desde o seu nascimento.
17. Allana	23	Moradora de Cruz das Armas há 23 anos.
18. Seu João	41	Morador do bairro de Cruz das Armas há 40 anos. Organizava uma quadrilha no local.

19. D.Fernanda	43	Morou mais de 40 anos no bairro.
20. Carlos	27	Morou no bairro por 25 anos.
21. Joana	50	Morou 49 anos no bairro.
22. D. Marli	57	Morou mais de 40 anos no bairro.

Durante a realização das entrevistas, me delicieei muito com algumas coisas como o fato de que muitas vezes fui tratada como aluna e as pessoas tinham um prazer incrível em descrever minuciosamente sobre cada assunto que tratávamos. Isso facilitou muito o meu trabalho, dando-me ampla liberdade e um imenso prazer em fazer cada vez mais perguntas. Raras foram às vezes em que alguém se negou a me prestar informações; poucas foram às pessoas que não me deram permissão para usar o gravador, muito embora eu tenha percebido que várias delas ficavam bem mais à vontade quando o mesmo estava desligado, principalmente se estávamos a falar sobre assuntos relacionados à violência e ao trafico no bairro. Por esta razão, muitas dessas questões eram melhor esclarecidas em entrevistas abertas, quando o gravador estava longe das vistas do informante.

Mesmo não tendo experienciado uma grande reatividade da parte dos meus informantes, situação que desanima qualquer pesquisador; muitas vezes me deparei a pensar: de fato, qual a relevância que a minha dissertação terá para esta população? Isso é embaraçoso, e às vezes, desestimulante, mas a empolgação com que, muitas vezes, os informantes ficavam ao se fazer ouvir, acabava com minhas perguntas sem respostas e me deixava, de certa forma, satisfeita e feliz.

Mesmo com toda a discussão sobre “neutralidade” que ronda as ciências humanas e sociais desde os seus primórdios, podemos afirmar que nenhum cientista social pode ter um controle tão grande de sua subjetividade a ponto de entrar em uma comunidade, um grupo, uma população qualquer, e sair do mesmo jeito que ali entrou. Eu posso afirmar que após esses anos de pesquisa com uma população tão heterogênea, complexa e fascinante jamais serei a mesma, não terei o mesmo olhar sobre as coisas, e não considero isso mal, considero isso uma construção, uma caminho para desvendar nossas populações, novos olhares.

De todo, estou eu aqui, agora afastada de meus informantes, a me debruçar sobre suas falas, suas entrevistas; a bisbilhotar ainda mais suas vidas, suas formas de organização, seu cotidiano, seus mecanismos de enfrentar as mudanças, tentando encontrar ainda mais detalhes em suas entrelinhas.

E é sobre esses dados que me debruçarei nos capítulos que seguem, tentando analisá-los e compreendê-los, tentando responder às questões que tanto me inquietam.

Assim, no próximo capítulo, o leitor encontrará um aprofundamento na análise que iniciamos no capítulo 1, no entanto a discussão terá um foco específico no bairro de Cruz das Armas. Nesse espaço buscaremos contrapor o que o bairro foi e o que o bairro é, enfatizando, claro, os aspectos que interessam para esta pesquisa, tendo como fonte principal a memória, seja ela individual ou coletiva de seus "eternos moradores".

Capítulo 3

Memória, lazer e violência em Cruz das Armas

Nesse capítulo, buscaremos reconstruir a história do bairro de Cruz das Armas, mas essa reconstrução não se debruçará sobre os aspectos estruturais do mesmo e sim, sobre os aspectos sócio-culturais, ou seja, tentaremos reconstruir através da memória dos moradores e ex-moradores do bairro, as formas de sociabilidade e organização sócio-cultural que envolveram o bairro ao longo do tempo.

3.1. O bairro e seus sub - bairros

Cruz das Armas

Cruz das Armas é um dos bairros mais antigos da capital paraibana, entretanto, as fontes documentais sobre o mesmo são muito escassas, fazendo-se necessário, muitas vezes, nos reportarmos à memória de alguns de seus “eternos moradores” a fim de construir determinados períodos de tempo do qual não encontramos registros escritos e mesmo a dinâmica do bairro e de seus moradores através do tempo/espço.

A população de Cruz das Armas era inicialmente composta por trabalhadores de baixo poder aquisitivo e, muitas vezes, as residências serviam também para exercício de atividades comerciais, como forma de complementação da renda familiar.

Embora predominantemente habitado por pessoas simples e de baixo poder aquisitivo desde sua formação, podemos encontrar alguns moradores com um

maior poder aquisitivo, configurando uma heterogeneidade que ainda hoje existe no local. Uma moradora antiga do bairro nos relata:

"Não é bem divisão que tem, mas até aqui na rua tem um povo que é mais trabalhador e também tem mais condições, de dinheiro, de estudo, vive melhor, né? Se bem que aqui já tem gente mais carente também... ali pros lado do quartel é que tem mais casas bonitas e os moradores quase tudo têm carro, quer dizer, tem uma boa condição de vida mesmo. Já ali pra baixo é uma pobreza só: o pessoal que mora ali pede esmola por aqui e às vezes até trabalha de empregada, lavadeira, faxineira[...]. Aí é ali que tem mais esse povo metido com as gangues também, tem boca de fumo..., então não é que o bairro seja dividido, é tudo uma coisa só, mas uma parte tem gente com mais dinheiro e em outra tem um pessoal mais pobre mesmo[...]. Aqui sempre foi assim, sempre teve essas diferenças, pelo menos desde que eu vim morar aqui. Agora, as casas eram muito diferentes, eram bem mais simples, aí a agente foi mudando aqui e ali e deu no que você tá vendo." (D. Glória)

Consta-nos que essa heterogeneidade presente no bairro existe desde seus primórdios. No entanto, relatos de moradores nos afirmam que, durante as décadas de 70 e 80 do século passado, esse processo intensificou-se devido às modificações e modernizações que o mesmo passou a sofrer.

O bairro de Cruz das Armas é composto oficialmente por 94 ruas, embora, na prática, esses limites sejam questionados pelos moradores mais antigos, que acreditam que o bairro é um pouco maior do que se delimita pelos atuais mapas oficiais da prefeitura municipal.

Embora geograficamente pudesse seguir os limites considerados oficiais, para analisar o bairro de Cruz das Armas ao longo dessa pesquisa de campo, tive dificuldades em entender os limites criados socialmente por aquela população, pois ali

as relações sociais estabelecem limites que se confundem uns com os outros e não se consegue distinguir onde um termina e outro começa.

Essas relações sociais que estabelecem os limites humanos, acabam por criar um forte estigma (GOFFMAN,1988) para com alguns espaços que compõe o bairro, fato este que levou o bairro a ser caracterizado, com vias a um melhor recorte metodológico, por duas grandes áreas distintas: a primeira parte, que chamei de elite do bairro e a segunda e maior parte que eu passei a chamar de área popular do bairro.

Podemos perceber as delimitações sociais criadas pelos moradores nos mapas da página seguinte. A área 1 demonstra a área elitizada do bairro que vai das primeiras ruas do bairro até, aproximadamente, a altura da Av. Abel da Silva. Dali em diante, concentra-se o que denominamos de área popular do bairro, demonstrada na área 2.

O estigma associado a essa delimitação simbólica pode ser constatado no discurso de alguns moradores do bairro, como perceberemos a seguir:

"A rua que eu moro é justamente a fronteira [...] Abel da Silva é a fronteira do bem com o mal. [...] [Da] Abel da Silva até o quartel do 15 você vê, as casas são melhores, as ruas são saneadas, [...] boa parte é um pessoal de classe média baixa. [...] As pessoas são donos de pequenos comércios, até funcionários públicos, às vezes até professo. Eu diria que essas pessoas têm outro nível [...], geralmente os filhos dessas pessoas estudam em escolas particulares, principalmente das mais tradicionais, [...]. [Da] Abel da Silva até o bairro de Oitizeiro, propriamente dito, que ainda é Cruz das Armas, [...] tem casa ainda de telha, até casa de palha ainda tem. [...] As ruas são esburacadas, não tem aquela infra-estrutura, geralmente as pessoas estudam em escolas públicas, são pessoas que não tem condições de pagar uma escola particular pros seus filhos." (Felipe).

Nas fotos que seguem, podemos perceber melhor como se estabelecem essas áreas que buscarei descrever, sinteticamente, a seguir.

Crédito: Alessa Souza



"Área nobre do bairro, grandes casas e poucos espaços de sociabilidade."

Crédito: Alessa Souza



"Na Av. Abel da Silva, portas das casas sempre abertas com livre circulação dos moradores entre elas"

Crédito: Alessa Souza



"Escadaria que serve como divisor de águas entre a área nobre do bairro e a área popular"

Crédito: Alessa Souza



"Área popular do bairro, casas simples com suas frentes servindo de intenso espaço de sociabilidades"

A primeira fotografia demonstra a realidade da parte que denominamos de área elitizada do bairro. Esta área é caracterizada por casas grandes, cercadas por suas muralhas e ruas desertas. Já a segunda foto, mostra a rua que traçamos como o divisor de águas do bairro, a Av. Abel da Silva. Nela, as fronteiras se confundem, existem casas mais estruturadas e outras mais simples, no entanto, as relações sociais já se estabelecem de forma estreita, há uma circulação das pessoas nas ruas a conversar e a visitar as casas da vizinhança, que passam boa parte do tempo com os portões abertos como forma de facilitar a circulação dos moradores entre as casas. Enquanto isso, a terceira foto mostra a escadaria que dá acesso à parte que denominamos de área popular do bairro de Cruz das Armas. Como podemos perceber, nessa área há falta de infraestrutura, as casas são bem simples e as pessoas circulam com mais intensidade pelas ruas. A quarta fotografia demonstra mais nitidamente as casas simples do bairro e a forte interação que existe entre os sujeitos que habitam tal localidade.

Como já mencionamos, e estamos agora a demonstrar de maneira mais clara, o bairro de Cruz das Armas possui uma heterogeneidade que o particulariza não apenas em sua construção físico-geográfica, mas, principalmente, nas formas de sociabilidade, interações e relações sociais, ou seja, no seu construto humano-social.

A imagem que se tem acerca dos moradores da área elitizada é de que estes sempre estabeleceram laços de amizade muito frouxos, não estabelecendo relações de proximidade, redes coesas, busca de reciprocidade nem solidariedade, características que parecem existir comumente nas relações estabelecidas na área popular. Na área elitizada o que parece predominar são características particularmente voltadas para o mundo moderno, como o anonimato e o isolamento. Tal situação pode ser ilustrada através da fala de uma ex-moradora do bairro:

"Aquele pessoal das ruas ali de cima se acha melhor que os outros: eles andam de lá pra os lados de Jaguaribe e centro, aqui pra baixo eles fingem que não existe, e eles falam da Rua do Rio como se não fosse o mesmo bairro que eles moram, fazem piada e tudo. Eu digo isso porque já ouvi uns filhinhos de papai que tem ali fazerem isso, eles vivem como o pessoal dos bairros mais nobres, é como lá no meu prédio, não tem afinidade entre eles e nem querem saber quem mora em outras ruas, não conhecem nem os vizinhos [...]. Aqui, já de umas ruas pra cá, pra esses lados é diferente, é como eu tava te contando, que tem amigos, um vai na casa do outro, senta na calçada ..." (Depoimento de D. Paula)

Fato ainda mencionado por outros moradores do bairro:

"O que acontece na cidade, você vê acontecer no próprio bairro, isso é que é interessante. Na parte mais elitizada de Cruz das Armas você não vê crianças na rua, brincando de roda. [...] Na parte mais popular você tem isso. Quer dizer, no próprio bairro você vê essa diferença, não precisa sair do bairro pra ver, não precisa ir pra Tambaú e comparar Tambaú e Cruz das Armas. Em Cruz das Armas mesmo você vê, na parte de quem tem maior poder aquisitivo, [...] que as crianças seguem um mesmo padrão [que em tambaú], geralmente vivem enfiadas dentro de casa, jogos eletrônicos. [...] Compare a Abel da Silva com a Alcides Bezerra, com a Lima Filho: é um deserto.[...] A rua do Oscar de Castro mesmo, é um deserto. Aí você anda um pouquinho, passa umas três ruas e encontra a Abel da Silva: aí é aquela festa..." (Felipe)

"Nessa grande área popular, as relações de vizinhança são muito fortes, as relações de famílias, filhos que se casaram, netos, pessoas que já estão aqui há algumas gerações, então existe toda uma rede de relações muito forte. Quando são familiares, essas pessoas gostam muito do bairro, nessa área há muito as relações de vizinhança. É claro que as vezes há muitos conflitos né? Pelo barulho, por exemplo, [...] mas as vezes há muita solidariedade de vizinhança, a convivência, as pessoas gostam de ficar nas calçadas conversando. Às vezes você vai num lugar [e] tá cheio de gente nas calçadas até de madrugada, conversando, batendo papo, naquela relação toda." (Pároco local)

3.2. Crescimento, desenvolvimento e violência

Um fator interessante no bairro de Cruz das Armas, e sob o qual nos detivemos com maior afinco no desenvolvimento da pesquisa, foi o processo de reestruturação que este vem sofrendo e a forte memória dos antigos moradores sobre o que o bairro foi um dia.

À medida que o bairro foi crescendo e se urbanizando, no final da década de 1980, instalaram-se ali várias agências bancárias e a avenida principal foi se tornando um local de comércio intenso, comportando várias farmácias, supermercados, óticas, entre outros estabelecimentos comerciais. O bairro foi assim perdendo suas características originais, foi se modificando. Conjuntamente a essa modificação foi transformando o próprio cotidiano de seus moradores e frequentadores, fato revelado pelos próprios moradores:

"Cruz das Armas hoje tem muita coisa, hospital, farmácia, um Mercado grande, Supermercado, tem uma igreja boa, com um padre bom [...]. Tem escola também, então isso mudou pra melhor, porque antes não tinha, mas aumentou muito a violência e o medo [...], isso aumentou demais, e aí isso é ruim [...], porque a gente vive tudo com medo agora [...]." (D. Marlene)

"Cresceu muito [...], houve um crescimento muito grande, ônibus em abundância [...], porque nós temos realmente [...], muito ônibus [...]. Então, cresceu muito, porque nós chegamos ali não tinha quase nada. Hoje em dia tem um comércio, tem uma igreja que tá muito bonita, que era muito pequenininha, tem vários bancos [...], Banco do Brasil, Bradesco, Caixa Econômica. E o mercado, era um mercadinho, você nem dizia que ali era um mercado, um mercado velho. Hoje em dia nós temos um bom mercado [...], um mercado novo. Cresceu, cresceu muito, Cruz das Armas cresceu muito." (D. Lúcia)

Grande parte dessa expansão de Cruz das Armas deve-se ao prolongamento da cidade de João Pessoa para o lado periférico, no sentido de se criarem outros bairros e conjuntos habitacionais nos arredores deste. Nesse sentido, sendo Cruz das Armas um bairro que já vinha caminhando rumo a uma determinada estruturação, passa a polarizar toda uma área da capital paraibana, como podemos perceber nas falas que seguem:

"Como a Avenida Cruz das Armas é um corredor, então, [...] a gente nota que há pessoas de outros bairros, principalmente os vizinhos, e tem as agências bancárias, que [...] são freqüentadas por pessoas de outros bairros..." (Pároco local)

"... a gente vê é que tem muita gente que vem ali dessas cidades vizinhas a João Pessoa, por exemplo, Conde, eu que tenho um certo conhecimento do pessoal do Conde, eu vejo muita gente ali, [...] naqueles supermercados de Cruz das Armas, principalmente, [...] aquela feira de Oitizeiro [...] e ali o movimento é muito grande de pessoas que vem daquela região ali, Sul, Jacumã, Conde" (S. Lúcio).

O crescimento de Cruz das Armas também carregou consigo o desenvolvimento de certa marginalização e violência relacionada diretamente ao tráfico de drogas, que se tornou comum em áreas determinadas do bairro.

Essa violência da qual os moradores se queixam é composta, em sua grande maioria, por brigas entre gangues do bairro de outros bairros e traficantes de drogas. A "Rua do Rio", nome vulgar pelo qual a Avenida Felix Antônio é conhecida, é considerada um dos maiores focos de violência do bairro, juntamente com a Avenida 4 de outubro, ambas visualizadas nas páginas que seguem, através de mapas e fotografias.

Nestes locais, o estigma (GOFFMAN,1988) é muito visível, pois a "Rua do Rio", que é apenas uma avenida do bairro, designa para pessoas que não são

Nestes locais, o estigma (GOFFMAN,1988) é muito visível, pois a "Rua do Rio", que é apenas uma avenida do bairro, designa para pessoas que não são consideradas daquele espaço, não apenas essa avenida, mas todas as ruas que a cercam, tornando assim, um locus tido como violento e perigoso. Estigma que não condiz com a realidade existente, pois podemos perceber que ali existem criminosos e marginais, mas também existem muitos trabalhadores e pessoas de bem, vivendo lado a lado (SILVEIRA, 1985).

Crédito: Alessa Souza



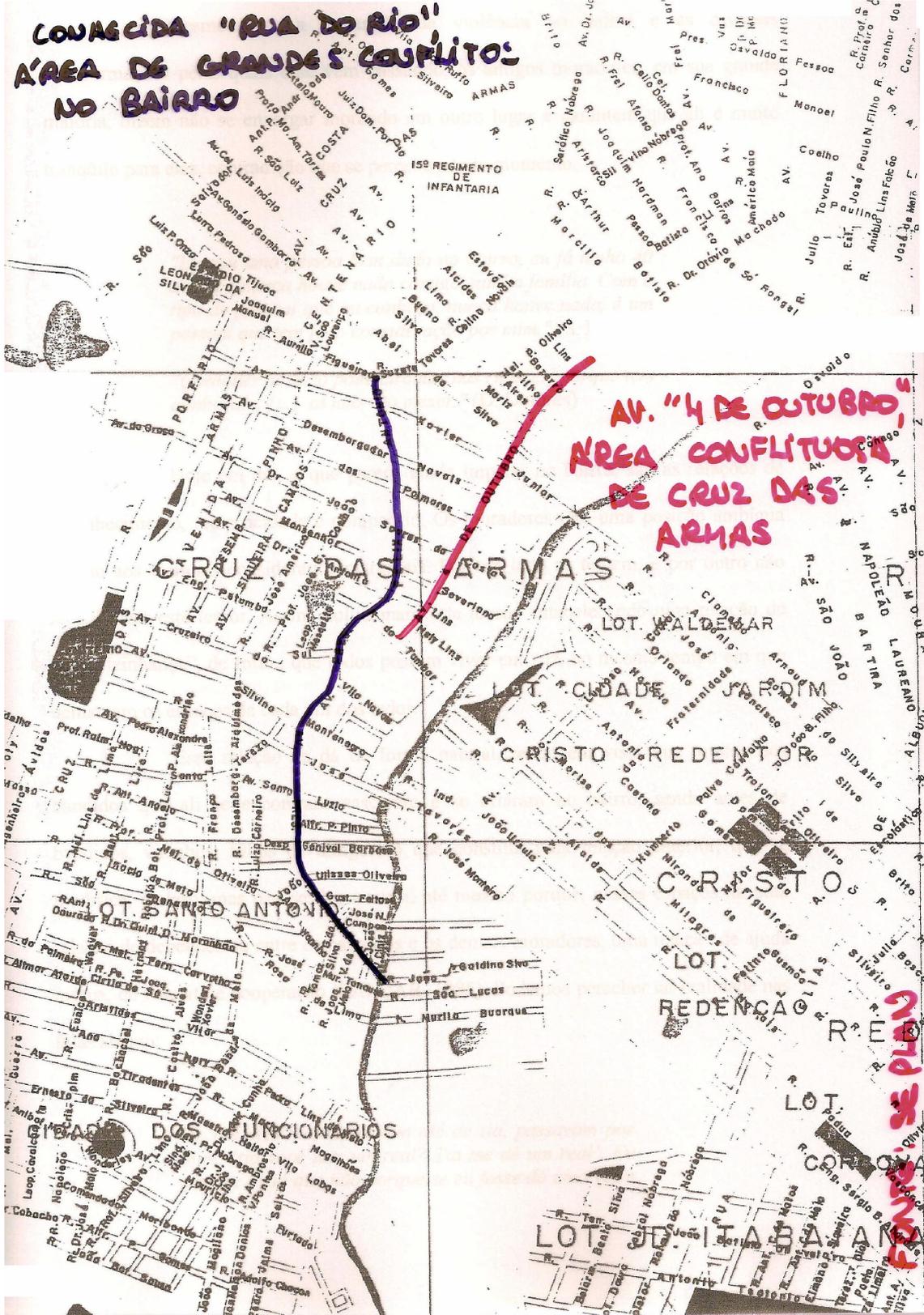
"Av. Félix Antônio, vulgarmente conhecida por 'Rua do Rio', nome que designa hoje não só esta avenida, mas toda uma área estigmatizada no bairro"

Crédito: ALESSA SOUZA



"Visão da Av. 4 de outubro, rua se casas simples que faz fronteira com a Av. Abel da Silva, pela conhecida escadaria"

CONHECIDA "RUA DO RIO"
ÁREA DE GRANDES CONFLITOS
NO BAIRRO



AV. "4 DE OUTUBRO"
ÁREA CONFLITUOSA
DE CRUZ DAS
ARMAS

2º PLANO
DE PLANO

Mesmo com a expansão da violência no bairro e as diversas transformações pelas quais esse vem passando, os antigos moradores, em sua grande maioria, dizem não se enxergar morando em outro lugar e garantem que ali é muito tranquilo para eles, contradição que se percebe a todo momento.

"Eu sou uma pessoa bem dada no bairro, eu já tenho 40 aos lá e nunca houve nada comigo, minha família. Com o tipo de pessoal que eu conheço, nunca houve nada, é um pessoal que tem [...] consideração por mim." (S. Lúcio)

"Qualquer horário pode circular nas ruas[...] porque tem conhecido, [...] aí não vão mexer." (D. Dolores)

Hoje em dia, o que parece ainda imperar no bairro, são as relações de reconhecimento, reciprocidade e compadrio. Os moradores têm uma posição ambígua quanto aos vizinhos considerados marginais. Por um lado os temem, e por outro não reconhecem este temor. Assim, solucionam esta tensão estabelecendo uma relação de “boa vizinhança”, de forma que todos possam viver em paz, ao mesmo tempo em que demarcam os espaços de cada um dos lados.

Essa relação se dá de forma natural, tendo em vista que muitos dos bandidos que ali se encontram nasceram e se criaram no bairro, sendo antes de bandidos, vizinhos, filhos de amigos, o que constitui uma relação anterior, que se modifica, é claro, mas não se desconstrói, até mesmo porque, nesses espaços há uma relação de dependência entre os bandidos e os demais moradores, uma relação de ajuda mútua, de respeito e cooperação (ZALUAR, 1985). Podemos perceber tal realidade nas falas abaixo:

"... até eles me chamavam até de tia, passavam por mim: 'tia você tem um real? Tia me dê um real'. Eu sempre dizia que não porque se eu fosse dá uma vez e

outra eu não tivesse pra dá outra vez, ia dar errado pra mim né, então eu sempre dizia 'não, não tenho, não meu amor depois eu lhe dou'. Tratava eles muito bem [...] porque [...] eles me chamavam de tia, e era uma forma de proteção.[...] Se você é bem tratado, é difícil a pessoa ser bem tratada e se vingar daquela pessoa. [...] Eles não tinham nenhuma raiva de mim, devia ser amenizada. Eles passavam na minha casa, às vezes eu tava num serviço lá [e] eles faziam: 'deixa tia, deixa que eu limpo'. Comigo era assim, era pra ver se ficava tudo em paz, né?" (D. Lúcia).

"... as pessoas que participam da violência, elas moram nas ruas, junto com todo mundo, e muitas pessoas sabem que determinadas pessoas estão envolvidas pelas drogas, com coisas perigosas e ficam caladas com essa situação para se protegerem, no silêncio. Às vezes, até um relacionamento amistoso, muitas vezes um distanciamento, e ficam no silêncio porque têm medo, já que a violência pode se voltar sobre elas." (Pároco local)

Ainda sobre o relacionamento entre os moradores do bairro e as pessoas ligadas ao tráfico e a violência, o que percebemos são relações permeadas por receio e medo, como ilustra as narrativas que seguem:

"Tem um pouco de receio, a gente fala [com eles] por falar, mas a gente fica na da gente. A gente fala já pra se proteger, pra que essas pessoas não mexa com a gente, né?" (D. Dolores).

"Olhe, geralmente, a política do bairro é essa: tem uns que não se sentem ameaçados, que enfrentam, e tem outros que diz assim 'eu não quero amizade, mas também não quero inimizade', faz [...] vista grossa. Geralmente é assim, não quer amizade mas também não quer inimizade, faz que não vê, ou que não liga. Tem [...] algumas pessoas mais afoitas que enfrentam mesmo: [...] um vizinho ali, que já faleceu, seu Vivi, que era coveiro, ele enfrentou um. Eu me lembro que, em 1997, foi o primeiro tiroteio de grande relevância que teve na rua. Eu me acordei 2 horas da madrugada, era tiro, parecia a guerra do Vietnã, e ele saiu de casa e enfrentou os bandidos. Saiu com

uma 12 na mão [...]. Veja bem, na realidade esse pessoal não era da rua, vinham de outro local. E ele saiu com a arma e enfrentou os bandidos. Então, tem alguns moradores que reagem, porque de certa maneira têm medo. Esse pessoal que lidam com droga, eles não mexem com os moradores da rua, porque têm medo. Tem uns que faz vista grossa mas também aquela velha história, 'não mexa comigo, [se] mexer a coisa vai ficar feia'. [...] Uns pedem dinheiro, eles dão: 'ah me dá 1 real', o cara dá 1 real, dá cinqüenta centavos. Tem uns que não dão mesmo: 'não!', e acabou." (Felipe).

Como algumas das falas acima deixam claro, há ainda uma especificidade no que diz respeito à relação que se estabelece com os bandidos ou marginais de fora do bairro. Estes, na maioria das vezes, são tidos como realmente perigosos e ameaçadores à população local. Para os moradores de Cruz das Armas são eles que adentram o bairro para criar confusão, gerar conflitos com as gangues locais, que entram no jogo em defesa própria e também em defesa do bairro e de seus moradores.

Mesmo em meio a essa realidade, aparentemente segura, pessoas que ali habitavam há cerca de quarenta anos estão buscando se mudar para outros bairros da cidade, receando que as tensões ali existentes possam explodir a qualquer momento. Coisa, por sinal, que já ocorrera em determinados momentos, onde imperou a lei do silêncio e o toque de recolher.

"[...] Nós saímos porque vendemos a nossa casa. [...] A família começou [a dizer] 'vamos sair daqui', por causa também da violência, porque a violência era muito grande e a família tinha medo. Era somente nós duas, eu e minha irmã, então a gente achou melhor sair de lá. Vim pra os Bancários." (D. Lúcia)

"[...] como eu já disse [...] eu não quero me mudar, mas as condições tão obrigando a gente a fazer isso. Minha família mora toda em outros bairros e tem até

medo de vim aqui. Eu vou ter que sair, mas eu não queria que fosse assim não, eu não me vejo morando em outro lugar. Querer, eu não quero não, eu nem sei como é morar em outro lugar. Eu ainda gosto muito daqui, aqui eu conheço todo mundo, todos os lugares, tem tudo que a gente quer, banco, supermercado, nem precisa sair daqui pra nada, até os marginais são conhecido [...], mas tá ficando feia a coisa aqui: vem gangue de outros bairros brigar com as que tem aqui, que já é muita, e aí não acaba em coisa boa não. Eu não quero sair, se pudesse eu ficava aqui, mas fica todo mundo da minha família preocupado e até eu já tô ficando preocupada mesmo, aí vai ser o jeito eu sair." (D. Glória)

A violência que descrevemos acima parece estar tendo forte influência na reestruturação dos fenômenos de cultura e lazer, pois as pessoas do bairro queixam-se constantemente, fazendo uma interligação entre estes elementos.

Da década de 1960 até o início da década de 1990 a diversão e o lazer dos habitantes de Cruz das Armas davam-se muitas vezes dentro do próprio bairro. O Clube Internacional promovia bailes nos fins de semana, como também um tradicional baile carnavalesco, onde os jovens se encontravam para se divertir, e não apenas os jovens, mas também, adultos e crianças nas famosas matinês. Na época do São João, haviam as inúmeras e animadas quadrilhas em diversas ruas da cidade. Havia ainda uma outra festa de grande repercussão não só apenas no bairro, mas em toda a cidade a Festa das Hortênsias, que ocorria uma vez ao ano e comportava uma parte profana e outra religiosa, atraindo pessoas de toda a cidade¹⁹. As falas abaixo remontam essa época de festividades:

¹⁹ A existência e visibilidade dessas festas para a cidade de João pessoa como um todo pode ser percebida através de um levantamento feito no Jornal União. Tal levantamento buscou captar a memória do bairro de Cruz das Armas da década de 60 aos dias atuais, focando três meses específicos: fevereiro, junho e novembro, meses em que as festividades citadas aconteciam. Ver análise de conteúdo sobre o mesmo no capítulo 2.

"... Antes a gente se divertia aqui no bairro, as pessoas eram mais amigas, mais animadas, tinha festas de rua, como a festa das Hortênsias, tinha também os clubes e danceterias onde todo fim de semana tinha festa e era muito divertido, no São João tinha as quadrilhas, era muito animado, a gente não saía daqui pra se divertir, tinha uma festa também na pracinha, ali na frente do quartel e tinha uma festa que eu acho que era no São João também, dentro do quartel. Mas, hoje não tem mais nada disso, nem a missa que era no Domingo de noite e a gente ia ficar ali na porta da igreja, conversando, não tem mais." (Marina)

"É, antigamente tinha mais diversão também. Tinha umas quadrilhas aí em junho e as ruas ficavam todas animadas. Agora diminuiu mais, mas lá perto de casa ainda tem. Tem uma lapinha também, que é de um pessoal ali do Varjão, mas antes tinha as festas de rua, tinha mais quadrilha e tinha os clubes aí com uns bailes. Agora se acabou." (João)

Na maioria das vezes, o fim do lazer, que antes existia no bairro, é justificado pelo crescimento dos índices de violência.

"... um dos lazeres, que era uma festa tradicional, [...] também pela violência [...] acabou. Quer dizer, a festa das Hortênsias acabou por dois motivos: primeiro, pela situação econômica. Os parques hoje em dia, como os circos, a tendência é desaparecer, só os grandes é que sobrevivem. E segundo, pela violência. Geralmente a festa era organizada pela igreja, a igreja que organizava a festa das Hortênsias. [...] Ali era a festa onde o bairro se encontrava, era interessante porque [...] as pessoas se viam, se conheciam. Mas devido à violência, ocorreram muitos incidentes na festa, brigas, até tiros já saiu. Com o aumento da violência [...] a igreja deixou de organizar a festa, aí quando a igreja deixou de organizar a festa, a festa acabou. [...] Todo final do ano, era tradicional." (Felipe)

"Eu tenho certeza que foi a violência que fez a festa acabar, porque era muita briga, inclusive acontecia até mortes durante a festa. Então o pessoal, os organizadores [...] não tinha mais interesse em organizar por causa das mortes." (Clara)

Passam-se os anos e os problemas que afligiam os moradores de Cruz das Armas não deixam de existir, apenas se transformam. O bairro é, atualmente, bem servido de transporte e comércio, no entanto, vários problemas de infra-estrutura ainda não foram solucionados: a maioria de suas ruas continua sem esgoto sanitário e calçamento, a violência dissemina-se de forma assustadora no local e a polícia não toma providências para minorar a situação, o lazer e a cultura que se faziam presentes no cotidiano de diversão dos que ali habitam vem escasseando a cada dia.

No capítulo que segue, traçaremos uma análise mais específica sobre a cultura e o lazer no bairro de Cruz das Armas. Tal análise será feita com base nas três festas que já mencionamos anteriormente, focando os períodos de mudança, as influências e conseqüências destas e, principalmente, observando como os moradores locais vêem estes fenômenos que, em última instância, são refletidos nas formas de sociabilidade local.

Capítulo 4

A cultura e o lazer no bairro de Cruz das Armas

Neste capítulo buscaremos analisar de maneira mais detalhada as relações entre as mudanças percebidas no lazer e o cotidiano dos moradores.

A teoria clássica, (Durkheim, Mauss, entre outros) já concebia a idéia de festa como um fenômeno que cria vínculos sociais a partir da experiência humana em sociedade. Seguindo esta tradição, a perspectiva que consideraremos aqui será a de festa como fenômeno socializador e integrador.

Em um país como o Brasil, as festas são constantes e marcantes em nossas vidas. De acordo com Perez (2004):

“... Costuma-se dizer que o Brasil pára em dezembro (afinal é Natal e nos vangloriamos de ser o maior país católico do mundo) e só volta a funcionar depois do carnaval, parando novamente na Páscoa e no período das festas juninas. Ou seja, as festas pontuam e regulam o curso de nossas vidas, a periodicidade das passagens. Elas marcam os tempos fortes, os momentos culminantes das coletividades, expressando as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida coletiva. (...) Não há dúvida e contestação da centralidade da festa em nossas vidas...”
(PEREZ, 2004: 2)

Rita Amaral (1998), que fez um estudo sobre as festas nas cidades brasileiras, nos afirma que, sem sombra de dúvidas, esse é um dos aspectos que faz fundar a forma de construção de sociabilidades em nossa sociedade.

“... ela pode comemorar acontecimentos, reviver tradições, criar novas formas de expressão, afirmar

identidades, preencher espaços na vida dos grupos, dramatizar situações e afirmações populares. Ser o espaço de protestos ou da construção de uma cidadania 'paralela'; de resistência à opressão econômica ou cultural ou, ainda, da catarse."

Tendo em mente a idéia de que a festa regula, integra, facilita, constrói solidariedades e estimula uma gama de relações (ZALUAR, 1985) é que focaremos nossa análise numa delimitação espaço/temporal sobre três festas específicas que, ao que nos parece, cumpriam essas funções em Cruz das Armas, ou seja, quando da existência destas, o bairro parecia mais coeso e mais comunitário, ao passo que, quando estas foram tendo menos amplitude e por fim, não existiam mais, o próprio cotidiano do bairro parece refletir essa lacuna.

Sendo um bairro periférico, onde as pessoas, em sua grande maioria, têm uma renda baixa, as festas compunham o cenário de cultura e lazer local, além de aguçarem as formas de sociabilidade que ali se estabeleciam. Assim, as festas de caráter mais amplo, mas não apenas estas, mesmo as festas particulares realizadas nas casas dos moradores, compunham um cenário poético no bairro, que o transformava em um bairro com caráter interiorano, onde as relações eram estreitas.

Assim, as festas davam ao bairro esse ar de tradicionalismo que podia ser percebido como uma alternativa à tendência homogeneizante da cidade que vem se intensificando muito depois da metade do século XX (AMARAL, 1998). A relação que se estabelece entre o caráter tradicional do bairro e a existência das festas aparecem na fala de um de nossos entrevistados.

"... ainda tem muito esse caráter de bairros tradicionais de se encontrar nas calçadas no final da tarde, à noite, pra conversar após as novelas e participar de aniversários e alguns eventos particulares. Outra coisa que é forte na minha lembrança eram as festas de final de

ano, as festas natalinas e comemoração de ano novo, que em algumas ruas, notoriamente, eram grandes eventos. Todos os moradores de uma rua se reuniam, ou quando uma rua era muito grande, o que é comum no bairro, grupos da mesma rua se reuniam pra fazer festas comunitárias, grandes eventos, interrompiam a rua inclusive, por causa dos ônibus. Eu sinto que diminuiu bastante, em algumas ruas cessou por completo.”
(Carlos)

Mas, essa característica de escasseamento ou transformação dessas formas de lazer popular é algo não específico do bairro que estamos estudando. Este é um fenômeno muito mais amplo, que atinge as cidades brasileiras como um todo e não apenas estas, mas o mundo contemporâneo.

Magnani (s/d) nos diz que:

“...constata-se uma progressiva diminuição dos espaços destinados ao exercício do lazer da população de baixa renda. É o que acontece principalmente com modalidades tradicionais como circos, parques de diversão, futebol de várzea...”

Tal fato ocorre porque há uma tendência maior a uma redução do lazer ao entretenimento, voltados para a massa e com o objetivo último de alimentar o sistema capitalista. No entanto, essas novas formas de lazer, não desempenham as mesmas funções que as festas tradicionais desempenhavam no meio social. Nesse tipo de lazer, geralmente, as pessoas vão com um grupo determinado, amigos e/ou familiares, e não há uma interação entre os vários grupos que ali se encontram. As pessoas não se conhecem, não traçam relações sociais, não estabelecem laços de sociabilidade.

As classes populares não conseguem usufruir dessas novas formas de lazer criadas pela indústria do entretenimento, pois estes geralmente ocorrem em

lugares privados e seguros, havendo assim todo um controle que acaba por selecionar e excluir grande parcela da população.

E, é pois, pautando-nos nessas transformações do lazer que, por vezes, acaba se criando uma espécie deste vácuo nas sociedades atingidas, que discutiremos as festas no bairro de Cruz das Armas.

Tal vácuo pode ser percebido por meio de um tipo de discurso saudosista, de passado melhor que o presente, de falta, de escasseamento. No caso específico de Cruz das Armas, é muito presente entre os moradores queixas acerca dessas mudanças em relação às festividades, de maneira geral, quer as públicas, quer as privadas.

Porém, nesse caso específico que estamos estudando, o assunto se encerra sempre com uma justificativa específica, que é o fato do crescimento da violência, se não como fim último, ao menos como meio para o surgimento de uma nova realidade. A fala abaixo, ilustra bem o que estamos discutindo:

“Quando eu cheguei era uma época boa, não tinha violência, existiam festas de ruas, existia ainda lapinha, existiam quadrilhas, existia a festa das hortênsias que era uma festa muito animada, era festa da sociedade do bairro. O internacional também era um clube onde as pessoas, digamos, a elite do bairro freqüentava, muito bom por sinal. Aí, depois o bairro foi se tornando violento, as pessoas que moravam lá foram se mudando, foram indo pra outros bairros, o bairro foi considerado periférico, se tornando mais violento; e hoje em dia mudou muito, acabaram as festas, o clube internacional acabou, praticamente deixou de existir e muitas outras mudanças no sentido de diversão.” (Joana)

Dentre as diversas festividades que ali existiam intensamente, algumas possuíam uma notoriedade maior, como é o caso das festividades carnavalescas, as

festas de São João e a aclamada festa das hortênsias. Sobre elas discorreremos com mais atenção ainda nesse capítulo.

No entanto, vale ressaltar que fora estas três festas de maior visibilidade e aquelas de cunho mais particular, as quais já mencionamos brevemente, algumas outras compunham o cenário de cultura e lazer no bairro. Estas, eram de menor porte, como festas no Quartel do 15, na única praça que existe no bairro, ou mesmo os bailes realizados nos clubes locais, que ao que se comenta, eram dois: o Internacional, que é mais antigo e tradicional e a Danceteria Neves, que não durou muito em funcionamento. Um informante ainda mencionou a existência de um terceiro clube, no entanto, parece que este tinha um menor público do bairro, primeiro por estar localizado em uma área um pouco conflituosa, segundo, pelas próprias atrações que oferecia que não atraíam muito os moradores.

Sobre o Clube Internacional, muitos moradores se queixam da época em que ele realizava os bailes funks, justificando que só quem os freqüentavam eram as pessoas ligadas ao tráfico de drogas no bairro, e que, por isso, ocorriam muitas brigas e até mortes no local.

No entanto, o clube que se transformara em problema social para o bairro, já fora um clube respeitado, familiar e bem freqüentado, segundo meus informantes. Lá se realizava boa parte das festividades carnavalescas nas décadas de 1960, 1970 e até meados da década de 1980. Mas, é sobre isso que falaremos no próximo tópico.

4.1. As festas de carnaval

Dentre as festas de maior visibilidade em Cruz das Armas estavam aquelas realizadas durante o período de carnaval. Estas aconteciam em diversos lugares distintos e mobilizavam toda a população do bairro.

Festas nas ruas, nos clubes, nas casas. Do popular mela-mela aos bailes mais sofisticados iam as festividades carnavalescas no bairro que estamos estudando.

A população local lembra dessa época com entusiasmo e saudosismo, segundo eles, uma época que não existe mais.

Durante a coleta de dados feita no jornal, já descrita nesse trabalho, pudemos perceber que durante o carnaval, dentre os bailes mais citados e propagandeados dias antes das festividades, estava o baile que acontecia no Clube Internacional. Juntamente com dois outros grandes clubes da cidade, o clube Astrea e o clube Cabo Branco, os bailes realizados no internacional compunham o grande cenário carnavalesco, em se tratando de festas fechadas da cidade de João Pessoa.

Os bailes aconteciam durante os quatro dias de carnaval; durante a tarde eram realizadas as matinês para crianças e adolescentes e, à noite, os famosos bailes para os adultos. Alguns moradores dizem que esses bailes eram pagos, e o preço não era assim tão acessível o que fazia com que apenas uma parcela da população local participasse. Outro fator que limitava a participação popular nesses bailes é que os sócios tinham livre acesso a essas festas, o que selecionava ainda mais o seu público. Tal fato fica ilustrado na fala que segue:

“... no clube internacional já era diferente, lá era tudo muito selecionado, ambiente familiar, pessoas bonitas e arrumadas brincando e se divertindo. Mas, isso é porque lá era pago né? E o ingresso não era barato não. Então era uma coisa linda, porque só ia quem realmente podia...”. (Fernanda)

Mesmo quem não viveu essa época dos grandes bailes carnavalescos do Clube Internacional, conviveu com as saudosistas lembranças e constantes comentários a respeito destes:

“... eu sempre ouvi falar que, na época passada, na geração anterior à minha, tinha uma grande festa de carnaval no clube internacional. Cheguei a freqüentar durante alguns anos, mas não tanto, com tanto esplendor, na verdade era incipiente...” (Carlos)

Mas, o carnaval de Cruz as Armas não era algo apenas fechado, que limitava seus freqüentadores. Muito pelo contrário, nós podemos mesmo afirmar que essa festividade mobilizava toda a população do bairro, sendo democrática e eclética.

Assim, não era também apenas à noite que essa data era comemorada, as comemorações e animações começavam cedo, alguns diziam que durante o dia era a preparação, “o esquentar” para a noite, que sempre prometia ser esplendorosa.

Durante o dia, nas décadas de 1960 e 1970, havia os desfiles das troças e das escolas de samba do bairro.

As troças saíam pelas ruas do bairro, entravam nas casas, bebiam, brincavam e se divertiam. E para aqueles desfiles havia toda uma preparação prévia. O filho de um organizador de troça nos conta como tudo acontecia:

“... meu pai tinha uma troça e a gente saía com a troça. A cada ano, tinha um tema. Minha mãe confeccionava as máscaras, a gente cortava em tiras aqueles sacos de farinha de trigo pra depois tingir de cores vibrantes. O nome do bloco era Urso da Abel da Silva, mas cada ano tinha um tema que nós explorávamos, tanto fazendo uma sátira das questões políticas daquele ano, quanto sobre músicas, sobre coisas da época. Quando eu entrei no exército e saí, ainda continuou essa atividade. Meu pai

ainda era vivo, continuou, mas a gente foi usando essa atividade de troça como uma preliminar: a gente saía durante o dia e já tinha aquela idéia de à tarde dormir e à noite ir para o clube.” (Rodrigo)

Alguns anos mais tarde, essa brincadeira das troças começou a se “modernizar” e talvez a partir de então tenha começado a perder seu caráter popular, democrático e estimulante, isto porque a troça transforma-se em coço ou charanga.

Já nessa época, as pessoas não saíam mais a pé pelas ruas do bairro e a entrar de casa em casa indistintamente. As charangas eram carros alugados com o dinheiro de contribuições prévias. Assim, alugava-se um carro que era todo enfeitado e as pessoas que iriam sair nesse carro eram aquelas que tinham contribuído para o dinheiro da preparação. Também não se visitava mais as casas de forma aleatória, existiam paradas específicas.

Rodrigo nos conta como se deu essa passagem:

“... o coço eram aqueles carros velhos que a gente comprava e pintava de várias cores, fazia cotinhas pra isso. Quanto mais irreverente mais interessante. Todo mundo que colaborava com aquele carro saía em cima dele. Eu saía com meu pai, a gente ia às casas e as pessoas, além de dar a bebida e o tira gosto, botavam uma nota, um dinheiro na bandeira da troça, e havia disputas entre as casas quem colaborava mais. Esse dinheiro, a gente, quando chegava em casa, pegava e ia beber mais. Depois de 75, quando meu pai morreu, a gente não saía mais com blocos com bandeirinhas nas ruas, a gente alugava caminhonetes, as charangas. A gente passou a sofisticar mais, não saía mais de porta em porta. A gente se organizava, alugava um carro, enfeitava e saía já pra aquelas casas onde havia sido convidado. Pessoas amigas. Então a gente brincava. No final da tarde a gente vinha, descansava um pouco, e aí ia pro clube.”

Essas pequenas transformações que vão ocorrendo com os fenômenos culturais de cunho popular não são específicas de um lugar, de um bairro ou de uma cidade. Elas têm amplitude e proporção muito maiores, faz parte de uma transformação cultural ampla que atinge a sociedade como um todo, modificando seus hábitos e costumes, estetizando, estilizando e privatizando os mais diversos fenômenos que, aos poucos, perdem seu cunho popularesco e, em alguns casos o sentido de existir, principalmente em áreas periféricas que estão submetidas a um processo de exclusão sobre vários aspectos. Segundo Magnani:

“Tal situação é resultado do caráter excludente do desenvolvimento urbano e a conseqüente desigualdade da distribuição de equipamentos, privilegiando alguns setores em detrimento de uma grande maioria.”
(MAGNANI: s/d: 3)

Assim, o fim das festas populares ultrapassa as questões específicas citadas pelos atores que as vivenciam, elas repercutem uma questão muito mais ampla, que envolve todo o cenário público quanto a questão de organização e de incentivo financeiro.

Mas mesmo sem essas brincadeiras “organizadas”, o carnaval de Cruz das Armas por muito tempo ainda continuou tendo sua agitação peculiar. Os bailes do Clube Internacional não eram mais tão visíveis assim, e as troças ou charangas quase não existiam, assim como as escolas de samba no final da década de 1980 e início da década de 1990. Mas as brincadeiras e a descontração nesse período do ano ainda permaneciam contagiando os atores com os quais estamos interagindo.

As festas agora eram mais “desorganizadas” e aconteciam entre a vizinhança mesmo, que ainda nutria um forte senso de compadrio e estreitas relações sociais que se aproximavam mais nesses períodos de festividades.

Vejamos os relatos de jovens que presenciaram essa nova fase das festividades carnavalescas, já em meados da década de 1980 e 1990:

”... durante uma época na minha infância, algumas ruas promoviam o famoso mela-mela, que era aquela brincadeira saudável de um morador ficar molhando o outro ou melando de maizena, ou, em alguns casos, de óleo ou de lama.” (Carlos)

“Todo mundo saía com um balde d’água, garrafa, maisena, e brincava. Blocos de rua, saíam aqueles ursos, entravam na casa de um na casa de outro. Era muito animado. Hoje não tem mais.” (Márcio)

Assim, quando falamos em carnaval naquele bairro, o discurso é sempre o mesmo, “aqui era assim..., aqui tinha essa e aquela festa, era muito bom, era muito animado”. As conjugações dos verbos estão sempre no passado e as falas terminam sempre com um “hoje não tem mais isso”.

Essas finalizações das festividades carnavalescas seguem o parâmetro geral que viemos discutindo ao longo dessa dissertação, de finalização do lazer no bairro. No entanto, as justificativas podem ser variadas para tal, fato em especial para o carnaval.

O Brasil como um todo passa por um processo de padronização de suas festas, e essa padronização tem sempre um modelo específico. No caso do carnaval, vemos que o modelo baiano gera grandes seguidores (MAGNANI, s/d). Os moradores de Cruz das Armas seguem esse padrão geral e buscam se aproximar dele, mesmo que para isso seja necessário buscá-lo fora do bairro:

“É um fenômeno não só do bairro, eu acho que com a questão do axé music, esse estilo baiano de fazer carnaval se impôs. No carnaval tudo se concentra hoje em dia em praia, ninguém brinca mais em bairro, e Cruz

das Armas, eu lembro, na época de seu Silva, tinha um bloco. Eram mais de 800 pessoas, bastante para um bairro. Mas acabou. Carnaval hoje em dia, nem na prévia tem nada aqui. Aqui tinha uma escola de Samba. E tinham os desfiles. Hoje ainda tem, mas é muito fraco. Tinham as tribos indígenas. Hoje em dia é muito pequenininho essas coisas.” (Roberto)

Apesar de ainda existir algumas manifestações de cultura e lazer no bairro durante a época do carnaval, os moradores não mais as freqüentam, ou por não achar interessante, tendo em vista a pequena dimensão que estes têm, ou por preferir procurar divertimento em outras partes da cidade, como nas praias, que refletem o cenário mais amplo de carnaval difundido no país.

Márcio nos diz que:

“Não tem mais aquela cultura. Hoje você vê que a mídia chama muito pra ir pra praia, pra outras cidades. E não se tem mais investimento nem estrutura pras festas de bairro. Querem mais que vá à praia mesmo.”

E, Carlos acrescenta em sua fala uma delimitação temporal para essas mudanças:

“Acho que na segunda metade da década de 80 e da década de 90, toda a relação dos moradores com o evento carnaval no bairro foi totalmente modificado. O pessoal passou a ir muito mais pra grandes centros municipais de carnaval, por exemplo, Jacumã, Bahia da Traição, e o carnaval dentro do bairro perdeu muito da sua potência, da força que tinha na minha época e, acredito, que muito mais em épocas anteriores.”

No entanto, há um fenômeno específico que, por vezes, também é citado pelos moradores do bairro para o escasseamento e a finalização das festividades carnavalescas no bairro: o crescimento do tráfico e o aumento da violência local na

década de 1990. Roberto nos diz que na época do carnaval era uma das épocas em que mais havia assassinatos no bairro na década de 1990.

“... o fim das festas, de todas elas, teve uma influência direta ou indireta da violência. Porque, veja bem, quem é que vai ter coragem de sair pra alguma festa sabendo que vai estar lá as gangues, e que pode ter confusão, e sempre acaba nisso mesmo? Durante o carnaval mesmo, era a época em que mais tinha assassinato por aqui.”

Como vemos, o carnaval de Cruz das Armas já não existe mais, o máximo que se encontra são pequenas manifestações, sem grande apoio público, político e financeiro, que se limita a desfiles incipientes, sem público espectador e sem grandes estímulos para dar continuidade a tais tradições. E é isso que distingue um bairro periférico como Cruz das Armas de bairros de classe média: a indústria do entretenimento não investe neles; eles são o “outro” a ser excluído dos espaços de entretenimento controlados, seguros, privados.

Vejamos pelas falas abaixo como andam as festividades carnavalescas atualmente:

“Carnaval aqui no bairro não existe mais. O que tem é apenas um desfile lá na rua da frente, de índio, só tem índio, e algumas escolas de samba que realmente são muito pobres, porque não tem dinheiro, não tem recurso, o governo não ajuda, as empresas não dão patrocínio....”
(Márcio)

“Hoje em dia tá muito fraco; não tem mais incentivo de nada nem de ninguém, dinheiro pra falar fantasia, se enfeitar também não tem, ninguém ajuda, né?” (Joana)

Esse fenômeno não acontece apenas com as festividades carnavalescas, como veremos a seguir, o vultoso São João de alguns anos atrás também já não é mais o mesmo para esses atores em questão.

4.2. O São João e suas animadas quadrilhas

Assim como as festividades carnavalescas, as festividades juninas tinham grande visibilidade em Cruz das Armas.

Quando se reportam às festas, à cultura e ao lazer no bairro, os nossos informantes, de pronto, ressaltam a grande importância que já teve as festas juninas. Eles descrevem o mês de junho, e não apenas esse, mas mesmo o final do mês de maio e início de julho, como um marco para os eventos culturais que ali ocorriam, tendo em vista as grandes quadrilhas que se organizavam nesse período e que começavam seus ensaios que já movimentava e mobilizava grande parte da população bem antes do São João.

É notável que nesse período do ano o bairro todo se contagiava com o entusiasmo e a alegria desses eventos. As festas ocorriam das mais diversas formas, desde as mais simples possíveis.

Um grande destaque é dado às várias quadrilhas existentes no bairro. Quase toda rua tinha um grande pavilhão montado e, em ruas maiores, houve mesmo época em que existiam duas quadrilhas.

“... durante o São João era muito animado, porque tinha vários tipos de festa. Tinha as festas de rua que eram as quadrilhas, tinha quadrilha em cada esquina do bairro, era muito legal. Ia todo mundo, as ruas ficavam super movimentadas, era um sobe e desce de gente, as pessoas iam freqüentar as diversas quadrilhas, ia ver uma, aí depois ia ver outra, e uma se apresentava no pavilhão da outra, na palhoça da outra e todo mundo queria dançar

nas quadrilha., Era muito bom, todo mundo na rua até de madrugada...” (Alanna).

Essas quadrilhas tinham visibilidade também para além do bairro. Elas saíam para se apresentar em outros bairros, e até na festa organizada pelo poder público local, no centro da cidade, chegando a participar de concursos regionais. Nesse sentido, também vinham quadrilhas de outros bairros para ali se apresentarem, e tudo se transformava numa grande festa.

“Era uma grande festa do bairro, tinha premiação tinha tudo, mas hoje em dia não tem mais. Tinha grandes quadrilhas, pelo menos na minha rua tinham duas e eram muito boas. E as pessoas ficavam lá: pra que sair se nós tínhamos festa lá? E tava em comunidade, tava todo mundo junto, pra que sair? Não existia nada, não tinha violência, não tinha nada, todo mundo junto. Tinha as barraquinhas, as quadrilhas, as comidas. Milho, essas coisas. Era muito bom. E também tinha um trânsito de quadrilhas, digamos assim. Porque vinham as quadrilhas dos outros bairros pra se apresentar lá e as quadrilhas de lá saíam para se apresentar em outros bairros também.” (Marli).

Pelas entrevistas, podemos notar o entusiasmo com que a população nos fala dessa época áurea do São João em Cruz das Armas, de certa forma, até com mais empolgação que sobre o carnaval, talvez por ser esta uma época mais recente, estando assim mais fresca na memória ou, por ter sido mesmo uma época de mais animação.

Roberto nos faz uma incursão temporal sobre o ápice desses eventos:

“Eu me lembro, na época de São João, a Abel da Silva parecia Caruaru, porque vinha outras quadrilhas de outros bairros dançar aqui. Então a rua era aquela fileira de ônibus, era muito animado, muito animado mesmo. Isso foi na década de 90. E no final da década de 90 acabaram as quadrilhas.”

Conversando com algumas pessoas que organizavam essas quadrilhas, que em sua grande maioria não existem mais, podemos perceber que o trabalho deles era de muita dedicação. Eles dizem que começavam a se organizar logo depois das festividades do carnaval: a pensar nos passos, nas roupas, nas músicas. Em seguida, vinham as questões mais objetivas, como a batalha por patrocínio, tanto para a confecção das roupas, que saía por um valor não muito acessível aos participantes, que em sua grande maioria faziam parte das pessoas que compunham a camada mais popular do bairro, quanto para as lonas, os músicos que tocariam e para o transporte, que tinha que ser alugado para deslocar os dançarinos para as apresentações.

Dizemos que este era um trabalho de dedicação porque os organizadores não ganhavam nada com isso, e a comunidade toda participava como podia. Era um trabalho comunitário, que unia os moradores de Cruz das Armas não apenas na hora das comemorações, mas desde os preparativos prévios. Tais fatos confirmam a função de coesão social desempenhada pelas festas populares e já descrito no início desse capítulo (ZALUAR, 1985).

Seu João, o organizador de uma das maiores quadrilhas do bairro nos diz:

“As quadrilhas eram um trabalho do todo mundo. Quando me perguntam eu sempre digo isso, eu só direcionava, era o ‘coronel’, como se costuma chamar. Mas todo mundo ajudava como podia, desde os meninos e meninas que dançavam, que sem eles não tinha quadrilha, até os comerciantes, que davam um dinheiro pra gente arcar com os gastos. E as pessoas que sabiam costurar, por exemplo, faziam umas roupas. E assim a gente fazia a festa, e as quadrilhas ficavam realmente lindas”.

Como também nos conta o Seu João, em abril os jovens já começavam a procurá-lo dizendo que queriam dançar na quadrilha, e ele ia formando os pares, quando estes já não apareciam prontos. Os dançarinos eram todos moradores do bairro e muitas vezes das proximidades de onde se instalava o pavilhão da quadrilha. O organizador diz que o mérito da beleza da quadrilha era de toda a comunidade mas, ressalta o papel dos dançarinos.

“O trabalho de quadrilha não é fácil não. Requer tempo e disposição, tem que gostar mesmo, porque a gente começa a ensaiar de abril pra maio, e daí em diante vai tendo cada vez mais ensaio, então desgasta...”.

Esse fenômeno específico das quadrilhas nos remete a formas de sociabilidade e estreitamento de laços comunitários que não são mais tão comuns hoje em dia, não apenas no local que estamos estudando, mas, de maneira geral, no mundo moderno. Esse quadro nos remete à discussão de estetização do mundo, da cultura e nos leva a pensar em como é mesmo complicado essas festas populares se enquadrarem dentro de todo esse contexto estilizado e privatizado, principalmente se levarmos em conta que a imagem nesse novo contexto é muito forte, tem grande relevância, e a construção dessa imagem estética requer investimentos que, na maioria das vezes, as pessoas envolvidas com esses fenômenos de cunho popular não possuem.

Mesmo havendo várias quadrilhas no mesmo bairro, os organizadores assim como os dançantes nos dizem que a disputa que havia entre elas era uma disputa saudável. Não havia brigas nem desentendimentos por parte de ninguém que brincava nessas festas, e a disputa era considerada boa porque cada uma que quisesse ser mais bonita e mais animada que a outra, era estimulante.

Mas, não só de quadrilhas era feito o São João de Cruz das Armas. Os informantes nos contam também que a animação nas ruas era trazida para dentro das casas, que se contagiavam e acabavam por organizar comemorações particulares. Os moradores faziam fogueiras para assar os milhos, faziam comida de milho (pamonha, canjica) e se reuniam nas portas, nas calçadas para comemorar junto aos vizinhos essa data tão especial para eles:

“Todo mundo ia pra fogueirinha. Era um grupinho aqui com milho, outro ali com carne, dentro de casa ou fora de casa. Fazia aquelas fogueiras, brincava, e à noite ia lá pra ver as quadrilhas dançando. Ou mesmo, fazia aquelas festas dentro de casa, botava aquelas músicas de São João, todo mundo dançava, ria brincava.” (Márcio)

Mas, assim como no carnaval, essa é uma época que não existe mais. As festividades de São João encontram-se reduzidas ao máximo, e o bairro sente profundamente a falta daquele clima todo contagiante e entusiasmante.

No caso do São João, a justificativa utilizada pelos moradores perpassa quase o mesmo âmbito daquelas utilizadas para falar sobre o fim das festividades carnavalescas. No entanto, a ênfase aqui é minimizada; a violência tem um papel menos importante que a falta de incentivos por parte do poder público. Vejamos o que nos dizem os moradores sobre o que ocorre nessa época do ano, hoje em dia:

“Hoje ainda tem umas 2 quadrilhas, mas é a mesma história: as pessoas vão pros interiores, ou mesmo lá pra Lagoa. Aqui no bairro não ficam, e não tem mais diversão. Não tem mais aquele incentivo aqui do bairro. Era um bairro muito mais animado, muito mais seguro, onde as pessoas tinham aquelas amizades, eram muito mais amigo. Parecia até uma família: quando tinha festa tava todo mundo junto, brincando, mas quando acontecia algum problema, todo mundo corria pra saber, pra ajudar – outros eram pra meter a língua, mas

normalmente era pra ajudar. Mas hoje você não vê mais isso. As relações estão sendo quebradas.” (Márcio)

No entanto, nesse caso há uma especificidade pois, embora as pessoas justifiquem de forma ampla a finalização dessas festas, elas não costumam, como no caso do carnaval e da festa das hortênsias, sobre a qual falaremos a seguir, enfatizar a questão da violência como fim para tal; quando muito, interpretam que esta pode ter tido influência, mas de forma bem mais indireta.

Roberto nos dá sua opinião sobre o porquê das quadrilhas terem acabado, o que, mais uma vez, nos remete à concepção da festa como entretenimento, característica da globalização.

“Porque tem que ter recurso pra você organizar. Eu acho que tem também os patrocínios pra conseguir lona, pessoal que tenha disposição pra dançar. Hoje, São João em Cruz das Armas só se resume a algumas fogueirinhas, algumas pessoas se reúnem pra conversar. Mas, infelizmente, Cruz das Armas não tem muita animação como tinha antigamente.”

E sobre a relação da finalização dessas grandes quadrilhas e as festividades de São João como um todo com a violência vejamos o trecho que segue:

“... aqui no bairro tem muita violência. Não aqui, nessa área onde a gente mora. Mas existem muitos locais aqui onde tem muita violência, morte, tiroteio, briga entre gangue, traficante, um com outro tomando boca, então isso gera medo nas pessoas né? Medo de ir pras festas de noite, de ta perambulando pelas ruas pra ver quadrilha pra cima e pra baixo, como antigamente. Isso as pessoas não tem mais coragem de fazer. E se não tem participação da comunidade não têm como dá certo, né?” (Roberto)

Com o escasseamento das quadrilhas, todas as outras formas de comemoração do São João foram reduzidas ou finalizadas, pois eram as quadrilhas que abrilhatavam e impulsionavam essas festividades.

Como podemos perceber no caso do São João ninguém falou que aumentavam as mortes, nem que durante a festa havia brigas, disputas, entre outras coisas. Pelo contrário, as pessoas buscam deixar claro que era nessa organização que os laços entre os moradores locais se tornavam mais estreitos. No entanto, mesmo que indiretamente, notamos que a violência foi um fator importante para a diminuição dessas festividades no local. Tal fato pode mesmo ser contraposto ao que ocorreu com a festa das hortênsias, que será descrita a seguir.

4.3. A gloriosa festa das hortênsias

Falar da festa das hortênsias, para mim, se constitui numa tarefa extremamente difícil, principalmente, tendo que resumi-la a um tópico de capítulo, tendo em vista a grande significação que a mesma teve e ainda tem para os moradores de Cruz das Armas e a visibilidade que tal festa tinha não apenas dentro e para o bairro como para fora dele, na cidade de João Pessoa.

A festa das hortênsias ultrapassa o recorte temporal que fizemos em nossa pesquisa: ela existia desde antes da década de 1960 e perdurou até a década de 1990. Sendo uma grande festa, tinha como principal organizador o poder público, ou seja, a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado, como também a paróquia local, a Paróquia São José Operário. Ela acontecia todo mês de Novembro e durava cerca de 10 dias.

Sendo desta forma organizada, ela também possuía uma parte religiosa e outra profana. Essas partes interagiam e co-participavam. A igreja celebrava missas e

orações específicas, como novenas durante esse período, e a comunidade católica local participava ativamente. Mas, a paróquia também era responsável pelo maior pavilhão da festa, onde acontecia a grandiosidade da parte profana, com danças, shows, bebidas e muita animação.

Fora o pavilhão central, havia outras tantas barracas de lanches e brincadeiras, bebidas e comidas específicas, e mais um grande parque de diversão que era montado no local.

A festa ocupava uma grande área da avenida principal do bairro. O trânsito era desviado, o que chamava a atenção de toda a cidade e atraía pessoas da cidade inteira, inclusive as autoridades locais. Fora a festa das Neves, que ainda hoje existe em comemoração à padroeira da cidade, a festa das hortênsias era a de maior grandiosidade na cidade.

Organizada em uma grande área e com ampla visibilidade em relação à cidade, a festa das hortênsias exigia um determinado tempo para sua organização e muitos investimentos, tanto de particulares quanto do poder público.

O mapa que segue mostra as dimensões amplas da festa nas décadas de 1960, 1970 e até na década de 1980.

Ainda sobre essas dimensões e a visibilidade dessa festa vejamos as falas que seguem:

“A festa das hortênsias, pra você ter uma idéia, começava ali da Farmácia São Luis, na esquina da Abel da Silva, até o Cemitério São José. Então, era roda gigante, tinha os ranchos, uma palhoça grande onde as pessoas iam dançar, iam comer. Havia roda gigante, havia todos os brinquedos, atrações, e a festa era muito grande.” (Roberto)

“A festa das hortênsias era muito grande, muito boa por sinal, e a igreja católica dava uma ajuda e a prefeitura também. Era bom. Era uma festa de mais de uma semana, muito animada, tinham vários palanques, shows, tinha parque, brincadeiras...” (Márcio)

Alanna também expõe muito bem esse panorama geral acerca da festa:

“A festa das hortênsias era a maior festa, ela acontecia no mês de novembro e fechavam a avenida principal do bairro, a rua da frente ficava interditada, só com parque de diversão, pavilhão e tinha também a parte da igreja. Todo mundo freqüentava, vinha gente de outros bairros, vinha amigas minhas de escola que moravam no Cristo, no Centro. Eu acho que era uma festa que polarizava a cidade inteira, movimentava a cidade inteira E tinha grandes investidores também...”

Um outro fator que deve ser ressaltado no caso da festa das hortênsias é o fato dela conseguir, até certo ponto, quebrar uma barreira existente dentro do próprio bairro, qual seja, a da divisão em área elitizada e área periférica.

Tendo em vista que a festa acontecia, geograficamente falando, na área que compõe o que chamamos de área periférica de Cruz das Armas, seria comum que os moradores da área mais elitizada do bairro não a freqüentasse. Mas, não era isso o

que ocorria. A festa era freqüentada por pessoas de todo o bairro, assim como de toda a cidade, muito embora houvesse uma divisão quase que implícita, pois o pavilhão central era freqüentado por aqueles de maior poder aquisitivo, enquanto que a população mais carente freqüentava as outras barraquinhas que se espalhavam por toda estrutura montada.

Porém, com o passar do tempo, a festa das hortênsias foi tendo sua visibilidade e sua grandiosidade diminuída. Neste caso, embora vários fatores tenham contribuído para tal fato, o mais relevante parece ter sido o aumento da violência, ao menos no imaginário social dos atores que convivem nesse cenário.

A década de 1990, como vimos, trouxe muitas mudanças para o bairro de Cruz das Armas, entre essas mudanças podemos notar claramente o aumento do tráfico de drogas e com ele, conseqüentemente, o crescimento da violência.

Nessa época, também houve uma explosão dos bailes funks pelo país como um todo. O clube internacional, como já mencionamos, começou a promover esse tipo de festa nos sábados e domingos. Tendo em vista a proximidade do clube com a igreja local e a coincidência do término do horário da missa no domingo à noite com o início do baile funk, o padre resolveu antecipar o horário da missa, como forma de proteger seus fiéis de possíveis atos de violência.

Durante a realização da festa, à noite, também ocorriam vários casos de brigas e desavenças entre as gangues locais e as que vinham de outros bairros para o evento. Muitas vezes chegou-se até mesmo a registrar mortes no local. Tais acontecimentos sucessivos foram assustando a comunidade paroquial, assim como os moradores do bairro. Não se tem uma confirmação ao certo, mas diversos moradores acreditam que a igreja tenha se afastado da organização da festa devido a esses fatores.

Roberto nos fala sobre a saída da igreja da organização e a conseqüente redução da festa:

“Quem organizava era a igreja, então depois que a igreja deixou de organizar, ela foi reduzindo, reduzindo... foi diminuindo o tamanho, até que a festa das hortênsias ficou só entre a igreja e a maternidade frei Damião. Aí se acabou. Ainda houve um movimento pra tentar voltar à festa, mas não deu certo.”

E com a saída da igreja da organização, a festa foi sendo reduzida, devido também a outros fatores, como o crescimento da violência, a falta de incentivo público para sua organização e a própria mudança da cultura, que não valorizava esse tipo de manifestação, a degradação dos parques, entre outras coisas.

Joana nos fala sobre a relação da violência e a finalização da festa:

“Eu acho que foi justamente por causa desse problema da violência, desse problema da droga, que eles iam drogados pra lá, pra o pavilhão, não iam mais com aquela intenção de brincar, de se divertir, iam beber de maneira exagerada. Às vezes um dizia uma coisa com o outro, aí lá vinha a briga, lá ia se esmurrando, a violência em si, né? Às vezes tiro... foi acabando a festa. O padre foi realmente proibindo aquilo, porque tinha o lado profano e o lado religioso. Aí o padre foi proibindo, não botou mais o pavilhão como era anteriormente. O pavilhão da igreja deixou de existir que era o pavilhão que era mais animado. Aí foi deixando de existir, foi deixando de existir”

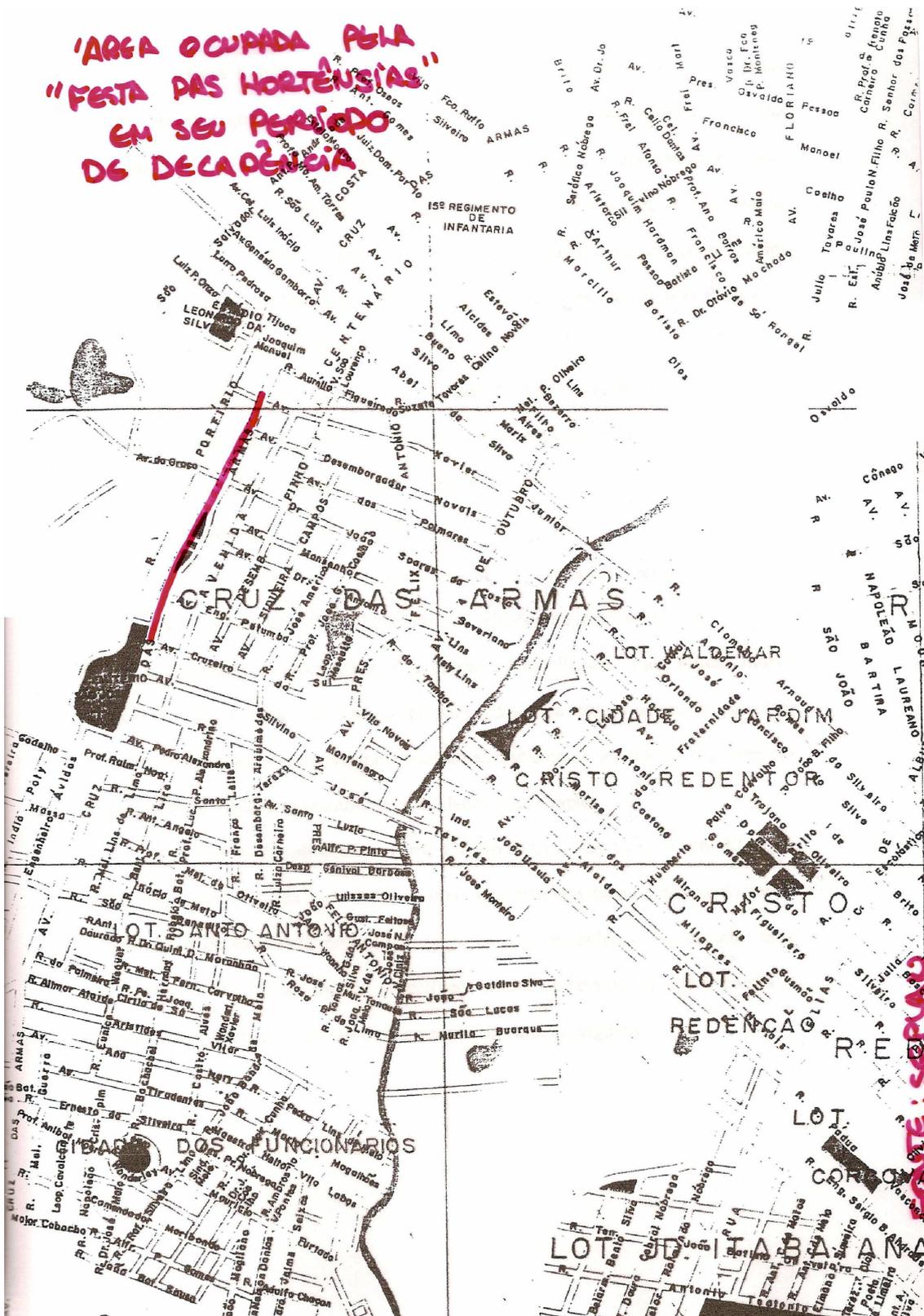
Como percebemos, há, para os moradores, uma íntima relação entre a violência e a finalização da festa das hortênsias, fato este que não aparece assim tão diretamente no caso das festas carnavalescas e juninas, talvez pelo fato de esta ser a festa de maior visibilidade, e por isso mesmo, atrair a atenção das gangues de outros bairros, o que, por vezes, acarretava em brigas, desavenças e mortes. Essa violência

podia até não atingir a população e os freqüentadores da festa de forma direta, mas os assustava e distanciava daqueles espaços que antes serviam de integração social, como ilustra a narrativa que segue:

“As pessoas foram perdendo o gosto, também foram reduzindo as atrações e, eu acho que, também foi à questão da violência que atrapalhou muito, né? Cruz das Armas, houve uma época que era considerado o bairro mais violento. Eu me lembro que em 97 foi quando começou uma onda de violência doida aqui, negócio de tráfico de drogas essas coisas. Cruz das Armas chegou a ter 23 assassinatos num mês. Começou a ter muitas brigas na festa das hortênsias e foi esvaziando, esvaziando, e hoje faz alguns anos que não tem mais.”
(Fernanda)

O mapa que segue nos traz as dimensões da festa já em seu período final.

**'ÁREA OCUPADA PELA
"FESTA DAS HORTÊNSIAS"
EM SEU PERÍODO
DE DECADÊNCIA**



ÁREA: 500m²

Com a análise da evolução, organização e declínio dessas três festas podemos perceber que Cruz das Armas sente muita a falta dessas festividades, dessa animação; pois as festas não tinham um caráter de mera diversão, elas iam além disso. Possuíam um caráter mais amplo e mais significativo; por meio delas construía-se laços de amizade e compadrio, relações e interações sociais que perpassavam aqueles dias e se alongavam por todo o cotidiano daqueles atores, que regiam suas vidas com base nessas formas de sociabilidade (AMARAL, 1998).

Sendo assim, nesse cenário as festas tinham um papel fundamental além do entretenimento: elas serviam como elementos de coesão e interação social, criando e recriando semelhanças e reciprocidades, além, é claro, do amplo sentido comunitário que elas alcançavam (MAGNANI, 1998).

Para os que as viveram as interações e relações sociais ocorriam de maneira mais espontânea. A solidariedade, as relações de compadrio e confiança e mesmo a construção de identidades e a busca de semelhanças eram nítidas nesses eventos e os ultrapassavam, transbordando para o dia-a-dia, para o cotidiano que ali se erguia. Essas características nos remetem a formas tradicionais de relações presentes em organizações de cunho comunitário, de sociedades mais simples.

Porém, a realidade que cerca o bairro de Cruz das Armas é bem diferente dessa que vimos descrita nas linhas acima. Um bairro violento, esquecido pelas autoridades e desencantado por grande parte de seus moradores. No entanto, essa realidade é combatida de formas específicas, muito embora estas sejam parcas e incipientes. E é sobre isto que nos debruçaremos no capítulo seguinte.

Capítulo 5

Entre percepções e reações

Neste quinto e derradeiro capítulo, focaremos nosso estudo sobre os diversos olhares, percepções e reações que rondam a realidade atual de Cruz das Armas. Analisaremos como os moradores de fora o percebem pautando-nos no estigma que o circunda. Em seguida, veremos como os moradores do bairro vêm se organizando e reagindo a esta imagem criada e estereotipada pela mídia e que se reflete na representação construída pela cidade como um todo.

Nosso olhar volta-se de maneira acentuada para um movimento de reação específico denominado “Paz e Cidadania”, que visa “resgatar” o bairro por meio da cultura. Esse aspecto em específico vem nos mostrar que:

“Os eventos culturais articulam-se na esfera do político, no sentido mais amplo do termo, ou seja, no espaço das relações entre grupos e segmentos sociais. Assim sendo, o estudo das manifestações culturais deve detectar os constrangimentos que limitam a sua articulação efetiva e a sua transgressão e superação em situações concretas.”
(ARANTES, 1990: 51)

Buscaremos compreender, assim, como esse movimento tenta superar a atual situação circundante no plano social, político e cultural do bairro, focando em seus objetivos e em suas ações concretas.

Nesse sentido, contextualizaremos esse movimento, caracterizando-o e descrevendo como ele vem ocorrendo desde o ano 2000, quando de seu nascimento,

motivado por uma manchete de jornal que dizia que Cruz das Armas era o bairro onde mais se morria por assassinato na cidade de João Pessoa²⁰.

5.1. O estigma que ronda o bairro de Cruz das Armas

Assim como os moradores de outras áreas da cidade de João Pessoa convivem com o medo e a violência, os moradores de Cruz das Armas encontram-se expostos a estes mesmos fatores, embora em um grau um pouco maior. Isso faz com que o local apareça para a cidade como um bairro especialmente perigoso e violento, criando assim um estigma (GOFFMAN,1988) acerca não só do bairro, como também das pessoas que ali habitam. Essa idéia pode ser ilustrada através do depoimento de uma ex-moradora do bairro:

"Aqui já foi muito bom. Hoje em dia não presta mais não. Nos outros bairros, pode não ter essa amizade que tem aqui entre os vizinhos, de um tá na casa do outro, de conversar nas calçadas que é bom e tem aqui ainda. Mas pelo menos nos outros bairros, pelo menos os que eu conheço, não tem essas brigas nas ruas, esse desfile de maloqueiro que tem aqui, os ladrões que tem andam as escondidas. Aqui os meninos andam com o revólver na cintura pra cima e pra baixo. Tem época que trocam tiro no meio da rua em pleno meio dia. Isso aí eu não vi em outro canto não, só aqui mesmo." (D. Paula)

A mídia ocupa um papel de destaque nesse processo de estigmatização que perpassa o bairro de Cruz das Armas diante da cidade de João Pessoa: ultimamente, passou a veicular de maneira exagerada e sensacionalista os casos de violência e as reações sociais ao medo, que ali se concentram. Nesse sentido, cria-se todo um imaginário social específico e estereotipado sobre o bairro de Cruz das Armas como

²⁰ Ver anexo 1.

sendo violento e perigoso, onde só residem pessoas pobres e marginalizadas. Os moradores do bairro demonstram uma opinião bem formada acerca dessa caracterização alimentada pela mídia:

"... eu gosto daqui, gostava mais de como era há uns dez anos atrás, mas ainda gosto. Acho que tem bairros muito piores, e aqui mesmo onde eu moro não é ruim mesmo, é pior lá pra Rua do Rio. Aqui ainda é bonzinho. Agora, quanto a como os outros bairros vêem a gente, aí eu acho que o povo exagera muito: acha que aqui só tem pobre e marginal. Mas também é como a televisão e os jornais mostram, só mostram Cruz das Armas quando tem uma briga, uma morte, só quando acontece alguma desgraça aqui, mas aqui também tem muita gente trabalhadora e honesta não tem só marginal e maconheiro não. Só que isso não é mostrado." (Marina)

Essa tendência de relacionar a imagem do pobre à violência que assola as grandes cidades não é uma característica específica de João Pessoa, sendo inclusive visualizada por pesquisadores em outros espaços específicos:

"Numa primeira aproximação a essa problemática através de análise de material veiculado pela imprensa escrita e televisiva local e nacional, os dados etnográficos indicavam que, não raro, a imprensa brasileira, ao divulgar as causas da violência urbana, revelava uma tendência a identificar, como um dos personagens centrais da trama urbana violência-criminalidade-medo, a figura genérica do "pobre" e a vincular tais eventos e acontecimentos a uma situação de 'crise urbana'." (ROCHA e ECKERT,1999)

Desta maneira, podemos dizer que o bairro de Cruz das Armas é inserido dentro da cidade de João Pessoa sob o prisma da exclusão, de um espaço tipicamente estigmatizado, periférico e violento.

Essa imagem, porém, que caracteriza o imaginário de João Pessoa não condiz, exatamente, com o discurso de quem realmente o conhece, seus moradores, ex-moradores, e pessoas que ali exercem suas atividades profissionais. Fica claro que podemos encontrar marginais e pessoas ligadas ao tráfico e a violência, no entanto, também fica claro a presença de trabalhadores que se esforçam para manter sua dignidade e honestidade, assim como em qualquer outra área periférica do Brasil (ZALUAR, 1985).

5.2. O movimento Paz e Cidadania

Embora a violência e o medo tenham por muito tempo assolado a imagem do bairro de Cruz das Armas, esta está sendo aos poucos, reconstruída. Uma das tentativas mais significativas dessa reconstrução, e sobre a qual debruçamos nosso olhar com atenção é a reação que a Paróquia São José Operário vem coadunando junto à comunidade.

Essa reação está sendo organizada em um movimento específico, o "Movimento Paz e Cidadania", proposto pela igreja local com o intuito de mobilizar os moradores do bairro diante da situação na qual se encontravam, uma situação de carência e de estigmatização e exclusão. Jenize (2002: 165), nos diz que, diante dessa realidade que cerca boa parte das periferias brasileiras: “as camadas populares passam a organizar-se em grupos e a vislumbrar a articulação das lutas entre os valores morais e as carências sociais, com vistas a mudanças sociais e políticas”.

A idéia desse movimento surgiu no ano de 1999, quando, segundo os moradores locais, a violência chegou ao extremo. A população estava inquieta e assustada com os altos índices de assassinatos cometidos. Nas freqüentes visitas feitas

às famílias que chamavam o padre para rezar pelas pessoas assassinadas, este percebia que as principais vítimas eram jovens e adolescentes, em sua maioria, pobres e negros.

O ponto-pé final para a idéia da criação de uma forma de reação a tal fenômeno, que só crescia, foi um artigo publicado pelo jornal Correio da Paraíba no dia 25/11/1999 intitulado: “Cruz das Armas é onde mais se mata”. Tal artigo tinha como enfoque a crescente onda de violência no bairro:

“O perfil da criminalidade em João pessoa revela que o bairro de Cruz das Armas é campeão em número de homicídios. Em sete meses (de janeiro a setembro) 46 pessoas foram assassinadas, correspondendo a 19% dos homicídios registrados na capital (246), no mesmo período.” (Jornal Correio da Paraíba, 1999)

Esta reportagem reforçou ainda mais a preocupação dos moradores do bairro, assustando-os e fazendo com que a igreja se questionasse sobre o que poderiam fazer para transformar essa realidade. Deveriam ficar passivos diante de tal situação? Como a comunidade poderia se posicionar frente a tal problema? E foram a partir desses questionamentos que a comunidade paroquial, tendo amplo apoio do pároco local, passou a se organizar e discutir ações em prol da defesa da vida, da dignidade humana e do combate à violência.

Foi então que surgiu a idéia do Movimento Paz e Cidadania como iniciativa que viesse a despertar a participação concreta dos habitantes do bairro. Veja o que nos fala o pároco sobre tal iniciativa:

“O Movimento Paz e Cidadania, foi criado como uma ação que nós julgamos necessária em relação ao problema da violência no bairro. Nós observamos que havia uma continuada criminalidade aqui no bairro e, no

ano de 1999, muitas pessoas morreram assassinadas. Então nós, como igreja, passamos a nos interrogar: o que podemos fazer, apenas rezar pelos mortos? Será que nosso papel é só esse? No ano de 2000, houve uma campanha da fraternidade que se chamava "Dignidade Humana e Paz", então nós aproveitamos aquela ocasião para lançar uma ação, criar um movimento chamado Movimento Paz e Cidadania que lançamos naquele período com uma missa, na qual nós rezamos pelos mortos, os assassinados e todos os seus familiares. E também na missa, fizemos a memória, das pessoas assassinadas na luta pela justiça em várias partes do mundo. Nós tomamos como ações para o movimento uma caminhada pela paz, realizada a cada na., Já fizemos 5, nas quais nós procuramos denunciar a realidade, a realidade violência, a realidade também dos problemas sociais do bairro, e depois propomos alguma reforma. Falamos também do sonho, do sonho de um bairro que a gente tem, de viver num bairro que não seja violento, que as pessoas se respeitem, que haja espaço de lazer, que haja investimento para o desenvolvimento do bairro, econômico e social”.

Assim começou essa reação organizada à realidade circundante no bairro.

Uma equipe passou a realizar visitas às famílias que tiveram filhos assassinados, recolhendo informações sobre as causas da morte e fotografias para serem usadas como forma de denúncia através dos meios de comunicação, em caminhadas e atos públicos. Foram também redigidos documentos que denunciavam a violência e a falta de segurança vivida pelos moradores do bairro, inclusive um abaixo assinado exigindo das autoridades político-administrativas competentes ações mais concretas em torno do combate à violência.

Dentro das ações desenvolvidas pelo Movimento Paz e Cidadania, temos: uma caminhada anual, que tem como objetivo despertar a comunidade para atos concretos de solidariedade, criar uma maior consciência de participação, compromisso e engajamento na luta em prol da melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes;

reuniões e seminários de formação, estes mais voltados para uma melhor preparação dos organizadores do movimento, e a semana de solidariedade e cultura.

Esta semana acontece também anualmente, coincidentemente, ou não, na mesma época em que acontecia a antiga Festa das Hortênsias, e tem como objetivo despertar os moradores do bairro para a prática da não violência e valorizar, através de atividades culturais, os artistas locais, viabilizando o acesso da população às diferentes linguagens artísticas e culturais.

Vejamos, mais uma vez, o que nos diz o pároco local:

“... a Semana da Solidariedade e Cultura a cada ano procura trabalhar a questão da cultura, promovendo teatro, poesia, dança, também a informação com palestras. E fizemos algumas experiências como gincana da solidariedade, corrida da solidariedade. Fazemos também arrecadações de alimentos e doações a famílias pobres e a instituições que trabalham com solidariedade. Há dois anos atrás nós conseguimos quase 2 toneladas de alimento. O ano passado foi um pouco menos...”
(Pároco local)

Vejamos agora algumas fotos da última semana da solidariedade e cultura realizada em outubro de 2005.

Créditos: Alessa Souza



As fotografias acima nos mostram a real participação da comunidade na Semana da Solidariedade e Cultura. As pessoas atentas assistem aos shows de artistas locais, e também as apresentações feitas pelos próprios moradores do bairro que participaram de oficinas durante o evento e nessa ocasião mostram o que aprenderam de fato.

Créditos: Alessa Souza



Nestas duas fotografias, vemos o público virando a estrela da festa. Jovens do bairro fazendo apresentações de hip hop como encerramento da oficina que participaram junto com na Semana da Solidariedade e Cultura.

As fotos acima nos trazem uma percepção e compreensão acerca de como o evento é organizado e quais seus objetivos. Buscando uma real participação comunitária, a semana de solidariedade e cultura tenta mobilizar a comunidade e reuni-

la em torno de aspectos culturais, com vistas a estabelecer relações sociais mais estreitas entre os moradores do bairro, como também a direcionar os jovens à arte, tirando o foco de atenção do bairro do tráfico e da violência cotidiana.

Segundo alguns moradores e os próprios organizadores do evento, a imagem do bairro de Cruz das Armas vem sendo reconstruída a partir dessas ações de reações organizadas pela comunidade, mediada pela paróquia local, embora ainda a passos muito lentos. A fala do pároco local nos mostra essas mudanças:

"Eu diria que os bairros populares de João Pessoa estão muito ligados à mídia, e a mídia tornou a imagem de Cruz das Armas como de um bairro muito violento. Em muitos lugares há uma visão negativa do bairro. Por outro lado, eu acho que as ações do Movimento e outras manifestações no bairro vieram falar de outra realidade, e também que a população não está inerte com a situação: lidera, faz ações, almeja um ambiente de paz. Então, por outro lado, há uma mudança na maneira de ver. É tanto que muita gente, quando a gente diz que é de Cruz das Armas, 'ah, como é que vai o Movimento, e a caminhada, o trabalho que vocês tão realizando?' O pessoal da mídia, às vezes liga pra cá, 'vocês tem um movimento sobre Paz e Cidadania né? A gente queria sua opinião sobre tal coisa', ou convida pra um determinado Fórum, um encontro. Então a gente nota que, começa a ter uma mudança."
(Pároco local)

5.3.Olhares e olhares

Em face dessa nova perspectiva, que foge do alvo da mídia e da composição do imaginário relativo aquele bairro, podemos perceber que este vem buscando desvencilhar sua imagem do estereótipo do medo e da violência que o cerca, muito embora esses elementos sejam fundamentais para entender esse espaço. Assim, diante do exposto, podemos entender a opinião de alguns moradores diante da imagem que o bairro possui para os demais habitantes da cidade de João Pessoa. Estes acreditam

que há certo exagero na representação que cerca a imagem de Cruz das Armas. Essa idéia pode ser ilustrada na fala seguinte:

"Cruz das Armas não é um bairro de rico, quer dizer, ele é um bairro popular e acho que é visto assim. Agora, existem algumas áreas mais problemáticas, como a Rua do Rio, mas isso tem em todo bairro. Eu trabalhei em Manaíra, Bessa, e em todo canto tem favela, tem ladrão e maconheiro, só que como são considerados bairros de rico, aí só se fala das partes boas. Como aqui a maioria dos moradores são pobres, acham que todos são malandros, mas não é bem assim. (...) Só porque esse é um bairro que tem mais pessoas pobres, - porque também tem gente com dinheiro, não rico, mas que vive bem -, é um bairro que só tem marginal. É, como se diz, uma periferia. Acho que isso deve ser sinônimo de favela."
(Pedro)

Percebemos, desta forma, que os moradores de Cruz das Armas vêem essa representação do bairro pautada na violência e no medo como uma forma de exclusão, que estes dizem sentir na pele quando mencionam o lugar onde residem. O estigma que se criou não atinge apenas o espaço físico, mas também os moradores que ali se encontram e que, por vezes, passam por um processo de negação de identidade para com o local e mesmo da construção de dessemelhança e estranhamento para com o bairro e seus moradores. Nos depoimentos abaixo, fica claro que o sentimento de vergonha e o medo de ser excluído faz com que algumas pessoas neguem sua condição de moradores de Cruz das Armas diante de outros espaços de sociabilidades com os quais constroem vínculos.

"Eu acho que os outros bairros julgam muito pelo que ouvem falar e ver na televisão. Eu falo do que eu vi e vejo aqui. Você falar de uma coisa que não conhece só porque ouviu dizer isso ou aquilo sempre acaba aumentando o que se passa de verdade. Agora uma coisa é certa, Cruz das Armas sempre foi um bairro onde tem mais gente

humilde. Tem aquelas ruas ali, as primeiras ali em cima que tem mais gente com casas boas e carros, mas aquele povo lá nem diz e nem acha que mora aqui. Eles acham que aquilo tudo lá é Jaguaribe, eles tem até vergonha de dizer que moram em Cruz das Armas, porque acham que aqui é bairro de pobre." (D. Paula)

"... muitas vezes elas têm vergonha de dizer que moram nessas áreas e, às vezes, até pra trabalho, os jovens mentem. Dizem que não são de Cruz das Armas. Eu não sei se ainda hoje continua. Com todo esse trabalho que a gente já fez, eu acho que tem mudado um pouco a opinião pública também. As pessoas tão vendo um bairro organizado, que denuncia, que tá fazendo alguma coisa, aí começa a aparecer mudanças, mas até então tem havido isso. Há pessoas que pensam que Cruz das Armas vive numa guerra eternamente, que as pessoas não saem às ruas. Eu acho que certos lugares aqui a gente vai tranquilo no horário que for né?" (Pároco local)

Ao analisarmos as narrativas dos moradores do bairro de Cruz das Armas sobre a visão que possuem do próprio bairro, percebemos que estes nos reportam à idéia de reestruturação social que o mesmo vem sofrendo desde o início da década de 1990. Essa reestruturação, por sua vez, mostra-se como resultado do crescimento dos índices de violência e da instalação de uma cultura do medo no local, bem como de uma intensificação no processo de estigmatização que a muito já rondava esse bairro popular da cidade de João Pessoa, mas eles tendem sempre a minorar a situação em que vivem e exaltar as melhorias e reações aos problemas que têm que enfrentar.

Ao mencionar essas modificações, seus moradores fincam as bases dessa reestruturação nas questões que permeiam a violência e o medo. Nesse sentido, o discurso desses moradores mostra-se ambíguo, porque, embora eles admitam e discorram sobre essas modificações, focalizando inclusive as mudanças que estas vêm proporcionando em suas vidas e práticas cotidianas, eles não assumem a posição de que a violência e o medo que se estruturam como elementos importantes naquele espaço social os atinjam. Veja as falas de alguns moradores:

"Medo? Medo, é muito forte essa palavra né? Eu acho que receio né? De certo, eu acho que aquela confiança que você tinha antes é mais difícil, realmente." (Marcelo)

"Olhe, os moradores de Cruz das armas, no geral gostam muito do bairro. As pessoas são apaixonadas pelo bairro e apesar dessas enfermidades, as pessoas gostam muito daqui. Agora, algumas pessoas das áreas mais nobres, quando podem, especialmente quando têm vivido algum tipo de violência, saem. Mas acho que aqui tem gente que mora há décadas e continua e, vai convivendo e, não pensa em sair do bairro não, esse povo daqui gosta muito do bairro". (Pároco local)

"Eu acredito que medo, medo, da pessoa tá sem sair, ter que se isolar, eu acho que não, entendeu, eu saio normal. Precaução, eu acho que todo local há mas, assim medo não. A não ser, veja bem, naquela parte, digamos, elitizada, a gente anda tranqüilo. Eu mesmo ando, por todo canto. Esses locais considero que existe um pouco de desavenças por lá mas, a gente anda tranqüilo. Eu não sei se é porque nós somos do bairro, mas eu acho que não tem motivo nenhum lá, pra o pessoal ter medo, medo mesmo, de nem querer sair de casa." (S. Lúcio)

Nos trechos acima, podemos notar que os moradores enxergam a realidade que os cercam, atualmente, como um fenômeno "natural". Chegam mesmo a banalizar a violência que ali se expande, demonstrando uma crítica aos exageros de alguns moradores que passaram a cogitar a possibilidade de sair do bairro devido aos elementos aqui questionados.

Assim, os moradores de Cruz das Armas admitem que este seja visto sob o prisma de um bairro popular, até mesmo porque essa característica remonta à história de sua fundação e desenvolvimento. No entanto, é perceptível que estes não concordam com a visão que a mídia vem disseminando acerca do mesmo, qual seja, a de um bairro periférico, que só comporta pobre e marginal. Os moradores, assim, vêm mostrando certa aversão e até mesmo reação, como podemos perceber nas ações desenvolvidas por

alguns movimentos no bairro, como por exemplo, o movimento Paz e Cidadania, ao processo de estigmatização que o mesmo vem sofrendo nos últimos anos.

Em suma, podemos dizer que os moradores do bairro o vêem e o vivenciam de uma maneira peculiar, posto que, embora admitam que este já teve dias melhores, muitos não perdem o reconhecimento e o sentimento de pertença que os configura enquanto parte integrante do cotidiano daquele bairro. Mesmo com toda reestruturação que o bairro vem sofrendo ultimamente, os moradores de Cruz das Armas, em sua grande maioria, continuam buscando construir um processo de identidade para com o bairro e seus demais moradores, no qual as festas populares vêm assumindo uma importância renovada.

Considerações Finais

Ao final dessa trajetória, faço uma síntese conclusiva e provisória do que consegui materializar das minhas primeiras idéias e objetivos. De tudo o que me havia proposto, sobreviveu a vontade de refletir sobre práticas de cultura e lazer em espaços onde os modos de vida e o cotidiano dos sujeitos vem sendo modificado a partir das transformações desses fenômenos específicos.

Laville (1999: 229) vem nos lembrar de que

“Todo projeto de pesquisa nasce de uma intenção, de uma necessidade de saber mais, de resolver um problema, de responder a uma questão. O procedimento não poderia estar completo sem um retorno a essa intenção original, à necessidade sentida no início, a fim de determinar em que medida essa necessidade está satisfeita, o problema resolvido, uma resposta dada à questão. Somente assim o círculo será fechado, o trabalho despendido terá dado seus frutos.”

Este trabalho, portanto, teve como objetivo principal compreender como a (re) organização social dos moradores do bairro de Cruz das Armas vêm sendo influenciadas pelas mudanças nas esferas da cultura e do lazer local.

A pesquisa mostrou que, de sua origem quase rural, Cruz das Armas herdou costumes, práticas culturais, sociabilidade, visão de mundo, dentre outros elementos; da proximidade com o urbano, absorveu novos elementos, tais como violência, inchaço populacional, desemprego, uma infra-estrutura, ainda que incipiente etc. O que resultou no modo de societário-comunitário que pode ser observado no cenário físico e no modo de vida dos seus moradores.

Nesse sentido, o bairro já não possui mais um espaço uniforme; atualmente é composto de lugares mais populares, residências de pequeno e médio porte, uma rede de negócios pequenos e médios que coexistem com grupos sociais distintos. Entretanto, pode-se perceber que o modo de vida comunitário se mantém em determinados locais.

À medida que as cidades crescem e se modernizam, parece aumentar a violência, o individualismo e o racionalismo, com o submergir do emocional, dos laços de amizade e compadrio (KOURY,2002). Parece fazer surgir, assim, uma sociedade pautada na cultura do medo e na banalização da violência, que compõe uma sociabilidade individualista, tal qual vem ocorrendo no bairro de Cruz das Armas.

Nesse sentido, a sociedade recria formas de sociabilidade, fundando novos processos de reconhecimento e identidade, novas maneiras de semelhança e dessemelhanças, novas formas de compartilhamento de segredos, e novos processos de estranhamento dentro desse novo espaço que se reconstrói, face aos elementos que se instauram no meio social vivenciado.

Os indivíduos buscam, assim, de outras maneiras, suprir as necessidades causadas por esse novo contexto, onde o medo, o individualismo e a solidão se fazem presentes. Embora o racionalismo da sociedade moderna venha tomando grandes proporções e camuflando o emocional, cada vez mais, este não pode simplesmente ser abandonado, passando a externar-se de forma distinta da tradicional. Este fato faz com que acabe por existir uma mistura entre velhos e novos valores (KUMAR, 1997). Seja como for, o homem é um ser social e, mesmo que seja através de uma cultura permeada pelo medo, busca sempre pertencer a determinada forma de sociabilidade.

Com o vácuo criado pela finalização, escasseamento ou transformação das festividades, do lazer, da cultura em Cruz das Armas, os moradores se vêem cada

vez mais isolados tanto uns em relação aos outros quanto em relação ao próprio bairro. Mas, eles não aceitam tal situação passivamente.

O bairro de Cruz das Armas, nestes termos, vem tentando reconstruir sua imagem tanto para com a cidade de João Pessoa, como para os seus próprios moradores, tentando não abandonar totalmente as formas de relações tradicionais que fundam a sociabilidade local. Buscam não deixar morrer o espírito de comunidade, pautada num modo comportamental específico, mas também, não deixando de perceber, visualizar e, de algumas maneiras, até mesmo, reagir ou adequar-se ao novo rumo que o global vem tomando, qual seja, a modernidade e os valores inseridos por esta.

Assim, os moradores de Cruz das Armas vão criando mecanismo de conviver com a modernidade, o individualismo, a violência e o medo que aos poucos vem assolando o cotidiano do bairro.

Mesmo sem as festas que apresentavam um caráter integrador e socializador no bairro, os moradores não se dão por vencidos e tentam restaurar essa coesão sobre outros aspectos, incorporando novas formas de festa, ou a festa sobre outra perspectiva. Amaral (1998: 3) nos mostra esse novo/velho caráter de festa que, ao que parece, vem sendo incorporado ao novo cenário que se instala em Cruz das Armas: “A festa é ritual, divertimento e ação política ao mesmo tempo. Ela reaviva as velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios”.

Essa conceituação de festa nos remete de forma clara ao que vem ocorrendo no bairro com a ação organizada através do Movimento Paz e Cidadania. Este movimento incorpora elementos tradicionais das antigas festas, mas vai além deles, pautando-se em uma ação política. Em suma, o bairro de Cruz das Armas vem tentando reconstruir sua identidade e sua imagem diante dessa nova realidade em que se vê inserido através do restabelecimento de laços e tradições por meio de fenômenos que

nos remetem à cultura e ao lazer como meio de coesão social e não apenas como forma de entretenimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, W.; OCTÁVIO, J. *Uma cidade de quatro séculos: evolução e roteiro*. Editora da Fundação Cultural do Estado da Paraíba, João Pessoa, 1989.
- AGUIAR, W. *Cidade de João Pessoa: a memória do tempo*. 3 ed., Edições FUNESC Idéia, João Pessoa, 2002.
- AGUIAR, W. *Cidade de João Pessoa: a memória do tempo*. 4 ed., Edições FUNESC Idéia, João Pessoa, 2003.
- AYALA, M.; AYALA M. I. N. *Cultura Popular no Brasil - perspectivas de análise*. São Paulo: Ática, 1987.
- AMARAL, R. de C. *Festa à Brasileira. - Significados do festejar, no país que "não é sério"*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1998.
- ARANTES, A. A. *O que é cultura popular*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense (coleção primeiros passos, 36), 1990.
- BALANDIER, G. O imaginário da modernidade. In: *O contorno – Poder e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BENJAMIN, W. "Paris, capital do século XIX". In: F. Kothe. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. "A Paris do segundo império em Baudelaire". F. Kothe. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1986.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz editor, 1979.
- CHAGAS, W. F. *Prática Política e transformações no cotidiano dos trabalhadores em João Pessoa, na década de 1930*. Mestrado em História, UFPE, 1996.
- CHAUÍ, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 3 ed. São Paulo: Moderna, 1982.
- CIACCHI, A. A história somos nós: reflexões sobre histórias de vida, autobiografia, cultura popular, narradores e pesquisadores. *Política e Trabalho*, n.13, João Pessoa, 1997.
- COULON, A. *A escola de Chicago*, São Paulo: Papirus, 1995.
- DAMATTA, R. *A Casa e a Rua*. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1997.

- _____. "O ofício de Etnólogo, ou como Ter Antropological Blues". In: E. Nunes. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- DEBERT, G. "Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral". In: R. C. L. Cardoso. *A aventura antropológica – teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- DURHAM, E. R. "A pesquisa antropológica com populações urbanas. Problemas e perspectivas." In: R. C. L. Cardoso. *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- ECKERT, C. "A Cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre". *Iluminuras*, 18, 2000.
- _____. "Cultura do medo e cotidiano dos idosos porto-alegrenses". *RBSE*, v.2, n.4, pp.34-71, João Pessoa, GREM, Abril de 2003. <http://www.rbse.rg3.net>
- ECKERT, C. e ROCHA, A. L. C. da. *Premissas para o estudo da memória coletiva no mundo urbano contemporâneo sob a ótica dos itinerários de grupos urbanos e suas formas de sociabilidade*, 1999.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. V. 1, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2000.
- _____. *O Processo Civilizador*. V. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.
- FEATHERSTONE, M. A globalização da complexidade: pós-modernismo e cultura de consumo. *RBCS*. 1996.
- _____. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Nobel, 1995.
- FERREIRA, M. de M. e AMADO, J. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- GARCÍA CANCLINI, N. *As culturas populares no capitalismo*. Trad. C. N. P. Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GUARINELLO, N. L. "festa, trabalho e cotidiano". In: I. Jancsó e I. Kantor. *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Vol.II, 2001.
- GIACOMAZZI, M. C. *O cotidiano da Vila Jardim: um estudo de trajetórias, narrativas biográficas e sociabilidades sob o prisma do medo na cidade (Porto Alegre, RS)*. 2. Vols. Tese de Doutorado, Porto Alegre, PPGAS-UFRGS, (Vols. I e II), 1997.
- GIDDENS, A., BECK, U., LASH, S. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1995.
- GIL, C.A. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOFFMAN, E. *Estigma. Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4 ed, Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

- _____. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GOHN, M. da G. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 2002.
- HAGUETTE, T. M. "A história oral". In: *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 117-184.
- HUYSSSEN, A. "Mapeando o pós-moderno", In: H. B. de Hollanda. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- HONORATO, R. *Se essa cidade fosse minha... A experiência urbana na perspectiva dos produtores culturais de João Pessoa*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1999.
- IBGE. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. <http://www.ibge.gov.br>
- IBGE. Censo Demográfico 2000 - Resultados do universo. <http://www.ibge.gov.br>
- JEZINE, E. M. *Universidade e saber popular. O sonho possível*. João Pessoa: Autor Associado/Edições CCHLA/UFPB, 2001/2002.
- KOURY, M. G. P. As fronteiras da pertença. Um estudo sobre Medos e Sociabilidade entre um grupo de jovens no urbano brasileiro contemporâneo. *RBSE*, v.3, n.7, pp.39-54, João Pessoa, GREM, Abril de 2004.
- _____. As violências invisíveis: Paraíba - 1993. *Política e Trabalho*, 1986.
- _____. Confiança e Sociabilidade, uma análise aproximativa da relação entre medo e pertença. *RBSE*, v. 1, n. 2, pp. 171-206, João Pessoa, GREM, agosto de 2002.
- _____. "Diferenciação entre o bem e o mal: pobreza, violência e justiça". In: A. B. Motta, et al. *Nordeste, o que há de novo?* Natal: Ed. Universitária, 1988.
- _____. Enraizamento, pertença e ação cultural. *Cronos*, v. 2, n.1, janeiro/junho de 2001.
- _____. (org). *Medos Corriqueiros e Sociabilidade*. Editora Universitária, GREM, João Pessoa, 2005.
- KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à sociedade pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1997.
- LAVILLE, C. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad. H. Monteiro e F. Settineri. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

- LEITE, R. P. *Espaço Público e Política dos Lugares - usos do Patrimônio Cultural na Reinvenção Contemporânea do Recife Antigo*. Tese de Doutorado. 2001
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n.49, 2002.
- _____. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole", In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*, São Paulo: Edusp, 1996.
- _____. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. *O lazer na cidade*. s/d.
- MENEZES, M. Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais. *Horizontes Antropológicos*. V.6, n.13, 2000.
- MINAYO. M. C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo, Rio de Janeiro: Hucitec/ Abrasco, 1994.
- MIZRACH, S. *Primitivos modernos: a acelerada colisão entre o passado e o futuro na era pós-moderna*. s/d.
- ORTIZ, R. *Cultura e Mundialização*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Cultura, modernidade e identidades. In: F. C. Scarlatto et al. *Globalização e espaço latino-americano*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1994, pp.20-27.
- PEREZ, L. F. *Por uma antropologia da festa: reflexões sobre o perspectivismo festivo*. Texto apresentado na XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, 2004.
- POTENGY, G. PAIVA, V e CATRO, E. G. de. Produzindo novas identidades: fragmentação do trabalho e do consumo e novos estilos de vida na sociedade contemporânea. In: V. Paiva. *O mundo em mudança: virando o milênio*. Rio de Janeiro, Contemporaneidade e educação, ano IV, n.6, 1999.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos Oraís: do indizível ao dizível, In: *Experimentos com histórias de vida*, São Paulo: Vértice, 1988.
- ROSA, G. M. G. R. *Olhar a diferença: percurso antropológico pelas imagens das margens sociais*. s/d.
- SARTI, C. A. *Ambivalência entre iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres*. Trabalho apresentado no XVIII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 1994.
- SCHEFF, T. J. Três Pioneiros na Sociologia das Emoções. *Política e Trabalho*, João Pessoa: PPGS/UFPB, n. 17, 2001.

- SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SIMMEL, G. "Fragmento sobre o amor (Escritos póstumos)", In: *Filosofia do Amor*, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. "O Segredo". *Política e Trabalho*, João Pessoa: PPGS/UFPB, n. 15, 1999.
- _____. "A metrópole e a vida mental", In: Gilberto Velho. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- _____. "Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal." *Georg Simmel: sociologia*. São Paulo, Ática, 1983.
- SOUZA, A. C. P. de. *Uma análise de Cruz das Armas sob a ótica do medo*. Monografia apresentada no DCS/UFPB, João Pessoa, 2003.
- SOUZA, J. "A sociologia dual de Roberto DaMatta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?". *RBCS*, V.16, n.45, fevereiro de 2001.
- THERBORN, C. "Dimensões da globalização e a dinâmica das (dês) igualdades". In: P. Gentili. *Globalização excludente: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- THOMPSON, P. *A voz do passado*. Introdução à história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VELHO, G. "Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica" In: G. Velho e M. Alvito. *Cidadania e Violência*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 2000.
- _____. Individualismo, anonimato e violência na metrópole. *Horizontes Antropológicos*, ano 6, n.13, 2000.
- _____. "Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades complexas". In: *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- _____. "Cultura enquanto heterogeneidade: biografia e experiência social". In: *Subjetividade e Sociedade, uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____. "O Antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia". In: *O Desafio da Cidade – Novas Perspectivas da Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- VELHO, & MACHADO, "*Organização Social do Meio Urbano*". In: Anuário Antropológico 76, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.1977.

VELHO, G. e KUSCHNIR, K. *Pesquisas urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. In: *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.

XIDIEH. O. E. et al. *Catálogo da feira nacional da cultura popular*. São Paulo: SESC, 1976.

ZALUAR, A. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. *RBCS*, v. 12, n. 35, 1997.

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. A pessoa e o bairro (por que gosta, porque não gosta, quando chegou, o que se passou desde então – mudanças desde a estrutura viária, expansão ou encolhimento do bairro, transformações havidas: mais comércio, mais violência, mais integração, mais camaradagem, etc.).
2. A pessoa e as relações infra-estruturais (o que o bairro fornece – desde escolas, igreja, mercearia, mercado público, transporte, lazer, etc.) como o entrevistado se relaciona com estas estruturas, e como vê a sua família e o próprio bairro em relação a elas.
3. A pessoa, o bairro e a questão da segurança (piorou, melhorou, a mesma, por quê? Que tipos de violência – assaltos, perigo de andar na rua, trânsito, drogas, etc.). Policiamento, como a pessoa sente que o bairro está se virando para se proteger – desde muros altos, porteiros eletrônicos, cercas elétricas, etc., até as estratégias de sair de casa, tipo: ninguém sai sozinho, anda em grupo, não sai a noite, tem arma em casa ou sai armado, etc.
4. O bairro e os sub-bairros dentro dele. Existe um único bairro ou existem vários bairros no mesmo? Estigmas, formas de apreensão de bairro, tipos de controle interno das pessoas moradoras entre si.
5. O bairro e os seus limites. Perigos possíveis, medos das fronteiras ou regiões fronteiriças, a violência mora ao lado, etc. Ou, o contrário, o vizinho é melhor, melhorou o ambiente do bairro, etc.
6. A pessoa no bairro. Relações entre os moradores. Associações entre eles, formas de solidariedade, brigas, partilhas, amizade, inimizade, etc. Relações de medo ou de júbilo.
7. Por fim, o bairro na cidade. Como a pessoa vê o bairro em relação a João Pessoa e João Pessoa em relação ao bairro.

FICHA PARA COLETA DE NOTÍCIAS DE JORNAL

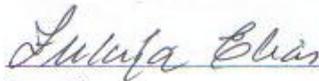
Nº FICHA:		DATA DA COLETA:	
JORNAL:	DATA DO JORNAL	CADERNO	PÁGINA
TEMA		TOTAL FOTOS:	COL.: P&B:
FOTÓGRAFOS:			
MANCHETE PRINC.:			
MANCHETES SEC.:			
LEGENDAS FOTOS:			
RESUMO DA NOTÍCIA:			
COMENTÁRIOS:			

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

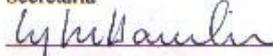
- 1) Dados pessoais: nome, idade, profissão e relação com o bairro;
- 2) Você poderia me falar como o bairro vem mudando ao longo dos anos?
- 3) Eu gostaria que você me falasse sobre o lazer aqui no bairro, durante o período em que você conviveu aqui.
- 4) Qual a relação dessas mudanças com o lazer aqui em Cruz das Armas?
- 5) Como você vê essas mudanças, o lazer e a relação que os moradores tem aqui, ou seja, você acha que essas mudanças interferem, de alguma maneira, no cotidiano de vocês, nas relações de vizinhança...?
- 6) Sobre esses movimentos de resgate da cultura e do lazer aqui no bairro. Você já ouviu algo sobre o assunto? Qual a sua relação com esses movimentos?
- 7) Você estaria disponível para participar de uma outra entrevista um pouco mais aprofundada? Se sim, deixar contato.

Ata da Sessão de Arguição da Dissertação de ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA, do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco.

Aos vinte e um dias do mês de março de dois mil e seis, reuniram-se na Sala de Seminários do 12º andar, do prédio do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, os membros da Comissão designada para o Exame de Dissertação de ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA intitulada: *“POR ONDE ANDAM AS FESTAS? Um estudo sobre a (Re)Organização Social dos Moradores de Cruz das Armas, João Pessoa – (PE)”*. A Comissão foi composta pelos Professores: **Dra. Cynthia Hamlin - Presidente/orientadora; Dr. Lady Selma Albernaz – Titular Externa – PG em Antropologia; Dra. Salete Barbosa Cavalcanti – Titular Interna – PPGS;** Dando início aos trabalhos a Professora Cynthia Hamlin explicou aos presentes o objetivo da reunião, dando-lhes ciência da regulamentação pertinente. Em seguida passou a palavra à autora da Dissertação, para que apresentasse o seu trabalho. Após esta apresentação, cada membro da Comissão fez sua arguição, seguindo-se a defesa da candidata. Ao final da defesa, a Comissão Examinadora retirou-se, para em secreto, deliberar sobre o trabalho apresentado. Ao retornar a Professora Cynthia Hamlin, presidente da mesa e orientador da candidata solicitou que fosse feita a leitura da presente Ata, com a decisão da Comissão aprovando a **Dissertação por unanimidade**. E, nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada por mim, secretária do Programa, pelos membros da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 21 de março 2006.



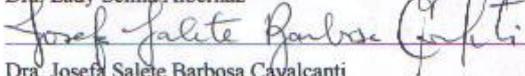
Secretária



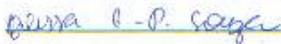
Dra. Cynthia Hamlin



Dra. Lady Selma Albernaz



Dra. Josefa Salete Barbosa Cavalcanti



Alessa Cristina Pereira de Souza